



BULLYING E DESEMPENHO ESCOLAR DE
ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS PARNAÍBA
Um Estudo de Caso

EROTIDES ROMERO DANTAS ALENCAR

São Paulo

2018

EROTIDES ROMERO DANTAS ALENCAR

BULLYING E DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DO
PIAUÍ CAMPUS PARNAÍBA: UM ESTUDO DE CASO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias

São Paulo

2018

Alencar, Erotides Romero Dantas.

Bullying e desempenho escolar de alunos do Instituto Federal do Piauí *Campus* Parnaíba: um estudo de caso. / Erotides Romero Dantas Alencar. 2018.

156 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a. Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

1. Bullying. 2. Experiências. 3. Subjetividade. 4. Pensamento complexo.

I. Dias, Elaine Teresinha Dal Mas. II. Título

CDU 37

EROTIDES ROMERO DANTAS ALENCAR

BULLYING E DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DO
PIAUÍ CAMPUS PARNAÍBA: UM ESTUDO DE CASO

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Educação -
PPGE da Universidade Nove de Julho -
UNINOVE, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Educação, pela
Banca Examinadora, formada por:

Orientadora: Prof. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias
Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

Titular I: Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri (UNINOVE)

Titular II: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (UFPI)

Suplente I: Prof. Dr. José Eustáquio Romão (UNINOVE)

Suplente II: Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima (UFPI)

Mestranda: _____

Aprovado (a) em ____/____/____

Dedico este trabalho ao meu maior guia, Deus; à compreensão de meus familiares, amigos, colegas de trabalho e alunos do IFPI, em minhas ausências; aos meus grandes amores, Pablo e Emanuel, com admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias, exemplo de orientadora, de psicóloga e de docente. Por ter acreditado em minha pesquisa e, diante da novidade de uma orientação à distância, com paciência e dedicação, ter me possibilitado tanto aprendizado.

Agradeço aos alunos, que permitiram desnudar suas experiências e sentimentos perante mim.

Agradeço ao Instituto Federal do Piauí (IFPI), em nome do reitor Prof. Dr. Paulo Henrique Gomes de Lima, por ter ofertado o Mestrado Interinstitucional em Educação em parceria com a UNINOVE.

Agradeço à caminhada em companhia de meus colegas de Minter, turma de pessoas tão diferentes e tão maravilhosas em suas singularidades. Amei conhecê-los. Sentirei saudades.

Agradeço, especialmente, ao meu marido Pablo e ao meu filho Emanuel, pelo suporte e fé em mim, mesmo quando eu desacreditava.

Agradeço aos meus pais e familiares e amigos, que nos momentos de desânimo, sempre me estimulavam a continuar. Vocês são fontes de inspiração e a minha maior torcida.

Os meus mais sinceros agradecimentos a Deus pela experiência da vida e desafios tão necessários para minha transformação e crescimento pessoal.

“Mamãe, eles me deram apelidos,
Eles não me deixavam jogar.
Eu corria pra casa,
Sentava e chorava quase todos os dias.
Ei, Jessica, você parece um alien
Com a pele verde
Você não se encaixa nesse cercado.
Oh, eles puxaram meu cabelo,
Eles arrastaram minha cadeira.
Eu fico quieta e finjo que não me importei
Hey, Jessica, você é tão engraçada,
Você tem dentes iguais ao do Pernalonga.”

(Tradução livre: Who's Laughing Now? – Jessie J)

ALENCAR, Erotides Romero Dantas. *Bullying e Desempenho Escolar de alunos do Instituto Federal do Piauí, campus Parnaíba: um estudo de caso*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho.

RESUMO

Todos os dias, alunos no mundo todo sofrem com um tipo de violência, mascarada na forma de brincadeira. Hoje é sabido que ela pode acarretar sérias complicações ao desenvolvimento psíquico, gerando desde fragilidade egóica até, em casos mais extremos, suicídios e homicídios em série. A repetição intencional de atribuir apelidos aos colegas, aproveitando-se de características físicas marcantes; a provação por meio de zombarias, troças e/ou intimidações com o intento de causar reações explosivas podem originar sofrimento em muitos alunos e não são entendidas como brincadeiras, mas como *bullying*. A presente pesquisa teve como objetivo compreender, apoiando-se no pensamento complexo, como o fenômeno *bullying* se relaciona com o desempenho escolar de alunos vítimas dessa prática, em algum momento de sua trajetória de vida. Optou-se pela modalidade de estudo de caso, ancorada na pesquisa de abordagem qualitativa. O instrumento selecionado foi a entrevista aberta, na perspectiva de garantir a plena expressão dos sujeitos entrevistados. A pesquisa de campo ocorreu no mês de fevereiro de 2017, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – *campus* Parnaíba, com seis alunos do Ensino Médio, que se disponibilizaram a dar seus depoimentos. A investigação possibilitou verificar a existência do *bullying* na vida desses estudantes, desde a mais tenra idade durando até a adolescência, momento da vida em que se encontram. O fato de ser na escola faz com que o espaço escolar mude de significado para essas vítimas, deixando de ser um local de socialização e passando a ser considerado um ambiente hostil, onde são vivenciados momentos “traumáticos” geradores de ansiedade, tristeza e revolta. Dessa forma, o estudo deixa de ser prioridade para a vítima, que passa a se concentrar em evitar a situação e/ou em ser aceita por seus pares. Esta pesquisa possibilitou também compreender outros sentimentos como raiva, dor e angústia, bem como as formas de lidar com as situações de *bullying* vivenciadas. Concluímos que, no contexto escolar, o *bullying* se manifesta pelo desrespeito às diversidades, pela intolerância às diferenças e pela tentativa de hegemonia por meio do poder, acarretando sérias complicações ao desenvolvimento psíquico dos alunos, à autoestima e ao aprendizado, além de interferir na missão e significação da escola. Pensando na perspectiva de prevenção e de combate a esse problema, compreendemos que, muito mais do que tolerar as diferenças, é necessário fomentar no ensino a aceitação ao novo, o que de fato seria uma mudança de paradigma e de repensar a educação à luz do pensamento complexo.

Palavras-chave: *Bullying*. Experiências. Subjetividade. Pensamento complexo.

ALENCAR, Erotides Romero Dantas. Bullying and School Performance of Students of the Federal Institute of Piauí Campus Parnaíba: a Case Study. São Paulo, 2017. Dissertation (Master degree). Postgraduate Program in Education, Nove de Julho University.

ABSTRACT

Every day, students around the world suffer from a kind of violence, masquerading as a joke. Today it is known that it can lead to serious complications to psychic development, generating from ego fragility to, in more extreme cases, serial suicides and homicides. The intentional repetition of assigning nicknames to colleagues, taking advantage of outstanding physical characteristics; probation through mockery, mockery and / or bullies with the intent to cause explosive reactions can cause suffering in many students and are not understood as jokes but as bullying. The present research aimed to understand, based on complex thinking, how the bullying phenomenon is related to the school performance of students who are victims of this practice, at some point in their life trajectory. We chose the case study modality, anchored in the qualitative approach research. The instrument selected was the open interview, with a view to ensuring the full expression of the subjects interviewed. Field research took place in February 2017, at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí - Parnaíba campus, with six high school students, who made themselves available to give their testimonies. The investigation made it possible to verify the existence of bullying in the life of these students, from the earliest age until adolescence, at the moment of the life in which they are. The fact of being in school makes the school space change of meaning for these victims, from a place of socialization to a hostile environment, where they experience "traumatic" moments that generate anxiety, sadness and revolt. In this way, the study is no longer a priority for the victim, who focuses on avoiding the situation and / or being accepted by his / her peers. This research also made it possible to understand other feelings such as anger, pain and anguish, as well as ways of dealing with the situations of bullying experienced. We conclude that, in the school context, bullying is manifested by disrespect for diversity, intolerance of differences and the attempt to hegemony by means of power, causing serious complications to students' psychic development, self esteem and learning, as well as interfere with the mission and school significance. Thinking from the perspective of prevention and combating this problem, we understand that, rather than tolerating differences, it is necessary to foster acceptance in the new in education, which would in fact be a paradigm shift and rethinking education in the light of complex thinking.

Keywords: Bullying. Experiences. Subjectivity. Complex thinking.

ALENCAR, Erotides Romero Dantas. Bullying y Desempeño Escolar de Alumnos del Instituto Federal de Piauí Campus Parnaíba: un Estudio de Caso. São Paulo, 2017. Disertación (Maestría). Programa de Postgrado en Educación, Universidad Nueve de Julio.

RESUMEN

Todos los días, alumnos en todo el mundo sufren con un tipo de violencia, enmascarada en forma de broma. Hoy es sabido que puede acarrear serias complicaciones al desarrollo psíquico, generando desde fragilidad egóica hasta, en casos más extremos, suicidios y homicidios en serie. La repetición intencional de asignar apodos a los colegas, aprovechándose de características físicas marcantes; la prueba por medio de burlas, burlas y / o intimidaciones con el intento de causar reacciones explosivas pueden originar sufrimiento en muchos alumnos y no son entendidas como bromas, sino como bullying. La presente investigación tuvo como objetivo comprender, apoyándose en el pensamiento complejo, como el fenómeno bullying se relaciona con el desempeño escolar de alumnos víctimas de esa práctica, en algún momento de su trayectoria de vida. Se optó por la modalidad de estudio de caso, anclada en la investigación de abordaje cualitativo. El instrumento seleccionado fue la entrevista abierta, en la perspectiva de garantizar la plena expresión de los sujetos entrevistados. La encuesta de campo ocurrió en el mes de febrero de 2017, en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Piauí - campus Parnaíba, con seis alumnos de la Enseñanza Media, que se ofrecían a dar sus testimonios. La investigación posibilitó verificar la existencia del bullying en la vida de esos estudiantes, desde la más tierna edad durando hasta la adolescencia, momento de la vida en que se encuentran. El hecho de ser en la escuela hace que el espacio escolar cambie de significado a esas víctimas, dejando de ser un lugar de socialización y pasando a ser considerado un ambiente hostil, donde se vivencian momentos "traumáticos" generadores de ansiedad, tristeza y revuelta. De esta forma, el estudio deja de ser prioridad para la víctima, que pasa a concentrarse en evitar la situación y / o ser aceptada por sus pares. Esta investigación posibilitó también comprender otros sentimientos como rabia, dolor y angustia, así como las formas de lidiar con las situaciones de bullying vivenciadas. Concluimos que, en el contexto escolar, el bullying se manifiesta por el irrespeto a las diversidades, por la intolerancia a las diferencias y por el intento de hegemonía por medio del poder, acarreando serias complicaciones al desarrollo psíquico de los alumnos, a la autoestima y al aprendizaje, además de interferir en la misión y la significación de la escuela. Pensando en la perspectiva de prevención y de combate a este problema, comprendemos que, mucho más que tolerar las diferencias, es necesario fomentar en la enseñanza la aceptación a lo nuevo, lo que de hecho sería un cambio de paradigma y de repensar la educación a la luz del " pensamiento complejo.

Palabras claves: Bullying. Experiencias. Subjetividad. Pensamiento complejo.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

.....
78

QUADRO 2 – SÍNTESE DA CATEGORIA AS EXPERIÊNCIAS DE BULLYING

.....
94

QUADRO 3 – SÍNTESE DA CATEGORIA SINTOMAS PARA ALÉM DA ESCOLA

.....
112

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEATS – Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor

CEB – Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

CPD – Centro de Processamento de Dados

FIA – Fundação Instituto de Administração

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFPI – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

LIPEFH – Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana

MEC – Ministério da Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UNINOVE – Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO.....	14
Revisão da literatura: o que dizem as pesquisas acadêmicas	19
1 O BULLYING ESCOLAR	29
1.1 Histórico, nomenclatura e definição do <i>bullying</i>	31
1.2 Tipologia, manifestações, categorias do <i>bullying</i>	34
1.3 Compreensão das causas do <i>bullying</i> escolar.....	40
1.4 Programas de combate e intervenções contra o <i>bullying</i>	44
1.5 Bullying e desempenho escolar	49
2 O BULLYING NA ÓTICA DO PENSAMENTO COMPLEXO	54
2.1 Princípios operacionais do pensamento complexo	57
2.2 A reforma do pensamento	60
2.3 Possibilidades para a reforma do pensamento	64
2.4 Sobre o sujeito e a subjetividade	69
3 CAMINHOS PERCORRIDOS: pressupostos metodológicos	75
3.1 Contextualizando: a escola e os sujeitos da pesquisa	77
3.2 Procedimentos e instrumentos para a coleta e análise dos dados.....	79
4 AS VÍTIMAS DE BULLYING: assujeitamentos e superações	83
4.1 A experiência do <i>bullying</i>	83
4.1.1 Momentos em que o <i>bullying</i> acontecia (aspecto temporal)	83
4.1.2 De que forma o <i>bullying</i> ocorria (aspecto fático)	86
4.1.3 Por quais motivos ele se manifestava (aspecto causal)	89

4.2 Sintomas para além da escola.....	97
4.2.1 Sentimentos contraídos em decorrência do <i>bullying</i> escolar.....	97
4.2.2 Repercussões do <i>bullying</i> no desempenho escolar.....	104
4.2.3 Formas de enfrentamento.....	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	127
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	129
APRESENTAÇÃO	

Nosso desafio será acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem esquecer que temos em mãos seres humanos em formação. Precisamos de uma educação mais humanista, voltada para o ser humano em suas características de um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção (ROSSINI, 2002, p. 13).

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu em decorrência dos atendimentos psicológicos realizados junto aos estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) - *Campus* Parnaíba, instituição da qual faço parte. Os alunos vítimas de *bullying* revelam, em geral, grande sofrimento psíquico, sentimentos de inadequação e incapacidade de sucesso escolar. Somando-se a isso, professores com frequência relatam desmotivação, indisciplina e baixo rendimento escolar das turmas.

O *bullying* foi tema de meus estudos no Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia, em 2007, intitulado “Bullying e Violência Moral: uma análise quali-quantitativa das escolas de Parnaíba”, orientado pela Profa. Ma. Luciana de Sousa Lima Soares. Muito me interessava esse estudo, tendo em vista que era uma temática recente e com pouca produção bibliográfica na época. Logo em seguida, dei continuidade à pesquisa nesse tema, investigando crianças vítimas dessa forma de violência e potenciais futuros agressores, que originou no artigo de conclusão de minha Especialização em Ciências Criminais, intitulado “Bullying: quando a vítima se torna agressor”, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Bedard.

Mais motivador ainda foi o fato de eu mesma ter sido vítima de *bullying* na infância e adolescência, tanto no ambiente escolar como familiar. Fui uma criança acima do peso e

corpulenta e isso interferia no julgamento das pessoas em relação a mim, que desde cedo me fizeram compreender que ser gordo era um problema. Na escola, não era incluída nas atividades esportivas e quando eu insistia, ouvia “lá vai uma bola atrás de outra bola”. Fui, com o tempo, acreditando nessa menos-valia até mesmo no que diz respeito aos relacionamentos amorosos quando ouvi de meu namorado, depois de já ter emagrecido, que “a maioria dos relacionamentos termina porque a mulher engorda”. Antes de completar 15 anos, emagreci 11 kg em um mês, tive um princípio de anorexia, mas, sentia-me bem, estava realizada, parecia que assim me encaixaria e seria aceita por meus pares e pelos meus familiares. Essa ideia só se confirmava, pois, coincidentemente, depois que emagreci, fui eleita pela primeira vez como líder de turma, depois de muitos anos me candidatando.

Considero que sempre fui petulante. Então, sempre tinha uma resposta para não me paralisar diante das agressões, mas, percebo o quanto introjetei a crença na relação de obesidade e problema, e como isso me afetou e ainda afeta.

Não me recordo se o *bullying* que sofri tenha afetado negativamente meu desempenho escolar. Desde muito cedo aprendi a me fortalecer diante das adversidades por mais dolorosas que fossem. Como meu marido me diz, aprendi a “amar com cicatrizes”.

Dessa forma, por ter sido uma vítima de *bullying* na época escolar em que sofria constantes humilhações por ser “gordinha”, por verificar como a temática é recorrente e perceber que vítimas e agressores precisam ser ouvidos, foi que mais uma vez me debrucei sobre essa temática e propus esta pesquisa, com a perspectiva de ampliar o conhecimento e as discussões pelas dimensões alcançadas na atualidade; professores e instituição escolar precisam estar constantemente ligados a essa temática. Por essas razões e por trabalhar com pessoas em processo de aprendizado e formação pessoal, que essa temática está tão presente em minha prática profissional e acadêmica.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o fenômeno da violência vemo-nos diante de um tema pertinente, desde a diversidade em relação à sua conceituação até as variadas formas de manifestação, bem como as influências em sua construção. Para Waiselfisz (2012), nas últimas décadas houve um alargamento do entendimento da violência, assumindo novos significados e sendo incluídos como violência acontecimentos considerados anteriormente como “práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais” (PORTO, 2000, p.190), como a violência intrafamiliar contra a mulher ou às crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas, etc.

Os primeiros estudos sobre a violência nas escolas datam de 1950, nos Estados Unidos, e de lá para cá “diversas das dimensões desse fenômeno passaram por mudanças e os problemas decorrentes assumiram maior gravidade”, como indicam Abramovay e Rua (2002, p.13). Segundo as autoras, antigamente a violência era tratada sob o foco da indisciplina, passando posteriormente a ser considerada expressão de comportamento antissocial e, mais recentemente, como resultante da globalização e exclusão social. Para elas, sua ocorrência expressaria:

A intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões). (ABRAMOVAY; RUA, 2002, 14).

Por conseguinte, a violência no espaço da escola pode ser justificada sob diversos aspectos e possui inúmeras causas, não sendo fácil fazer uma análise de todas. Azevedo (2004)

justifica, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatísticas, as causas da violência como oriundas de diversos fatores, dentre eles: a família, o meio e a escola. A autora compreende que a família faz parte dessa série de causas, por ser a primeira experiência de sociedade vivida pelo ser humano e, por isso, a violência seria expressão da aquisição de valores e modelos de conduta auferidos por crianças e jovens que os exteriorizam. O meio estaria incluído, através de problemáticas como pobreza, violência doméstica, alcoolismo, etc. Já a escola promoveria a violência por conta da formação de grupos e turmas que influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, como sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo (AZEVEDO, 2004). O certo é que não existe um único fator para comportamentos violentos entre os jovens. Não se pode atribuir tão somente à família ou ao meio as violências vividas e reproduzidas, porém, desconsiderar essa influência é no mínimo perder de vista o seu significado.

Embora houvesse estudos sobre a problemática da violência na escola desde os anos 1950, foi na década de 1980 que Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega, desenvolveu os primeiros critérios para detectar uma forma específica de violência escolar entre alunos, denominando-a de *bullying*. Olweus procurou diferenciá-lo de outras possíveis interpretações que envolviam indisciplina e brincadeiras saudáveis entre alunos.

Contudo, no Brasil, embora as agressões entre os estudantes fossem discutidas nas pesquisas sobre violência escolar e ainda que o termo *bullying* não fosse mencionado, somente a partir de 2005, há um crescente aumento no número de publicações que focalizam essa conduta, como afirma Machado Júnior (2016, p.15-16):

[...] o *bullying* ganha o *status* de autêntica preocupação para a educação. O estudo demonstrava a importante incidência do fenômeno, a necessidade de se combatê-lo e as possíveis estratégias para fazê-lo. Pouco depois, em 2005, Lopes Neto publica o artigo que seria o mais citado a respeito do tema. Mesmo ano em que Fante (2005) publica a obra que definitivamente firmará o *bullying* enquanto objeto ao qual se deveria dar atenção na educação, na saúde, na psicologia e ciências afins. Em 2008, temos a primeira publicação em revista científica relevante nas áreas de Psicologia e Educação. O uso do termo definitivamente se estabeleceu, ainda que até hoje se debata suas traduções e possibilidades de uso. Sua relação com o âmbito escolar é a mais recorrente na literatura especializada e parece ser a mais ‘confortável’ [...].

A literatura especializada no assunto, muitas vezes, se revela como manuais de detecção e prevenção do fenômeno. Definem-se conceitos, causas, consequências e os perfis de

alunos alvos, agressores e espectadores, além de definirem programas de prevenção. Uma das razões para o aumento das pesquisas sobre o tema deve-se ao impacto negativo na personalidade¹ e no aprendizado dos alunos, e consequentemente no funcionamento e significação da escola. A escola engloba uma variedade de disposições, estratos socioeconômicos, emoções e culturas. É, portanto, um local impregnado de heterogeneidade (MORIN, 2000). Infelizmente, o *bullying* “desestrutura representações sociais que têm valor fundador, por exemplo, a ideia de infância (associada à ideia de inocência) e a de escola (compreendida como refúgio de paz).” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.21).

Conceitualmente, segundo Lopes Neto (2005, p.126), o “bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”. Analisando o conceito dado pelo autor, nota-se que existem critérios para se constatar a presença de *bullying* – isso para que não se confunda o “problema” com as brincadeiras próprias do desenvolvimento infantil e juvenil (ROSSATO; ROSSATO, 2013).

O *bullying*, de certa maneira, afeta toda a sociedade e provoca dor, angústia e muitos outros sentimentos a quem sofre. Ele pode originar também o fracasso escolar e, em casos extremos, causar o suicídio (FANTE, 2005). Seja como agressor, como vítima ou até espectador, tais ações marcam, deixam cicatrizes imperceptíveis em curto prazo e, dependendo do nível e intensidade da experiência, causam frustrações e comportamentos desajustados, gerando, até mesmo, atitudes sociopatas (SILVA, 2010).

Como afirma Guareschi (2008, p. 17), o *bullying*:

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas crianças vítimas do *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar à escola quando esta nada faz em defesa da vítima.

¹ Personalidade é definida, segundo Perls, Hefferline e Goodman (1951-1997, p. 187) como “um sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais; é a admissão do que somos, que serve de fundamento pelo qual poderíamos explicar nosso comportamento, se nos pedissem uma explicação.”. O desenvolvimento da personalidade se dá na função do contato “organismo/ambiente” sendo considerado saudável quando esta flui criativamente enquanto interrupções, inibições e obstruções dificultam as possibilidades de contato consigo mesmo, com os outros e o mundo (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951-1997).

Para alguns autores (FRANCO, 2014; CARVALHO, 2011), caracterizar irrefletidamente as diversas formas de violência (física, verbal, social, sexual) entre pares como sendo *bullying*, generaliza e enfraquece o termo por incluir comportamentos indesejados entre estudantes, mas, que por não terem as características de serem constantes e por serem rapidamente esquecidos, não são *bullying*. Com isso, esses autores acreditam que há a simplificação de um fenômeno complexo.

Carvalho (2011, p.66) alerta que

[...] [a palavra *bullying*] aparece como uma palavra mágica, capaz de esclarecer toda sorte de condutas que causariam humilhação, dor e mal [...] E ao assim fazer parece ter o dom de nos dispensar de pensar na complexidade e particularidade de cada caso, de refletir sobre o desafio prático que sua singularidade nos propõe. Está tudo explicado: é *bullying*!

Para outros autores (NATALO, 2014; ANTUNES, 2010), existe uma naturalização do termo, fato que beira a considerar como um problema impossível de ser solucionado. Mais ainda, com o entendimento de que se usa o *bullying* para encobrir um sintoma social de desresponsabilização dos adultos em relação aos conflitos produzidos entre crianças e adolescentes. Esse fato leva à omissão e à invisibilidade quanto ao mal-estar contemporâneo da educação dessas crianças e adolescentes (NATALO, 2014).

Entende-se que várias são as formas de se tratar esse fenômeno e nenhuma delas o nega. Concorde-se com Franco (2014) que não se deve adotar uma visão simplista a respeito do *bullying*, haja vista que sua existência e propagação têm afetado o desenvolvimento saudável dos sujeitos que são por ele atingidos. Portanto, investigar esse fenômeno pede “a busca e a elaboração de metapontos de vista, que permitam a reflexividade e comportam especialmente a integração observador-conceitualizador na observação-concepção e a ‘ecologização’ da observação-concepção no contexto mental e cultural que é o seu.” (MORIN, 2000, p.31).

As escolas são espaços próprios não só para a aquisição de conhecimentos, mas, para a construção coletiva e permanente das condições favoráveis para o pleno exercício da cidadania. Sendo assim, é de suma importância que se compreenda o fenômeno *bullying*, pois tal entendimento é condição precípua para que intervenções eficazes possam ser realizadas, levando, assim, à construção de um ambiente escolar que efetivamente favoreça o desenvolvimento do educando e a formação humana, como compreende Severino (2010):

Sem a menor dúvida, a educação só pode encontrar sua legitimidade quando assume como compromisso radical a formação humana [...] A ideia de formação é aquela do atingir um modo de ser, ao longo do devir histórico da pessoa, modo de ser que se caracteriza por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, uma situação de maior humanidade possível.

Apoiados nesse discurso, estudos sobre o *bullying* são de grande relevância social, já que é um fenômeno que pode promover prejuízos na significação da instituição escolar, no desempenho e bem estar dos estudantes.

Esta pesquisa insere-se na Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana (LIPEFH) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho. Essa linha trabalha transdisciplinarmente, estudando e investigando a realidade educacional, partindo do entendimento da educação como processo de formação humana pela mediação de subsídios da reflexão teórica, nas dimensões pessoal e social. Coaduna-se com a ideia de que “o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1996, p. 15).

A presente pesquisa teve como objetivo compreender, apoiando-se no referencial teórico de Edgar Morin (2000, 2002, 2004, 2005, 2014, 2015), como o fenômeno *bullying* se relaciona ao desempenho escolar. À vista disso e partindo das experiências² de alunos que estão no ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) - *Campus Parnaíba*, e que foram vítimas dessa violência em algum momento de sua trajetória de vida, pretendeu-se verificar, sob o ponto de vista dos sujeitos entrevistados, como o *bullying* interfere no desempenho escolar.

Optou-se pela modalidade de estudo de caso, ancorada na pesquisa qualitativa, pois, concordamos com Minayo (2008), quando diz que as abordagens qualitativas se conformam melhor às investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores. O instrumento selecionado para a coleta de dados foi a entrevista aberta, na perspectiva de garantir a plena expressão dos sujeitos entrevistados. A análise das entrevistas foi realizada de acordo com a proposta de Szymanski, Almeida e Prandini (2011),

² Para Perls, Hefferline e Goodman (1951-1997, p. 41), “a experiência se dá entre o organismo e seu ambiente, primordialmente a superfície da pele e os outros órgãos de resposta sensorial e motora. A experiência é função dessa fronteira, e psicologicamente o que é real são as configurações inteiras desse funcionar, com a obtenção de algum significado e a conclusão de alguma ação.”.

compreendendo os depoimentos de forma mais ampla, indo além dos significados imediatos e estabelecendo categorias temáticas a partir das respostas emitidas.

Esta Dissertação está organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo “O *bullying* escolar” apresenta-se o *bullying* escolar, tomando como base a Lei de nº 13.185, que instituiu o “Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*)”. A lei caracteriza claramente as situações de agressão física, moral e psicológica que podem ser consideradas *bullying* e estabelece regras para definir casos de intimidação realizados por meio da internet. É partir desta lei que são apresentados o histórico do fenômeno, a nomenclatura e a definição; as tipologias e as categorias de manifestação; bem como suas causas, consequências e formas de intervenção utilizadas. Também se discorre sobre o significado de desempenho escolar para fins desta pesquisa e o que a literatura versa acerca da influência do *bullying* no indivíduo.

No segundo capítulo “O *bullying* na ótica do pensamento complexo”, traz o referencial teórico pautado no pensamento complexo proposto por Edgar Morin, apresentando seus princípios operacionais, a proposta da reforma do pensamento, os sete saberes necessários à educação do futuro e as noções de sujeito e subjetividade que auxiliam na compreensão do *bullying* escolar.

No terceiro capítulo “Caminhos percorridos: pressupostos metodológicos”, são apresentados os procedimentos metodológicos para um estudo de caso; a contextualização e o projeto político da escola selecionada; a caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa; e os procedimentos e instrumentos para a coleta e análise dos dados.

No quarto capítulo “As vítimas de *bullying*: assujeitamentos e superações”, abordaram-se a análise e a discussão dos resultados encontrados, de acordo com as categorias temáticas elaboradas a partir dos depoimentos colhidos nas entrevistas.

No quinto e último capítulo, explanaram-se as considerações finais sobre a pesquisa realizada, as reflexões suscitadas e as novas possibilidades de pesquisa com enfoque para a problemática aqui estudada.

Revisão da literatura: o que dizem as pesquisas acadêmicas

A revisão da literatura referente ao tema a que se propõe esta investigação foi realizada no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) considerando o período de 10 anos, entre 2006 e 2016.

Inicialmente, utilizaram-se os marcadores “*bullying*” e “desempenho escolar” para a busca, não obtendo resultados em ambos os acervos, o que possivelmente poderia revelar ausência de estudos sobre essa problemática. Contudo, procurou-se substituir o marcador “desempenho escolar” pelo marcador “experiência”, relacionando *bullying* à experiência, que resultou na identificação de duas dissertações no BDTD. Considerando, porém, um número insuficiente para revisão de literatura, optou-se por realizar uma nova busca, utilizando-se apenas a palavra *bullying* como título, da qual resultaram 106 trabalhos, sendo 86 dissertações e 20 teses, no BDTD; e 305 trabalhos no banco de dados da CAPES. A partir do levantamento das pesquisas, foi desenvolvida a leitura dos títulos de todos os trabalhos identificados. Por conseguinte, foram selecionados para leitura e análise do resumo todos aqueles que traziam no título, combinados ou não, os seguintes termos: impacto, repercussões, experiência, subjetividade. Em seguida, foram lidos os trabalhos com pesquisas qualitativas que abordassem características subjetivas acerca dos impactos do *bullying* para as vítimas. Alguns desses trabalhos merecem ser destacados porque os temas se aproximam, em alguns aspectos, da problemática investigada nesta pesquisa.

Em 2012, a dissertação de Thayse Emanuelle Menezes dos Santos, com o título “As implicações do bullying nas subjetividades de adolescentes de uma escola pública de Teresina-PI”, remete às consequências do *bullying* sobre as vítimas. A autora realizou uma pesquisa qualitativa com o objetivo principal de desvendar as repercussões do *bullying* relacionando-o com a formação das identidades de adolescentes. Em seu trabalho, descreveu fatores desencadeantes das práticas de *bullying*; elencou os múltiplos discursos proferidos sobre esta temática; e realizou um levantamento das ações produzidas, visando ao enfrentamento do *bullying* nas escolas. Em sua análise, a autora revela que tanto o conceito de *bullying* quanto os aspectos que contribuem para a sua incidência relacionam-se diretamente com as violências generalizadas do cotidiano. Segundo o estudo, a naturalização de comportamentos violentos pela cultura de massa é um dos fatores que reforça a banalização da violência, pois há uma cultura do medo, da desconfiança, da competitividade, da insegurança, da representação do outro como inimigo, particularmente quando se pertence a um universo social e cultural diferente. A autora utiliza de uma perspectiva construcionista para analisar as entrevistas.

Afirma que emergiram sentidos sobre a vulnerabilidade social; falta de diálogo; a falta de “voz ativa na família”; afetividade; autoridade, principalmente relacionada à família; valores para distinguir o certo do errado; diferenciação entre brincadeiras e *bullying* e culpa. Entende que a identidade se expressa na forma como nos tornamos alguém, em determinada composição de grupo, etnia, raça, gênero, família ou profissão; é fluída, intercambiante, inscrevendo-se em zonas de fronteiras, nas quais os encontros com a diferença fazem com que se constituam, permanentemente, novas combinações. Ademais afirma que como nas agressões do *bullying* o verbo “ser” é central: “ele é esquisito”, “ele é feio”, “ele é chato”; as características que são alvejadas pelo escárnio alheio são marcas viscerais do seu portador. Aquilo que ele tem de mais íntimo e subjetivo é atingido e as sequelas são os sinais do sofrimento e da dor. Afirma que a identidade estigmatizada destrói atributos e qualidades dos sujeitos, controlando suas ações, enfatizando seus desvios e ocultando o caráter ideológico dos estigmas. Para ela, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução pelo idêntico, oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim, do ruído social, dos conflitos entre diferentes agentes e lugares de socialização. Reconhece que a ausência de intervenções contra o *bullying* proporciona um ambiente escolar contaminado. Nesse sentido conclui que a formação das identidades desses alunos sofrem influências das variáveis envolvidas nas práticas de *bullying*. Considera ser necessário o engajamento da escola, família e da sociedade em busca de estratégias a partir de cada contexto sociocultural, uma vez que não há um modelo pronto que servirá para todos. Nesse ponto, o enfrentamento do *bullying* aponta para a perspectiva de uma resposta social mais ampla através da organização da sociedade civil. Para além do próprio alvo, da sua família e da escola, os movimentos sociais devem incorporar uma questão que é política e transversal aos temas com os quais eles lidam.

O estudo de Karoline Moraes Rossini de Oliveira, defendida em 2012 e intitulada “Experiências de adolescentes com Bullying Escolar e análise fenomenológica de suas vivências”, do mesmo modo cooperou com esta pesquisa. De natureza quantitativa e qualitativa, fundamentado em análises estatísticas e no método fenomenológico de investigação, verificou não só a necessidade de diagnosticar os acontecimentos de *bullying*, como de compreender mais profundamente o sofrimento das vítimas. O estudo quantitativo visou identificar casos de vítimas de *bullying*, seu percentual na amostra e sua significância estatística. O estudo qualitativo, por meio do método fenomenológico de coleta e análise dos dados, trouxe em

evidência a participaram seis alunos selecionados de acordo com critérios definidos, que foram individualmente entrevistados. Os resultados quantitativos mostraram que 54% da amostra relatou ter sido vítima de *bullying*. A escola foi mais apontada como local do *bullying*, sendo o tipo verbal o mais utilizado pelos próprios colegas da escola. Contudo, não foi encontrada diferença estatística significativa quanto ao gênero com relação aos quesitos: ter sofrido *bullying*, tipo de *bullying*, grau de sofrimento, reação da vítima e ao fato de buscar ajuda. Na etapa qualitativa, foi empreendida uma investigação mais aprofundada acerca da vitimização sofrida; da percepção das ocorrências dessa violência pelas vítimas; dos sentimentos envolvidos na vitimização; do comportamento e reação das vítimas na situação sofrida; e do enfrentamento da violência. Utilizou-se de referencial psicanalítico para a análise dos resultados, principalmente Winnicott. Concluiu que as vivências dos participantes mostram a magnitude dos sentimentos de humilhação e revolta, a incompreensão e a confusão com relação à atitude dos agressores e à falta de auxílio, levando a dificuldades para reagir e a sentimentos de culpa por devolverem a agressão quando isso ocorreu. Confirma-se o *bullying* como uma situação de stress duradouro, com consequências emocionais às vítimas, maximizando os riscos para prejuízos no desenvolvimento, especialmente, quando esse tipo de violência se dá na etapa da infância e da adolescência. Por tal motivo, para a autora, o *bullying* deve ser divulgado e prevenido, especialmente na escola, onde mais ocorre. Suas vítimas devem ser incentivadas a buscar ajuda e apoiadas para expor suas vivências dolorosas, de modo que possam ser ajudadas a superá-las.

Outra pesquisa que se aproximou desta proposta, por trazer as percepções de estudantes que vivenciaram *bullying*, em um período anterior ao da entrevista, foi defendida em 2012, de Elaine Lucia Dias de Oliveira com o título “Bullying na infância e adolescência: repercussões na vida e saúde de universitários adultos do sexo masculino”. Esta pesquisa teve como objetivo identificar ocorrências de *bullying* sofridas por adultos universitários do sexo masculino nos períodos da infância e/ou adolescência e as possíveis repercussões dessa experiência na trajetória de vida dos participantes. Para tanto, dividiu a pesquisa em duas etapas: uma quantitativa, onde verificou a ocorrência do *bullying* em vinte e seis homens, graduandos de um curso superior do período noturno de uma faculdade em Bauru (SP) e a relação do fenômeno ao sexo, idade em que ocorreu a experiência, local, tipo de agressão sofrida, se houve ou não ajuda ou apoio e possíveis influências e/ou sequelas na vida dos participantes. Na outra

etapa, qualitativa, buscou aprofundar a compreensão acerca da experiência com *bullying* e sua repercussão na vida e na saúde das vítimas realizando três estudos de caso por meio de entrevistas individuais, com base no método fenomenológico e cujas vivências foram discutidas com a contribuição da teoria psicanalítica. Verificou que a maioria dos homens que responderam o questionário relatou ter sofrido *bullying*, predominantemente em etapas mais precoces do desenvolvimento (dos 5 aos 12 anos), sendo a escola o local em que mais ocorreu esta experiência. Embora o agressor tenha sido, em sua maioria, crianças ou adolescentes colegas da escola, o *bullying* também foi praticado por adultos e em outros locais como em casa, na casa de amigos, na rua, no trabalho e na igreja. Quase a totalidade da amostra desse estudo relatou que as agressões foram presenciadas por testemunhas que não as auxiliaram na ocorrência. Da mesma forma, quase a totalidade dos participantes não procurou ajuda de outras pessoas, e, quando a procurou, esta não foi efetiva, confirmando-se o despreparo de pais e equipe escolar para compreender e lidar com esse grave fenômeno. O *bullying* sofrido deixou sequelas, avaliadas por metade desses participantes, como de nível médio a alto. A maioria dos participantes sugere que o *bullying* deve ser objeto de atenção da escola e da família, devendo ser abordado mais com diálogos abertos e medidas informativas e educativas, do que com punições ou sanções legais. As respostas dos participantes confirmam que a experiência com *bullying* na infância e/ou adolescência é marcante e tem repercussões no desenvolvimento da personalidade e identidade de suas vítimas. No entanto, considerando o conjunto dos dados quantitativos e qualitativos, pode-se indicar que o importante fator de risco ao desenvolvimento saudável representado pelo *bullying*, pode ser minimizado por mecanismos de proteção como: apoio familiar, bom nível de escolarização e oportunidade de desenvolver atitudes positivas e resilientes, possivelmente incentivado, nessa amostra, pela educação religiosa. Nos estudos de caso realizados, pôde-se observar que foram três tipos diferentes de experiência com o *bullying*, assim como três modos diferentes de lidar com essa violência. Apesar das diferenças, todos revelaram importantes repercussões em suas vidas, as quais, de algum modo, marcaram seu modo de ser e suas escolhas. Nos três casos, no entanto, pode-se avaliar que certos mecanismos de proteção sociofamiliares relatados, aliados a possíveis aspectos constitucionais, podem ter contribuído para a superação dos danos sofridos com o *bullying*, resultando em consciência sobre o problema e vontade legítima de participação em sua solução. De acordo com os resultados obtidos, confirma-se que a maior frequência de ocorrência de *bullying* se dá no

ambiente escolar. A autora sugere que o *bullying* poderia ser inserido como tema importante no currículo dos cursos de formação e de licenciatura de educadores, visando à instrumentalização dos mesmos para prevenir, identificar e lidar efetivamente com essa ocorrência. Além disso, o papel do observador do fenômeno *bullying* deve ser destacado, pois sua omissão reforça a gravidade da violência, acarretando maior sofrimento às vítimas, que se sentem duplamente agredidas e desamparadas. Acredita que dada à natureza ainda machista de nossa cultura, a vítima de *bullying*, quando do sexo masculino, apresenta maiores dificuldades para buscar ajuda e apoio, bem como, dependendo de suas reações, pode incrementar a frequência e a intensidade do *bullying* do qual é vítima. Já na época da pesquisa a autora destacava a necessidade de reavaliar as medidas preventivas, tendo em vista que, a que estava em uso não apresentava a eficiência esperada.

A investigação “O que os discursos sobre bullying podem nos dizer a respeito do mal-estar contemporâneo na educação: evidências de um sintoma social”, de Samanta Pedroso Natalo (2014), igualmente cooperou na elaboração desta investigação, por analisar criticamente obras sobre *bullying*: *Bullying*, *Mentes Perigosas nas Escolas* e *Fenômeno Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz e de seis cartilhas que compõem o programa *Chega de bullying*: não fique calado!, da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo; trouxe à tona o que o uso do termo *bullying* pode pretender recalcar e averiguou o que os discursos sobre o *bullying* podem revelar acerca do mal-estar contemporâneo na educação. Para tanto utilizou como referencial teórico a psicanálise lacaniana (discurso do avesso/discurso do mestre/ discurso do cientificismo/discurso do capitalista) e Hanna Arendt (sobre a autoridade no mundo moderno). Partiu da premissa dos discursos sobre o *bullying* como testemunhos de um sintoma social, entendido como o conceito forjado por Lacan: retorno da verdade na falha de um saber e como aquilo que faz barra ao desejo do Mestre. Também versou sobre o discurso pedagógico hegemônico capitalista: aquele que defende a diluição da autoridade do educador por entendê-la como limitadora da possibilidade de autonomia da criança e da premissa que esse discurso pode ser pensado como testemunho de um adoecimento no nível do laço social. Dessa forma, conclui que a ascensão dos discursos sobre *bullying* pode ser pensada como exemplo das consequências dessa pedagogia hegemônica do capitalismo, que parece cumprir a função de lembrar o aforismo freudiano a respeito das profissões impossíveis, não porque irrealizáveis, mas, por jamais poderem ser totalmente controláveis. E por isso, os adultos estão

cada vez mais desresponsabilizados e desresponsabilizando-se pela educação das gerações futuras abandonando a criança e/ou adolescentes aos desmandos do seu próprio grupo, o que agrava o fenômeno *bullying*.

Prosseguindo nas trilhas de outros pesquisadores que ajudaram e iluminaram esta pesquisa, faz-se necessário mencionar o trabalho defendido em 2013, da pesquisadora Carolline de Souza Botelho, com o título “Representações Sociais e Construção das Discursividades no Contexto Escolar: um estudo sobre o fenômeno do Bullying”. Essa dissertação traz algumas reflexões sobre o fenômeno *bullying*. Parte da hipótese de que as representações sociais favorecem as manifestações de práticas de *bullying*, na medida em que favorecem e moldam a construção dos sujeitos envolvidos. Na primeira parte, analisou o conceito de violência através das pesquisas e estudos realizados, no Brasil, no final da década de 1970. Na segunda parte da pesquisa, analisou o fenômeno *bullying* com o referencial teórico lacaniano. Considera que o sujeito deve ser entendido a partir da combinação dos sistemas simbólicos e socioculturais e pôde compreender a dinâmica das representações sociais dos alunos sobre o *bullying*. A pesquisa foi do tipo quanti-qualitativa, aplicada ao universo de 427 alunos do 6º ao 8º ano, de uma escola da rede particular de ensino, na cidade de São Luís, no estado do Maranhão. Foram empregados questionários para a identificação da incidência do fenômeno, suas causas, modos de manifestações, locais onde ocorrem e o perfil das vítimas e agressores. Concluiu que o *bullying* pode ser visto como resultado do conflito de especificações e discursos sociais envolvendo relações de poder, onde as vítimas são determinadas pelo fato de pertencer a diferentes subgrupos definidos pela idade, sexo, status econômico, raça, etnicidade, religião, etc. Para Botelho (2014), fundamentando-se em Lacan, o *bullying* é um tipo de violência que expressa um sintoma subjetivo usado para denunciar um estado psíquico de sofrimento construído e vivenciado nos laços sociais. O conceito de laço social lacaniano chama atenção para a razão de a sociedade estabelecer normas e atributos que determinam aos sujeitos o estatuto de normalidade, o que instaura o desconhecimento de todo ser humano quanto à verdade de seu ser e de sua profunda alienação da imagem que fará de si mesmo. A autora afirma que as características das práticas do *bullying* são consequências do processo de socialização, cuja exclusão e tentativa de eliminação do outro fazem parte do processo de afirmação do sujeito por sua identidade narcísica, realizada por meio da intolerância, da discriminação e da violência. Considera-se, assim, que o desenvolvimento da capacidade de

acolher o outro se dá quando este traz alguma semelhança, quando nos encontramos, de certa forma, capazes de considerá-lo como semelhante o que é reafirmado por Lacan, ao dizer que a fraternidade surge de um ato de segregação, um próximo só pode ser considerado semelhante quando sua diferença é expurgada, o que pode ocorrer quando ele porta um traço de identificação comum, seja raça, religião ou status social. Nesse sentido, a respeito da constatada elevação da manifestação da agressividade entre os pares na contemporaneidade, observada nas escolas, conclui-se que se trata do reflexo do que se passa no social e, a este respeito, Lacan insiste no paralelo que existe entre a estrutura do sujeito e o que a ela responde no social. Assim, o que é considerado normalidade em nossa sociedade é apenas normalopatia, ou seja, excesso de adaptação ao mundo tal como ele se apresenta e, no fundo, um sintoma cuja tolerância ao sofrimento se mostra elevada.

Para fins deste levantamento, ressalta-se também a investigação realizada por Luiz Bosco Sardinha Machado Júnior, defendida em 2016, versando sobre “A Construção do Bullying nos Discursos Científicos Produzidos no Contexto Brasileiro”. Para o autor, os aspectos econômicos, políticos e sociais são relevantes no valor que um vocábulo, um signo ideológico ou um objeto de sentido possam ter para os interlocutores em um enunciado. São os elementos que constituem o pano de fundo sobre o qual transcorre a vida cotidiana e as ações constitutivas de enunciados mais elaborados. Ao longo do seu trabalho, foram abordados vários aspectos que possibilitaram o surgimento do *bullying* enquanto objeto científico no Brasil. O autor acredita que o gradativo aumento da valoração social que recebeu possivelmente esteja ligado à crescente preocupação com a violência escolar no país, que recebeu substancial atenção no início do século XXI. Para refletir sobre essa problemática suscitada, Machado Júnior (2016) optou pelo pensamento do Círculo Bakhtiniano, com ênfase nos conceitos de dialogismo, ideologia e enunciado concreto. Para tanto, apresentou as reflexões de Bakhtin sobre as ciências humanas, cujo objeto por excelência é o texto, ato em que o ser humano dá sentido ao mundo. Partiu desse ponto para a apresentação do método e das primeiras considerações sobre o material levantado pelo presente estudo. Esboçou também o percurso histórico do signo *bullying* no Brasil, relacionando-o com a atenção dada à violência escolar no meio acadêmico e no mercado editorial do país. Discorreu, ainda, sobre a origem da palavra *bullying* e suas significações, além de apresentar uma crítica ao emprego de um termo estrangeiro para denominar um fenômeno cotidiano. Promoveu a análise sobre as definições dadas a *bullying*

enquanto conceito científico, com sua força e suas limitações. Levantou os textos do autor que concebeu o referido conceito – Dan Olweus – a fim de se estudar a sua teoria e compreender como sua concepção fora absorvida na produção acadêmica brasileira. Ademais, incluiu uma breve discussão sobre a produção intelectual no Brasil, necessária pelas constatações feitas ao longo do trabalho; e analisou as capas de alguns livros publicados no país sobre o tema “o *cyberbullying* e os discursos de humor na internet”. Não obstante, debateu se a escola, em seus moldes tradicionais, pode oferecer um espaço dialógico para produção do pensamento e de relações não violentas; e, concluiu que a escola é um espaço predominantemente monológico, ainda que nela se encontrem resistências e discursos que escapam à ideologia predominante.

Diante de todos esses trabalhos aqui apresentados, entende-se que o *bullying* é um fenômeno social presente nas escolas, exigindo um alerta para sinais de violência entre pares. Compreende-se que o olhar sobre esse fenômeno deve considerar o contexto no qual ocorre, os sentidos subjetivos dos indivíduos implicados nesse contexto e os aspectos socioculturais que influenciam no agravamento ou combate dessa problemática. Nessa perspectiva, pesquisar sobre o *bullying*, à luz do pensamento complexo, é procurar compreender esse fenômeno de uma forma crítica, questionando os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas. Cabe destacar, assim, que complexidade difere de completude, pois, o conhecimento completo é impossível, além de reconhecer em todo conhecimento um princípio de incerteza (MORIN, 2015).

Explicações individualizantes, aquelas que responsabilizam as próprias crianças/adolescentes pela existência do *bullying*, são lineares, reduzem o fenômeno aos seus comportamentos e desmerecem as contribuições das tríades humanas: indivíduo/sociedade/cultura; cérebro/cultura/espírito; razão/afetividade/pulsão (MORIN, 2012). Com base nesse postulado, torna-se imprescindível perceber que:

O extraordinário desenvolvimento da individualidade humana, depositária do pensamento, da consciência, da reflexão, curiosa do mundo físico e do desconhecido metafísico, não deve nos levar a reduzir o humano apenas à individualidade. (MORIN, 2012, p.51).

Indivíduos produzem a sociedade que retroage na cultura e nos indivíduos, tornando-os produtos e produtores, causas e efeitos numa relação dialógica, conforme nos ensina Morin (2012). Os conflitos entre pares presente no ambiente escolar é comum, mas, não

deve ser tido como normal/natural. A normalização/naturalização do fenômeno dificulta a responsabilização dos adultos educadores e a tomada de decisão contra a ocorrência das várias formas de agressão que cabem ao *bullying*.

É importante destacar que o *bullying* não é o único fator responsável pelo fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem, mas, deseja-se com essa pesquisa verificar de que forma ele pode impactar no desempenho dos estudantes vítimas do *bullying* escolar. A seguir apresenta-se com mais detalhes o *bullying* escolar.

1 O BULLYING ESCOLAR

Neste capítulo, apresentam-se considerações acerca do fenômeno *bullying* no que tange ao histórico, nomenclatura, definição, tipologia, manifestações, categorias, causas e soluções. Para tanto, utilizou-se como ponto de partida a Lei³ Brasileira nº 13.185 de 06 de novembro de 2015 (BRASIL, 2015), que instituiu o Programa de Prevenção de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Esse Programa fora referenciado em oito artigos que definem, caracterizam, classificam e propõem intervenções ao *bullying* escolar. Acrescentaram-se para fundamentar a discussão sobre o *bullying* autores como Rossato e Rossato (2013), Franco (2014) Antunes (2010), Silva (2010), Fante (2005), Pereira (2009) entre outros.

Cabe destacar que o *bullying* é um fenômeno novo no campo teórico ou das ciências, tendo em vista que seu estudo inicia-se na década de 1970, mesmo que, em termos práticos, esse fenômeno tenha sempre existido, porém considerado como “brincadeiras” entre os alunos (FANTE, 2005; SILVA, 2010; ROSSATO; ROSSATO 2013). Brincadeiras fazem parte do aprendizado infantil, cujas crianças lidam através do lúdico, com situações que reproduzem aspectos reais da vida em sociedade. Contudo, o *bullying* não pode ser confundido com as brincadeiras próprias da infância, como nos afirmam Rossato e Rossato (2013, p.23):

Ao brincar, as crianças socializam-se e representam papéis de personagens bons e maus, aprendem a lidar com o medo, a ansiedade, a frustração e a raiva, inventam estratégias e resolvem os problemas, criam suas próprias regras e praticam outras interações que demandam a vida infanto-juvenil e adulta. O *bullying*, ao contrário, não promove nada disso. Diferentemente de um conflito normal e saudável, em que duas partes são responsáveis, tornando as crianças mais fortes para enfrentar as adversidades da vida, o *bullying* é violência unilateral de uma parte “forte” que maltrata a “fraca”, enfraquecendo-a ainda mais.

Brincadeiras são brincadeiras para todos os envolvidos e, como ressaltam os autores, o *bullying* é um ato unilateral, de violência, que não promove uma construção saudável dos indivíduos. Sendo assim, a compreensão, o diagnóstico, a prevenção e o combate ao *bullying* escolar é condição basilar para distinguir brincadeiras de práticas dolorosas entre crianças e adolescentes em situação escolar.

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm

Para Franco (2014), devido à identificação tardia e simplificação do fenômeno, durante muito tempo e, ainda hoje, a discussão sobre essa problemática não tem surtido efeito positivo na sociedade e, sobretudo, nas escolas. Não se analisa em suas dimensões social, histórica e cultural, tornando-se assim uma construção reproduzida, sem a crítica necessária a um novo saber. Antunes (2010, p.64-67) considera o termo *bullying* como razão instrumental⁴ e equipara seu conceito e características ao preconceito:

Os conceitos científicos assim transformados se entregam à lógica da repetição, da conservação e da permanência da coerção social por meio dos conceitos que se pretendem universais. [...] Esses conceitos, ao reproduzirem apenas aquilo que está na superfície, acabam por obscurecer em vez de clarificar a realidade.

A reprodução do conceito, a padronização das pessoas e sua classificação revelam apenas o que está na superfície e negligenciam os contextos e individualidades que perpassam esse fenômeno. Fala-se acerca do assunto, mas pouco se compreende sobre o que está por traz do comportamento, como ressalta Antunes (2010, p.19):

[...] a pretensão de um conceito universal, pontual e sem extensão, que se mostra vazio [...] as rígidas tipologias inerentes ao conceito de *bullying*, como os tipos de comportamento e os tipos de sujeitos envolvidos, que transformam aquilo que é flexível em características estáticas, negligenciando, sobretudo, o impacto dos fatores históricos e sociais; [...] a preocupação em relação às consequências da violência à saúde dos sujeitos, que revela não uma real preocupação com o humano, mas com sua adaptação à própria ordem que os adoece; [...].

O *bullying* existe independentemente de nomenclatura, é um mal-estar⁵ social a ser combatido tomando os cuidados para que ele não sirva à ideologia dominante. A pesquisa realizada pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) e pela Fundação Instituto de Administração (FIA) atesta que, por não apresentar correspondente em português, o termo “é utilizado muitas vezes de modo equivocado,

⁴ A autora tem como referencial teórico Adorno e Horkheimer (1985). Razão instrumental é aquela que visa operar, dominar a natureza e assim poder transformá-la. Equipara o *bullying* ao preconceito seja na atitude de hostilidade nas relações interpessoais; seja na falta de motivação ou na repetição. Considera os atos agressivos como expressão emocional irracional do desejo de libertar-se da opressão social.

⁵ Referimo-nos à concepção freudiana de mal-estar, naquilo que resulta da eterna luta dos desejos individuais e as vicissitudes de se estar inserido em uma cultura, “em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição.” (FREUD, 1930-2011, p.93).

referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre os estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.” (CEATS/FIA, 2010, p.5).

Partindo desse pressuposto, corrobora-se com Rossato e Rossato (2013, p. 24) que evidenciam:

Possivelmente, a normalização desse problema levou à sua banalização a ponto de transformá-lo em prática epidêmica. Ademais, talvez esse comportamento de indiferença por parte dos adultos, que deveriam zelar pelo bem-estar de seus filhos e alunos, promova a cultura do silêncio entre os alunos que presenciam ou sofrem com o *bullying* diariamente; mas quando decidem falar com os adultos, pais e responsáveis pelo seu bem-estar estes, muitas vezes, não dão a mínima atenção.

Dessa forma, é na contextualização, na desmistificação das caricaturas estabelecidas, no combate à padronização social das pessoas que se pode reconhecer e enfrentar o *bullying* efetivamente. No próximo tópico discorre-se sobre o percurso da terminologia *bullying* e critérios indicados para que não se confunda este fenômeno com outras formas de violência ou de brincadeiras.

1.1 Histórico, nomenclatura e definição do *bullying*⁶

Desde os primeiros estudos sobre a violência escolar, surgidos nos anos de 1950 nos Estados Unidos, o fenômeno vem passando por mudanças significativas (ABRAMOVAY; RUA, 2002). Antes era tratado como um simples problema de indisciplina, posteriormente passou a ser visto como um problema de delinquência juvenil, fruto do agravamento de comportamentos antissociais pelo surgimento de armas, drogas e gangues que infestam o cotidiano escolar. Recentemente, a preocupação com a violência escolar migrou para o fenômeno *bullying* em razão de sua sutileza, de suas possíveis consequências para crianças ou jovens e por interferir na significação da instituição escolar, como afirma Pereira (2009, p.42):

⁶ Pela origem etimológica da palavra trata-se de um verbo derivado do substantivo *bulli*, surgido no século XVI e utilizado pelos enamorados no sentido de *sweetheart* (namorado, amor). Origina-se do holandês *boel* (amante, irmão) e do alemão *buhle* (amante). No século seguinte, o significado foi deteriorado e passou de “bom camarada” para “hostilizador do fraco”, tanto por influência da palavra *bull* (touro), quanto por sua utilização para denominar “cafetão”, entre um sentido conexo entre amante e desordeiro. Sendo utilizada como verbo a partir de 1710, a palavra carrega relação, inclusive na gíria *bully of you!* surgida nos Estados Unidos em 1864 (no sentido de admirar, ter respeito). Tal significado não é acessível atualmente aos falantes do idioma, pois passou a designar intimidação, mas, parece estar ligado a uma relação de afeto entre agressor e hostilizado (ANTUNES, 2010).

[...] as manifestações de agressividade devem ser investigadas, pois enquanto algumas agressões têm a característica de ser um caso eventual, típico do amadurecimento das crianças e sem intencionalidade, outras têm a característica de serem casos repetitivos e intencionais contra uma mesma vítima. É aí que está o problema, pois nesses casos as vítimas passam por sofrimentos tanto físicos como psicológicos, podendo causar prejuízos emocionais irreparáveis pelos traumas e sequelas sofridos pelo seu aparelho psíquico.

Como já foi dito, a palavra *bullying* foi aplicada pela primeira vez pelo sueco Dan Olweus, no seu livro lançado nos Estados Unidos em 1978 com o título “Agression in the Schools: Bullies and Wipping Boys” (MOVIMENTO TODOS CONTRA O *BULLYING*, 2010). Na prática, o pesquisador desvelou ao mundo um fenômeno que definitivamente veio à tona ao ser relacionado com casos de suicídio. Foi quem desenvolveu “os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações como incidentes, gozações ou brincadeiras entre iguais.” (FANTE, 2005, p.45). Sua descoberta estimulou pesquisas no mundo todo sobre o assunto, como afirmam Rossato e Rossato (2013, p.73):

O fato é que a iniciativa de Olweus levou diversos outros pesquisadores e países a identificarem o problema e desenvolverem suas próprias ações, demonstrando ser o *bullying* um fenômeno mundial extremamente perverso, a ser entendido e combatido.

No que diz respeito à nomenclatura, justifica-se sua reprodução pela falta de termo nativo que englobe em uma única palavra o que a palavra *bullying* é capaz de designar, mesmo que existam palavras locais relacionadas aos comportamentos *bullying*, como ressalta Fante (2005, p.28):

Um estudo realizado em 14 países diferentes teve como objetivo identificar palavras nativas que se assemelhassem ao conceito de *bullying*. Desse estudo, baseado em dados coletados em um grupo de alunos com 14 anos, identificaram-se 67 palavras relacionadas aos comportamentos *bullying*, sem que nenhuma delas abrangesse o significado do termo em inglês.

Lopes Neto (2005, p.165) também confirma esse entendimento quando diz que:

A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional *Online School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005,

ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros.

Nessa perspectiva, na falta de uma palavra nativa que comporte toda a significação e características que definem esse fenômeno, o termo empregado por Dan Olweus (1978) terminou por consolidar-se. Com efeito, por ser um fenômeno com características próprias, não só a nomenclatura se reproduz, como a própria definição. Para Cubas (2006, p.177), isso se dá “buscando uniformizar as pesquisas e evitar entendimentos muito diferentes e conceitos contraditórios do fenômeno.” É o que se pode verificar nos trabalhos de diversos autores como Franco (2014), Fante (2005), Pereira (2009), Antunes (2010), Rossato e Rossato (2013), Silva (2010), cujo termo “*bullying*” é definido sempre destacando a violência sem motivação evidente, repetitiva e intencional entre pares, dentro de uma relação desigual de poder, promovendo sofrimento ao alvo.

A natureza repetitiva desse tipo de violência se dá em virtude de uma mesma pessoa ser alvo de agressão por diversas vezes e não conseguir se defender de maneira eficaz para de modo a cessá-la. Conforme Fante (2005, p. 28), “são necessários, no mínimo, três ataques contra a mesma vítima durante o ano.” O desequilíbrio de poder é assinalado pela diferença de idade, pelo tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e pelo maior apoio dos colegas envolvidos durante o episódio. O sofrimento é tamanho que chega a ser assemelhado a um evento traumático (SILVA, 2010).

Na lei brasileira, percebe-se a reprodução da nomenclatura *bullying*, mesmo que utilize o termo nativo “intimidação sistemática”; e sua definição coaduna com as características uniformizadas mundialmente do fenômeno:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015).

Pela abrangência de sua definição, tem-se no *bullying* um tipo de violência específica, com características peculiares que a diferem de outras formas de violência escolar. Porém, só defini-lo, sem considerar os aspectos sociais, culturais e históricos relacionados a

ele, não é o suficiente para compreendê-lo e erradicá-lo. No próximo tópico, abordam-se as várias formas encontradas de classificações do *bullying* e seus protagonistas.

1.2 Tipologia, manifestações, categorias do *bullying*

Existe uma diversidade de tipologias ou classificações para *bullying* que vão variar conforme a conduta, a forma e o local de agressão; podendo acontecer isolada ou simultaneamente à mesma vítima.

No que diz respeito à conduta encontra-se tanto a divisão em *bullying* direto ou indireto (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; SILVA, 2010) – referindo-se ao fato da agressão atingir de maneira imediata quem sofre ou de forma mais discreta, respectivamente – como apenas os tipos de ações que se configuram *bullying*, este é o caso da legislação brasileira:

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Este artigo propõe caracterizar o *bullying* quando ocorre violência física e psicológica. A violência física é caracterizada pela agressão e empenho de força física (MICHAUD, 2001); nos trabalhos de Silva (2010), Lopes Neto (2005), Fante (2005) são agressões diretas por serem mais evidentes e objetivas. A violência psicológica estaria relacionada com situações subjetivas de agressividade e “manifestações simbólicas que afetam da mesma forma sujeitos que são atingidos por elas” (FRANCO, 2014, p.111); atos indiretos que interferem na “integridade moral” e na “participação simbólica e cultural na sociedade” (FRANCO, 2014, p.101). Dentre estes atos, segundo Rossato e Rossato (2013), o *cyberbullying* constitui uma perversidade potencializada pela tecnologia. Também denominado de *bullying*

virtual, ocorre quando a chantagem, a ameaça, a difamação, o constrangimento, a intimidação se dão por meio de aparelhos tecnológicos (câmeras, computadores, telefones, filmadores, etc.) e com o uso da internet e de ferramentas de divulgação de informação (e-mails, torpedos, redes sociais, blogs, etc). Para a autora, o potencial de alcance da internet, a publicidade e o compartilhamento com milhões de pessoas conferem mais poder ao agressor, além de possibilitarem o anonimato, aumentando a sensação de impunidade e ampliando o dano, seja ele moral, psicológico, social, material ou outro.

Quanto à forma, a Lei apresenta uma classificação para o *bullying*:

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - social: ignorar, isolar e excluir;

V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Várias pesquisas apresentam classificações semelhantes (BEANE, 2011; SILVA, 2010; ELIAS, 2011; FANTE, 2005) que subdividem as ações praticadas em modalidades de *bullying*. No *bullying* verbal, estariam todos os atos de intimidação sistemática empregados por meio da fala; no *bullying* moral atos que intentam prejudicar a moral da vítima; se disserem respeito a provocações sexuais será classificado como sexual; caso afete psicologicamente quem sofre se caracterizara como *bullying* psicológico; se houver agressão física, *bullying* físico; se só corresponder a danos patrimoniais da vítima *bullying* material; e quando acontecer com uso de tecnologia o *bullying* será classificado como virtual. Há autores que apresentam mais classificações, além das citadas acima, como: *bullying* homofóbico, *bullying* regional, *bullying* étnico, *bullying* estético, etc (ROSSATO; ROSSATO, 2013; PEREIRA, 2009).

Compreende-se que quanto mais classificações ou tipologias, mais vazio o termo se torna, dificultando sua identificação e prevenção. Por isso, considera-se a classificação apresentada pela legislação brasileira umas das mais completas, porém, não o suficiente para revelar a natureza social e histórica do *bullying*, como afirma Antunes (2010, p.76):

Assim como a classificação dos comportamentos em físicos, verbais, exclusão social e indiretos, por exemplo, não revela a natureza social e histórica do que se descreve, permanecendo no imediatismo do dado, a classificação dos sujeitos dentro desse conceito aparenta uma visão parcial deles.

Em se tratando do local onde acontecem os atos de *bullying*, destaca-se que não é exclusivo de um único ambiente e pode manifestar-se em qualquer lugar em que exista relação interpessoal. Contudo, o ambiente mais preocupante é o escolar, pois, de acordo com Pereira (2009, p.30) “as crianças e os adolescentes ainda não possuem a personalidade formada, não possuindo amadurecimento suficiente para lidarem com as consequências do *bullying*.”. Outros contextos e locais, além do escolar, também constituem lócus da prática de violência *bullying*:

Ocorre uma popularização do conceito que passa a ser usado para definir amplas situações cotidianas de agressão, violência, assédio e de desrespeito entre vizinhos (*bullying* comunitário), entre familiares (*bullying* familiar), no trabalho (*bullying* laboral), além de outros ambientes. (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p.66).

O programa apresentado pela legislação brasileira é voltado para o ambiente escolar e, está sob responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Unidades Escolares, Recreativas e Agremiações:

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito (BRASIL, 2015).

Observa-se outra tipologia presente nos estudos sobre o *bullying* que diz respeito a seus protagonistas. Em geral são três envolvidos⁷: autores (agressores/*bullies*); alvos (vítimas) e espectadores (testemunhas). As terminologias são escolhidas conforme quem pratica os atos de *bullying*, quem recebe esses atos e quem assiste aos episódios, respectivamente. Todas as classificações descrevem características que justificam o enquadramento do indivíduo em uma categoria.

⁷ Alguns pesquisadores (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005) subdividem ainda mais: vítimas típicas; vítimas passivas; vítimas agressivas ou provocativas; *bullies*. Alguns autores (FRANCO, 2014; ANTUNES, 2010) evitam essa classificação pelo risco de estigmatizar os indivíduos envolvidos e intentam “desconstruir imagens perpetuadas de sujeitos que são rotulados como mocinhos ou bandidos, desprezando suas singularidades, diferenças e subjetividades.” (FRANCO, 2014, p. 101).

No perfil dos alvos, estariam indivíduos com baixa autoestima (confiam pouco em si e em suas habilidades), maior grau de insegurança (são dependentes) e com dificuldades de se defender e reagir (CARPENTER; FERGUSON, 2011). Segundo os autores, existem outras características que tornam o indivíduo propenso a ser uma vítima de *bullying* como serem superprotegidas por seus pais e familiares, terem poucos amigos, serem ansiosos e possuírem menos habilidades social e emocional. Já os *bullies* apresentam as seguintes características que os transformam em “vilões”, de acordo com Carpenter e Ferguson (2011, p.58):

têm a necessidade de se sentir poderosos e de dominar; têm necessidade de atenção; têm a necessidade de se sentir superiores; não sentem remorso; tornam-se agressivos com facilidade; gostam de maltratar e fazer outras pessoas sofrerem.

Ainda sobre os que praticam *bullying*, Antunes (2010, p.92) considera os comportamentos agressivos manifestados como “mecanismos de defesa”, caracterizando-se como sintoma superficial e não como causa de uma “perturbação social”.

Os espectadores (testemunhas) seriam aqueles que presenciam as agressões. Para os autores Fante (2005), Lopes Neto (2005), Pereira (2009), as testemunhas correspondem à maioria dos alunos que convivem com o problema e impera a lei do silêncio, pois, os mesmos temem serem as próximas vítimas. Lopes Neto (2005) subdivide esse grupo em testemunhas auxiliares – que participam da agressão; testemunhas incentivadoras – que incitam e estimulam os agressores; testemunhas observadoras – se afastam da vítima e fingem nada ver e as testemunhas defensoras – tentam ajudar a vítima. Carpenter e Ferguson (2011, p.82) afirmam que “estudos mostram que em 50% dos casos de *bullying* se uma única testemunha reagisse o *bully* pararia”. Rossato e Rossato (2013, p.85) acrescentam que as testemunhas estimulam a prática do *bullying*:

Não existe *show* sem plateia, e na mesma medida no *bullying* não há espectador neutro: ou denuncia o agressor e defende a vítima, ou incentiva, direta ou indiretamente, a estrela do *show* (o *bully*) e o *bullying*, transformando-se em um espectador que de forma ativa ou passiva irá ajudar os agressores.

São classificações padronizadas de como se porta um agressor, uma vítima e uma testemunha. Essas classificações não levam em consideração as particularidades de cada indivíduo e situações vivenciadas, como corrobora Franco (2014, p.122):

É preciso desmitificar os papéis instalados e solidificados para que se possa conhecer a subjetividade dos sujeitos que provocam ou sofrem violências, agressões, maus tratos de forma velada ou latente e os sentimentos que os percorrem na vivência dessas práticas.

Estereotipar⁸ os indivíduos e suas características traz o risco de simplificar as variáveis implicadas nessa forma de violência e coloca as características individuais como fatores causais. Além disso, mesmo que existam características comuns de comportamento em cada um desses perfis, não significa que o mesmo se tornará autor, vítima ou testemunha de *bullying* (FRANCO, 2014). Na prática, “agressores e vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escolas e comunidades. Ambos são vítimas e precisam de ajuda.” (BEANE, 2011, p.40).

As consequências dessa forma de agressão também são descritas pelos autores estudados nesta pesquisa. Elencam-se a seguir algumas das possíveis consequências descritas por Rossato e Rossato (2013), que revelam impactos dolorosos dessa forma de agressão, para todos os envolvidos:

A vítima pode até mesmo crer que não merece existir e se maltrata e até se mutila, em razão da chamada vergonha tóxica, podendo suicidar-se; ou, ao invés, sente que o mundo e seus habitantes são maus por natureza e, como tais, devem ser castigados ou banidos da face da terra, passando a maltratar os demais ou a matar (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p. 23).

Se por um lado, a vítima manifesta tais comportamentos e sofre impacto doloroso, por outro lado, as manifestações do agressor são divergentes e o colocam no papel do vilão, o que não significa afirmar que ele também não sofra:

Encontramos entre os agressores o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos e à rotina escolar. Em consequência, podem apresentar baixo rendimento escolar, com aprendizagem e desenvolvimento prejudicados, por concentrarem seus pensamentos e a maioria do seu tempo em planos que viabilizem seu sucesso em intimidar e humilhar suas vítimas (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p.94).

Os comportamentos dos envolvidos dessa prática trazem consequências e sofrimentos distintos entre aqueles que se relacionam de forma mais direta ou não:

⁸ “O estereótipo é uma forma rígida e anônima reprodutora de imagens e comportamentos que categoriza e separa os indivíduos, objetivando a manutenção do *status quo*.” (DIAS, 2003, p.2).

Pode incidir sobre os que testemunham o temor de ser a próxima vítima ou de sofrer represálias. Desse modo, podem padecer de intensas angústias, ansiedade, dores de estômago, insônia, mal-estar, insegurança e estresse em virtude de sua omissão ou por estarem amedrontados pelo que viram. [...] é possível que o sujeito que assiste sinta-se parte dele e se junte ao agressor pelo deleite proporcionado, por passar de anônimo a ator principal, ou simplesmente para evitar ser a próxima vítima (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p. 95).

Os autores apontam possíveis sequelas do *bullying*, porém, é difícil dimensionar em que proporção os envolvidos nesse fenômeno são atingidos, por isso, para Franco (2014, p. 125) só o próprio indivíduo é capaz de significar sua experiência de bullying de modo particular:

As marcas provocadas nas vítimas podem sofrer variações condizentes com os sentidos subjetivos que atribuem às experiências em que se envolvem ou são envolvidas no que tange às situações de manifestação de maus-tratos. [...] As pessoas são seres singulares que vão posicionar-se sobre suas vivências de forma exclusiva, a partir dos sentidos subjetivos que atribuem a cada configuração social e vivência que experimentam.

Dessa forma, é possível que alguns indivíduos mais resilientes⁹ superem e que suas vivências de *bullying* sejam motivadoras para seu sucesso enquanto outros relacionarão essas vivências aos seus fracassos ou utilizarão de mecanismos de evitação do contato¹⁰ diante da impossibilidade de se evitar o fenômeno, ou pelo medo de agravá-lo.

De toda forma o *bullying* é por si sinal e sintoma de uma sociedade que negligencia suas crianças e adolescentes contribuindo para que o ambiente escolar, espaço democrático e igualitário que deveria ser, seja reconhecido como espaço de exclusões (ROSSATO; ROSSATO, 2013).

No tópico a seguir apresentam-se as causas encontradas para justificar a existência do *bullying* escolar.

1.3 Compreensão das causas do *bullying* escolar

⁹ “Resiliência refere-se à possibilidade humana de recuperar-se diante de adversidades.” (VACCARI, 2012, p.311).

¹⁰ Um mecanismo de evitação do contato ou mecanismo neurótico interrompe o curso saudável de satisfação de necessidades emergentes. Eles constituem ferramentas importantes para a realização de ajustamentos criativos fundamentais para a autorregulação humana. A repetição destes como um padrão recorrente é que os torna não saudáveis (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951-1997).

As causas do *bullying* estão tanto nos agressores quanto na sociedade, como ressalta Fante (2005). Segundo a autora, elas incluem carência afetiva, ausência de limites, práticas educativas violentas, necessidade individual de reproduzir contra os outros os maus-tratos sofridos em casa e na escola, e a ausência de modelos educativos humanistas que orientem o comportamento para uma convivência social pacífica e o crescimento moral e espiritual. A autora acrescenta (p.62-63) que:

[...] o *bullying* começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais.

Toda e qualquer diferença é um dispositivo provocador do *bullying*, porém, a causa primária da intolerância às diferenças e consequentemente os maus-tratos e provocações está no fenômeno da padronização dos sujeitos, como assevera Franco (2014 p. 97-98):

Origina-se de um processo de massificação e uniformização dos sujeitos, resultado de uma estrutura e conjuntura social que institui a beleza, a normalidade e os comportamentos predeterminados como regras a serem aceitas e obedecidas.

Essa padronização de corpos e comportamentos interfere nas relações interpessoais e faz com que aquele indivíduo que difere do padrão seja discriminado. “Assim, quem foge à regra, está predestinado a ser rechaçado, discriminado, ridicularizado por sua diferença, sendo-lhe negado o direito à singularidade, exclusividade de ser, subestimando, desse modo, sua subjetividade” (FRANCO, 2014, p.118). Nesse sentido, fica clara a defesa de que a subjetividade social mais abrangente permeia a subjetividade individual de cada um dos envolvidos no fenômeno. Freud ([1930] 2011, p. 60) denomina esse fenômeno de “narcisismo das pequenas diferenças”, o que permite ampliar ou mesmo criar diferenças entre as pessoas pertencentes ao seu grupo e a outros grupos, dirigindo afeto e respeito aos seus e ódio e desprezo aos que pertencem a outros grupos.

Nessa perspectiva, agressores reproduzem o preconceito e as atitudes de discriminação recorrentes na sociedade, agindo com violência contra os colegas que não se

enquadram nos padrões estabelecidos. Com referência em Crochík (1997), Dias (2003, p.2) define que:

O preconceito pode ser compreendido como um conceito formado *a priori*, anterior à experiência e composto por atitudes direcionadas pontual ou generalizadamente para algo ou alguém, visando a restrição e a repetição de movimentos; que fala e mostra mais a respeito do preconceituoso do que sobre os seus objetos.

A atribuição de características a alguém ou o julgamento de algo se configura de forma distorcida, por vezes generalizada, falando mais do preconceituoso, ou seja, daquilo que o mesmo não consegue aceitar em si. Dessa forma, o preconceito não teria relação direta com a vítima. Caracteriza-se por uma objetividade, presente nas características dos objetos a que se dirigem; por uma generalização *a priori* destas características e por um determinado tipo de reação frente ao objeto, produto de determinados conteúdos dirigidos a ele: os estereótipos (CROCHÍK, 1997). O autor considera que o preconceito não é inato, que emerge e é sustentado como produto cultural, que os valores disseminados pelo meio social adquirem papel ativo em sua constituição bem como os determinantes psíquicos. Assim também entende Antunes (2010, p.114):

Pode-se perceber, então, que não é o preconceito, a barbárie por si mesma, esta violência irracional, que desfigura a ordem social; ao contrário, é a ordem estabelecida atualmente que não pode resistir sem desfigurar os próprios homens, ou seja, sem barbarizá-los.

Dito isso, a autora refuta atribuir aos sujeitos, como algo inato, básico ou racial, o preconceito e a agressividade voltada contra outros, pois, considera que a “personalidade não é dada desde o início, mas envolve o impacto social no qual se desenvolveu; assim é, em determinada medida, uma agência em que as influências sociais estão mediadas.” (ANTUNES, 2010, p.110). Para a autora, uma pessoa só é definível por seu caráter social, ou seja, acredita que o processo de formação do indivíduo está diretamente relacionado com a estrutura social na qual está inserido. Acrescenta que é na infância, durante a vida familiar, que o desenvolvimento da personalidade sofre essa maior influência. Os pais, por sua vez, têm seus comportamentos também influenciados por fatores sociais e econômicos. De acordo com Antunes (2010), *bullying* tem as mesmas características do preconceito, quais sejam: a atitude de hostilidade nas relações interpessoais, a falta de motivação para essas atitudes e a repetição.

Crochík e Crochík (2017) discordam de Antunes (2010) quando entendem que no *bullying*, diferente do preconceito, só há o desejo de destruição, não mais o de identificação. O *bullying* satisfaz necessidades psíquicas mais primitivas do que o preconceito. Na base do preconceito estaria a identificação negada: não pode aceitar que o que é percebido no outro pertence ao indivíduo preconceituoso; na base do *bullying* estaria a própria dificuldade de identificação, aliada com a vontade de uma forte destruição de tudo. Assim, “*bullying* e preconceito são fenômenos distintos, ainda que possam, por vezes, estar associados.” (CHOCHÍK; CHOCHÍK, 2017, p. 28).

Beaudoin e Taylor (2006, p. 44) unem-se no entendimento de que “a análise contextual afasta o conflito do indivíduo de tal forma que este passa a ser simplesmente um protagonista, talvez importante, mas ainda um protagonista inserido em um contexto de vida bem mais amplo.”. Dessa forma, as crianças e/ou jovens não são os responsáveis diretos pelas condutas violentas nas escolas; uma análise do contexto leva a perceber que essas ações constituem um comportamento superficial, fruto de um conjunto de influências e significados. Sendo assim, é preciso cuidado para não se estereotipar vítimas como socialmente desprotegidas e isoladas, ao mesmo tempo transformar os agressores de *bullying* em desajustados ou agressivos por natureza, tornando o *bullying* como um fenômeno naturalizado e impossível de ser combatido diante de características individuais determinantes (FRANCO, 2014).

O conceito de violência, em seu sentido genérico (crime e delito) é insuficiente para explicar o que ocorre no dia a dia escolar. Para Debarbieux (1996) citado por Laterman (2000, p.36-37) “o que leva ao clima de violência e insegurança na escola não são necessariamente atos de violência em si, mas antes aqueles atos chamados incivildades”. Desse modo, a incivildade não é um comportamento ilegal em sentido jurídico *stricto sensu*, mas se refere a uma variedade de manifestações agressivas de baixa intensidade, usadas para explicar as práticas violentas próprias do cotidiano escolar, como indelicadeza, impolidez, malcriação das crianças, vandalismo etc.; ou seja, incivildade diz respeito a um comportamento antissocial, antiético e anticidade, constituindo-se, para Debarbieux, no elo que falta e que explica a insegurança sentida pelas pessoas, mesmo se elas não forem vítimas de crimes e delitos; mas a vida cotidiana se degrada efetiva e não imaginariamente.

Acontece que ao permitir a violência e a opressão se desvelam os modelos sociais de vida apresentados pelos adultos a esses jovens cidadãos. Segundo a teoria do aprendizado social, “as pessoas aprendem a se comportar observando outras pessoas, a partir de juízos ou da valoração que fazem dos comportamentos realizados” (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p.106). Para Rossato e Rossato (2013, p.40), o individualismo é um dos agravantes do *bullying* “tornando as pessoas, sobretudo as crianças, solitárias e indicando-lhes que devam resolver seus problemas por si mesmas.”. Os autores entendem que a necessidade pessoal de resolver o conflito por sua conta e risco, torna comum e reforça uma cultura da vingança atrelada à prática da agressão ou até mesmo da violência.

O fato é que “a violência escolar constitui uma realidade multidimensional.” (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p.35) e se analisadas isoladamente qualquer umas dessas causas, deixam lacunas. O fenômeno da violência escolar, especificamente o *bullying*, é mais que a soma de todas essas variáveis e cada uma delas interdependente entre si, conforme os princípios do pensamento complexo estudados no próximo capítulo.

Por fim, com a existência do *bullying* rompe-se, em parte, a ideia de que a escola é um local seguro, abalando o paradigma moderno que a fundou com base na noção de que é um lugar somente de conhecimento e de formação do ser, de educação, de ética, de convivência, de diálogo, de socialização e integração. Sendo assim, é de suma importância que se compreenda o fenômeno *bullying*, pois tal entendimento é condição precípua para que intervenções possam ser realizadas, levando assim a construção de um ambiente escolar que efetivamente favoreça o desenvolvimento do educando. Por isso, a promulgação da lei brasileira *antibullying* convoca toda a sociedade para o conhecimento e combate dessa forma de violência escolar.

No tópico a seguir, discorre-se sobre os programas mais assertivos no combate ao *bullying* e intervenções sugeridas pela lei brasileira, que são os objetivos do Programa instituído por ela.

1.4 Programas e estratégias de combate e intervenções contra o *bullying*

O Programa de Prevenção do *Bullying* criado por Dan Olweus é considerado como o mais bem documentado e mais efetivo na redução do *bullying*, “na diminuição significativa

de comportamentos antissociais e em melhorias importantes no clima social entre crianças e adolescentes, com a adoção de relacionamentos sociais positivos e maior participação nas atividades escolares” (LOPES NETO, 2005, p. 167).

O programa prevê, dentre outras medidas que devem ser tomadas em conjunto, a adoção de regras claras, a constituição de comitês *antibullying* nas escolas, a formação de professores e outros atores da escola para intervirem imediatamente, caso presenciem atos de agressão, a realização de encontros com alunos e pais, quando ocorrem problemas, e a aplicação de medidas de apoio às vítimas.

Segundo Cubas (2006, p. 27), geralmente os programas de proteção ao *bullying* partem de um princípio básico comum: “a violência escolar não é casual, mas socialmente construída; por isso é previsível e pode ser estudada, compreendida e combatida.”. Para a autora, os programas *antibullying* podem ser divididos em dois grupos: os que têm uma visão individualizante ou psychologizante do problema; e os que têm uma visão sociologizante. Destaca-se que os grupos de visão individualizantes acabam por serem repreensivos, punitivos, chamados de “tolerância zero”, possuem baixa eficácia e responsabilizam apenas o indivíduo pela existência da violência. Nos grupos de visão sociologizante, a violência teria causas externas à escola, advindas do contexto político, econômico, cultural e social (CUBAS, 2006). Essas duas visões explicam a violência baseadas apenas em fatores externos à escola, causando aos seus membros (professores, direção, alunos, funcionários, pais e comunidade) um sentimento de impotência e de que nada pode ser feito.

O fenômeno é de difícil solução, deve ser combatido continuamente, especialmente porque “as ações são relativamente simples e de baixo custo”, podendo até ser incluídas no cotidiano escolar através de “temas transversais em todos os momentos da vida escolar” (LOPES NETO, 2005, p.169). Ressalta-se com base nesse princípio que os programas de intervenção não podem ser padronizados, pois “as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população”, nas palavras de Lopes Neto (2005, p.169).

Pereira (2009) apresenta algumas estratégias de prevenção e intervenção: estratégias de currículo (utilização de vídeos para serem discutidos em sala de aula, dramatizações, temas transversais); análise de histórias da própria literatura infanto-juvenil; círculos de qualidade (envolver os alunos no problema do *bullying*, sendo estabelecidos uma

responsabilidade coletiva e enfrentamento das situações por testemunhas); e grupos de apoio às vítimas. Também versa sobre treino assertivo que visa dotar as vítimas de competências para serem firmes nas suas decisões individuais e em grupo, aumentando sua confiança e autoestima; e, aos agressores para saberem ser assertivos sem ser agressivos. Fala sobre o método de preocupação partilhada (método Pikas) usado para lidar com agressores individualmente:

Pedi-lo que aponte sugestões sobre o que pode fazer para evitar que a vítima continue a ser agredida. Esse método tem por objetivo estabelecer uma área de preocupação partilhada em que o professor oferece, ao desencadear a culpabilização do aluno, a possibilidade de mudanças para uma perspectiva construtiva de soluções do problema (PEREIRA, 2009, p71-72).

Unindo-se a essas propostas, o autor aponta para o melhoramento dos recreios, ou seja, tornar os recreios mais atrativos, fazendo despertar a vontade de brincar e conviver em grupos com supervisão. Implementar a qualidade de supervisão, estimular o diálogo, propiciar escuta e empatia, construir relações e contextos afetivamente significativos, desenvolver a reflexão crítica, estimular a participação, responsabilizar-se por si mesmo e pelos outros e criar regras e limites desde os primeiros anos de vida. Pereira (2009, p.74) afirma que não se deve:

Nunca resolver violência com violência, pois se corre o risco de agravar o quadro existente. Trabalhar a empatia entre os iguais, a alteridade, talvez seja o passo mais importante nessa caminhada. [...] é utópico pensar em eliminar a violência [...] Mas nem por isso vamos deixar que a violência tome conta do espaço escolar.

Os programas mais exitosos compreendem que o *bullying* envolve origens mais amplas e causas externas e, de igual modo, causas internas à escola. Dessa forma, a eficácia de programas *antibullying* somente acontecerá havendo o comprometimento total e a dedicação de todos: professores, direção, alunos, funcionários, pais e comunidade à elaboração de regras, sua aplicação e respeito.

No que se refere à legislação brasileira, Tudisco (2011), ao investigar os projetos de leis estaduais em trâmite ou já aprovados, no período de 2007 a 2011, constatou que 13 Estados da federação dispunham de leis aprovadas, ao mesmo tempo outros 12 Estados possuíam projetos de lei em trâmite (oito deles apresentados em 2011), buscando-se, sobretudo, instituir medidas de prevenção e combate ao *bullying*. O estado do Pernambuco foi o primeiro Estado a criar uma lei de combate ao bullying, em 2009. Já no Paraná, a Lei nº 17.335 foi

sancionada em outubro de 2012 e, em novembro do mesmo ano. O estado de Curitiba também aprovou lei municipal para criar a “Política *Antibullying*”.

Em nível nacional, o projeto de Lei Federal nº 5.369/2009 é seis anos mais tarde transformado na Lei nº 13.185/2015, que institucionaliza o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), vinculado ao Ministério da Educação, como já foi dito. No que se refere às propostas de prevenção da lei em voga temos:

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no caput do art. 1º:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar. (BRASIL, 2015).

A nova lei convoca toda a sociedade à conscientização desse fenômeno real e tão maléfico responsabilizando-a pela prevenção e combate do mesmo. Esse reconhecimento oficializa o problema e fornece um instrumento de luta, de combate e de organização. Obriga as escolas a prevenir, diagnosticar e combater o *bullying* vinculando-as como parceiras desta luta. Na prática, a lei é uma convocação aos agentes escolares para estarem atentos, dispostos a resolver o problema. Passa a ser um problema que diretamente os envolve já que a lei os tornou corresponsáveis pela violência que envolve o *bullying* na instituição:

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (*bullying*) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei

Desse modo, a lei cobra que no dia a dia haja mais ações de prevenção e de controle na escola, com atenção e cuidado, debate e campanhas e grupos para cuidar desse fenômeno. Todos os autores citados neste capítulo indicam que o *bullying* existe em todas as escolas e o que muda é a forma, intensidade e a quantidade em que ocorre. Alguns programas revelam a possibilidade de eliminá-lo. A tomada de consciência e sensibilização de que há um problema a ser combatido de forma sistemática é apenas o primeiro passo.

Nessa perspectiva, não bastam intervenções individualizantes focadas apenas no aluno (vítima ou *bully*); deve-se intervir no ambiente escolar para que haja a valorização à aprendizagem cooperativa e a valorização do processo ensino-aprendizagem, e não apenas o resultado. Compreende-se que muito mais do que tolerar as diferenças é necessário fomentar no ensino a aceitação ao novo, à diversidade, como complementar à minha própria experiência humana. Indivíduo e sociedade como partes de um todo planetário.

A escola é uma entidade complexa, que engloba uma variedade de disposições, estratos socioeconômicos, emoções e culturas, portanto, é um local impregnado de heterogeneidade. Segundo Morin (2002, p.64):

A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras.

Educação e cultura formam redes de sistemas complexos, entretecidas de diferentes áreas de conhecimento e requerem um olhar multidimensional e abrangente para a sua compreensão e para a solução dos problemas que apresentam. Sendo assim, “conhecer as origens, raízes e consequências da incompreensão é algo vital para que os homens estabeleçam relações humanas mais abrangentes”, com bem salienta Martinazzo (2010 p. 4).

Ressalta-se que aceitar as diferenças é mais que tolerar, como compreende Morin (2000, p. 102):

A verdadeira tolerância não é indiferente às idéias ou ao ceticismo generalizados. Supõe convicção, fé, escolha ética e ao mesmo tempo aceitação da expressão das idéias, convicções, escolhas contrárias às nossas. A tolerância supõe sofrimento ao suportar a expressão de idéias negativas ou, segundo nossa opinião, nefastas, e a vontade de assumir este sofrimento. [...] A tolerância vale, com certeza, para as idéias, não para os insultos, agressões ou atos homicidas.

É necessário o ensino e a prática do respeito às diferenças como nos fala Morin (2000, p. 108) “respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre as minorias; deve comportar o direito das minorias e dos contestadores à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das idéias heréticas e desviantes.”. Sendo assim, todos devem estar alerta para sinais de violência.

A escola, por sua característica de obrigatoriedade, deve ser uma instituição laica totalmente aberta à tolerância e à diversidade cultural em que credos, ideologias, raças, culturas possam conviver de forma construtiva.

Entre os principais valores que a escola deve cultivar e promover no mundo atual encontra-se o respeito à diferença, que pode ser traduzido como aceitação do pluralismo, da abertura à crítica, da realização do diálogo respeitoso e do debate das ideias.

Para isso, Morin (2004, p. 20) propõe uma reforma do pensamento:

A reforma do pensamento é que permitiria o pleno emprego da inteligência para responder a esses desafios e permitiria a ligação de duas culturas dissociadas. Trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente a nossa aptidão para organizar o conhecimento.

Propõe que a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino. Educar para vida, educar para a compreensão da condição humana. Nesse sentido, é necessário acesso à literatura, poesia, cinema que tão detalhadamente expressam as realidades e vivências humanas, fatos, sentimentos, sabores e dessabores e a partir desse acesso aprender as “maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão.” (MORIN, 2004, p.51).

Assim sendo, com a compreensão de unidade e dialogicidade, ou seja, somos únicos, mas, é com e através das relações com os outros que nos construímos e construímos o mundo; com empatia e aceitação ao novo, com crítica e autocrítica, a verdadeira educação, como missão precípua da humanidade, poderá enfim combater o fenômeno *bullying*.

1.5 *Bullying* e desempenho escolar

Mussen et al (2001, p.311) afirmam que “avaliar um desempenho significa compará-lo a um padrão de excelência.”. O desempenho escolar, tradicionalmente, refere-se à avaliação do conhecimento adquirido no âmbito escolar, medida das capacidades do aluno, que expressa o que este tem aprendido ao longo do seu processo formativo. Porém, fraco desempenho não é sinônimo de baixa capacidade intelectual porque vários são os fatores implicados. Para compreender o desempenho escolar nesta pesquisa, faz-se necessário a análise de alguns temas tais como: processo de ensino-aprendizagem, avaliação escolar, desenvolvimento humano, função educativa e hierarquias escolares, uma vez que, todos estes temas perpassam o desempenho de um estudante no ambiente escolar.

O processo de ensino-aprendizagem é contínuo e ocorre durante todo o ciclo de vida, nele o ser humano está constantemente recebendo novas informações que podem ser integradas a experiências e conhecimentos prévios (BEE, 1997). Há diversos fatores que levam à aprendizagem como: crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino, etc.

Tal processo provoca mudanças comportamentais relativamente permanentes e envolve elementos metodológicos e individuais (LUCKESI, 2011). Percebe-se que inicialmente as questões relativas ao desempenho do educando e sua aprendizagem eram tratadas de forma individualizante e orgânica, incidindo apenas sobre o aluno a responsabilidade pelo seu rendimento escolar como afirmam Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004, p. 80):

A primeira fase dos estudos em relação às dificuldades de aprendizagem é compreendida no período de 1800 a 1930, etapa em que as lesões cerebrais foram mais destacadas, buscando-se suas origens e sua relação com as perdas ou distúrbios da linguagem e da fala. A segunda e terceira fase ocorreram no período de 1930 a 1960 e foram marcadas pela busca de instrumentos de diagnóstico e intervenção e desenvolvimento de programas escolares capazes de auxiliar crianças com problemas para aprender. A partir de 1960 experimenta-se a fase contemporânea que se caracteriza pela ampliação dos estudos sobre diagnóstico e intervenção para além da idade escolar, pela busca de definições mais precisas e pelo desenvolvimento de novas tecnologias de aprendizagem.

Com o avanço das pesquisas tem-se atualmente uma compreensão multifatorial das variáveis que interferem no processo de ensino-aprendizagem e consequentemente no desempenho escolar, dependendo este não só de funções cognitivas, mas, de aspectos sociais e

afetivos, em que “os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos e sociais estabelecem uma relação complexa de reciprocidade e de interdependência sendo impossível de separá-los” (BEZERRA, 2012, p.11). No que diz respeito aos fatores de ordem interna do indivíduo, destacam-se os relacionados ao desenvolvimento cognitivo e os de ordem afetivo-emocionais, motivacionais e de relacionamento, e é por este enfoque em que se investiga o *bullying* como uma das variáveis que interferem no desempenho escolar estudantil.

Em um estudo realizado por Palermo, Silva e Novellino (2014) verificou-se que o perfil dos alunos, as características das salas de aula e as características dos estabelecimentos de ensino são fatores associados ao desempenho escolar. Para eles, a escola com suas dinâmicas cotidianas, na gestão da classe e do conteúdo, apresentam processos que influenciam o desempenho e os demais resultados escolares. Dentre os fatores provenientes do aluno os autores afirmam que a “influência mútua entre os alunos que compõem uma turma também constitui um fator significativo para a obtenção de bons resultados escolares.” (p.384).

As medidas de verificação da aprendizagem produziram as noções de sucesso/fracasso escolar. Hoffmann (2011) entende que existe uma contraposição entre a concepção classificatória de avaliação – julgamento de resultados – e a concepção de avaliação mediadora – de ação pedagógica reflexiva. Para a autora, a avaliação deve estar a serviço da ação, ou seja, não se destina a verificar e registrar os dados do desempenho escolar, mas sim, a “observação permanente das manifestações de aprendizagem para proceder a uma ação educativa que otimize os percursos individuais.” (HOFFMANN, 2011, p. 17).

Para Silva (1980), as palavras fracasso e sucesso escolar são tradicionalmente utilizadas na literatura educacional para se referir ao resultado positivo ou negativo obtido pelos alunos, no que se refere à avaliação de seu desempenho em sua trajetória discente. De acordo com Patto (1999), o processo social de produção do fracasso escolar se realiza no cotidiano da escola e é o resultado de um sistema educacional gerador de obstáculos à realização de seus objetivos, que interferem no desenvolvimento do educando, na formação das aprendizagens, que são para Luckesi (2011), conhecimentos, habilidades, hábitos e convicções. Dias (2009) afirma que:

a (re)produção do fracasso escolar calcada sobre as mesmas bases de manifestação e aparição, fragmentam e universalizam a apreensão do objeto, menosprezam a influência do todo sobre as partes e das partes sobre o todo, a

circularidade entre os agentes produtores e os efeitos produzidos, e a convivência de contraditórios e antagônicos.

O termo aprendizagem é então reduzido à reprodução de um saber dado, pelo que a aprendizagem se dissocia do desenvolvimento humano e passa a ser representada apenas em uma dimensão cognitivo-reprodutiva. Deste modo, o desempenho escolar, entendido para esse trabalho, refere-se ao desenvolvimento do estudante naquilo que favorece ou dificulta seu aprendizado, sua formação e a promoção de cidadania. Conforme Luckesi (2011, p.144-145):

Cada sujeito [...] se educa no processo social como um todo; na trama das relações familiares, grupais, políticas [...]. A educação é o meio pelo qual a sociedade se reproduz e se renova cultural e espiritualmente, com consequências materiais. [...] a educação, nas suas diversas possibilidades, serve à reprodução, mas também à renovação da sociedade.

Quando o aluno estabelece relações afetivas de confiança com os membros da comunidade escolar, a escola pode se mostrar como significativa rede de apoio social e afetiva, atuando enquanto importante fator protetivo frente aos riscos da violência. Segundo Bee (1997), é na fase da escolarização que as relações se tornam mais significativas pelo fato de que é a partir das amizades que os adolescentes transitam para a fase adulta.

Exclusivamente, o *bullying* não produz piores resultados. São múltiplas as variáveis para aferir o desempenho escolar. Este trabalho optou por um enfoque no aluno, sem desconsiderar que outras possibilidades de análise são válidas e que só a integração de todos esses elementos pode fornecer uma compreensão realista do fenômeno. Compreendendo como Rey (2008, p. 34) que:

As emoções que o sujeito vai desenvolver no processo de aprendizagem estão associadas não apenas com o que ele vivência como resultado das experiências implicadas no aprender, mas emoções que têm sua origem em sentidos subjetivos muito diferentes que trazem ao momento atual do aprender momentos de subjetivação produzidos em outros espaços e momentos da vida. Daí a importância de considerar o sujeito que aprende na complexidade de sua organização subjetiva, pois os sentidos subjetivos que vão se desenvolvendo na aprendizagem são inseparáveis da complexidade da subjetividade do sujeito.

Para Crochík e Crochík (2017), com base em Adorno (1995), existem duas hierarquias nas escolas: a hierarquia oficial, que distingue bons e maus alunos com base em seu desempenho acadêmico, ou seja, nas disciplinas em sala de aula, pela nota; e a hierarquia não

oficial, caracterizada pela distinção entre aqueles que se destacam em namoros, brigas, esportes de equipe, onde vigora a dicotomia entre a força física e o caráter prático, e aqueles que não se destacam em qualquer uma dessas áreas. Os autores chegam à conclusão que os agressores do *bullying* tendem a ser aqueles que se destacam na hierarquia não oficial e/ou aqueles que não se destacam na hierarquia oficial; vítimas tendem a ser estudantes que têm baixo desempenho em ambas as hierarquias, especialmente na não oficial (2017, p.19):

O desempenho escolar e a popularidade são expressões das hierarquias, que na perspectiva aqui adotada, constituem-se em estruturas escolares: a existência de hierarquias escolares, que preparam os alunos para ocuparem seus lugares nas hierarquias sociais, e para isso incentivam a competição em ambas, na oficial e na não oficial.

Segundo os autores, os instrumentos escolares de avaliação favorecem o estabelecimento dessas hierarquias e quando a hierarquia deixa de ser meio de organização para a boa realização de atividades e se torna fim, perde-se a organização propícia à formação humana, o que pode contribuir para que os indivíduos regridam psiquicamente, ou, na melhor das hipóteses, não progridam. Quando a competição é suscitada, a experiência possibilitada pela identificação com o outro se confunde com a possibilidade de um dia derrotá-lo, e não com a possibilidade de uma convivência pacífica, que inibiria o ímpeto daqueles que pretendam superar seus colegas.

Por tal motivo, o *bullying* torna-se expressão da existência de hierarquias calcadas na força, justificado por Horkheimer e Adorno (1985) pelo desejo de dominação existente entre os homens e somente a renúncia a esse desejo possibilitaria a paz entre eles.

De acordo com Crochík e Crochík (2017), a ilusão da vitória do vencedor, sensação de que é superior aos que são derrotados, esse ímpeto narcisista, pressupõe a dominação destes últimos. E a relação dominação-submissão, nesse caso, propaga a necessidade da força para se manter, seja ela física ou intelectual, o que implica que só o desenvolvimento do espírito não é o suficiente para superar essa inclinação para a dominação.

Escolas eficazes possibilitariam a transmissão de competências, valores e hábitos aos estudantes, diminuindo as influências de seus contextos de origem e as dificuldades impostas. Consequentemente, a escola aumentaria o capital cultural do aluno, elevando probabilidades de acesso a oportunidades e trazendo benefícios materiais e imateriais (PALERMO; SILVA; NOVELLINO, 2014). Dessa forma, o sucesso escolar implica uma

reunião de fatores não se podendo apontar o aluno como o único responsável por seu sucesso ou fracasso na aprendizagem, pois são vários os fatores que contribuem para uma experiência bem sucedida de aprendizagem.

Levando em consideração todas essas características para este trabalho, compreende-se desempenho escolar não sob um aspecto quantitativo, por meio de notas, mas, como o alcance da função escolar promotora de cidadania e desenvolvimento humano que auxilia ou atrapalha o processo de ensino-aprendizagem e com base no modelo interno de experiência¹¹, ou seja, na interpretação que os sujeitos fazem de sua própria posição em relação ao reflexo do *bullying* em seu desempenho escolar, no autoconceito de seu desempenho, como afirmam Mussen et al (2001, p. 312):

As expectativas das crianças podem diferir porque elas interpretam seus sucessos e fracassos de modos diferentes. [...] As interpretações são inferências sobre as causas de seu próprio comportamento ou de alguém. [...] As inferências sobre as razões para os sucessos e fracassos afetam o comportamento do aprendiz e as expectativas sobre o desempenho futuro.

Sendo assim, o desempenho escolar abordado neste trabalho tem caráter subjetivo, de significado atribuído pelos sujeitos da pesquisa. Diante de todo o exposto, conclui-se que o desempenho escolar depende de muitos fatores, de forma que nem sempre refletem as competências e as habilidades reais do educando.

A seguir apresenta-se referencial teórico pautado no pensamento complexo como proposto por Edgar Morin, apresentando seus princípios operacionais, a proposta da reforma do pensamento, os sete saberes necessários à educação do futuro e as noções de sujeito e subjetividade.

¹¹ De acordo com BEE (1997, p. 42), o modelo interno de experiência diz respeito à “interpretação” que o indivíduo faz da experiência vivida e o “significado que o indivíduo confere à experiência.”.

2 O *BULLYING* NA ÓTICA DO PENSAMENTO COMPLEXO

Como todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas são sustentadas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes (PASCAL *apud* MORIN, 2004, p. 88).

A frase de Pascal é uma forma de sintetizar o pensamento complexo, porém é necessário também analisar, contextualizar, compreender cada parte, compreender o todo, inter-relacionar as partes e conectá-las com o todo, num vai e vem de conexões. Trata-se mais do que uma teoria, constitui uma forma de pensar o conhecimento científico e os fenômenos humanos. Dessa forma, pretendeu-se escrever e pesquisar sobre o *bullying*, na perspectiva das concepções de complexidade.

Segundo Morin (2015), vive-se sob o modelo mental simplificador incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo. Nosso cérebro está unidimensionalizado pelo

modelo mental linear que tem a tendência à simplificação, ao imediatismo e à busca da casualidade simples, ou seja, se duas circunstâncias se repetem juntas, a anterior é sempre a causa e a posterior sempre o efeito (MARIOTTI, 2000). Estamos, com isso, submetidos ao paradigma¹² da simplificação.

Como afirma Morin (2015, p.59):

O paradigma simplificador é um paradigma que põe ordem no universo, expulsa dele a desordem. A ordem se reduz a uma lei, a um princípio. A simplicidade vê o uno, ou o múltiplo, mas não consegue ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo. Ou o princípio da simplicidade separa o que está ligado (disjunção) ou unifica o que é diverso (redução).

Regido pelos princípios da disjunção (não junto, separado, desunido), da redução (do complexo ao simples, do biológico ao físico, do humano ao biológico) e da abstração, o pensamento linear é fragmentador e excludente e nele se baseiam quase todas as ações humanas. Esse é o padrão de pensamento dominante e, como diz Mariotti (2000, p. 40) “a própria estrutura da linguagem põe armadilhas no caminho”, porém, coadunando com Morin e os demais estudiosos do pensamento complexo, compreende-se que se o pensamento for fragmentado, reducionista e mutilador, as ações terão o mesmo rumo.

O pensamento complexo questiona a mutilação, a unidimensionalidade e o reducionismo sem anular o simples. O simples é uma passagem. Precisa-se ampliar e não excluir a noção de pensamento linear para as práticas do cotidiano; ela é importante, mas é insuficiente. Daí a necessidade de um pensamento complexo, descrito por Morin (2002, p.24) da seguinte forma:

[...] pensamiento que respete la multidimensionalidad, la riqueza, el misterio de lo real e que sepa que las determinaciones cerebral, cultural, social e histórica que experimenta todo pensamiento codeterminan siempre el objeto del conocimiento. Es a esto a lo que llamo pensamiento complejo.

Para Morin (2015), o pensamento complexo almeja ao conhecimento multidimensional o que não significa dizer que aspire à totalidade de informações sobre um

¹² Qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções-chave); essas operações, que se utilizam da lógica, são de fato comandadas por princípios “supralógicos” de organização do pensamento ou *paradigmas*, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso (MORIN, 2015, p. 10).

fenômeno. Numa perspectiva complexa, o conhecimento completo é impossível e em todo conhecimento há um princípio de incerteza. A palavra complexidade se desvincula do sentido comum, qual seja complicação/confusão, para trazer em si a ordem, a desordem e a organização, o uno e os múltiplos que se colocam em interação e em constelação. Assim, questiona-se: o que é complexidade? Para o autor (2015, p.13), complexidade é:

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

Em outras palavras, significa que o pensamento complexo abrange muitos elementos, “é a congregação de membros partícipes do todo” que “não se reduz a mera soma das partes” (PETRAGLIA, 2011, p.59). As partes apresentam suas especificidades, mas modificam-se em contato com as outras partes e o todo. É “mais que a soma das partes” e ao mesmo tempo “é menos que a soma das partes” (MORIN, 2005, p.261). A complexidade tenta compreender o ser humano e os fenômenos estudados no que se refere à articulação, à identidade e à diferença dos diversos aspectos relacionados.

O ser humano é biológico, social, cultural, psicológico e espiritual e todos estes aspectos estão implicados entre si no todo. Tanto o ser humano como o conhecimento são *complexus* (como a trama de um tapete), tudo está ligado com tudo e só faz sentido nos contextos de que fazem parte, ainda que sejam reconhecidos seus aspectos singulares. Como pontuado anteriormente, a complexidade é mais que uma teoria, é uma atitude, uma maneira de pensar a realidade, o ser humano, o conhecimento e outros aspectos da existência humana.

Mariotti (2000, p.349) afirma que:

O pensamento complexo resulta da complementaridade (do abraço, como diz Edgar Morin) das visões de mundo linear e sistêmica. Essa abrangência possibilita a elaboração de saberes e práticas, que permitem buscar novas formas de entender a complexidade dos sistemas naturais e lidar com ela. O que, evidentemente, inclui o ser humano e suas culturas. As consequências práticas dessa visão são bem mais amplas são óbvias.

Para formular o pensamento complexo, Edgar Morin percorre as teorias da informação, da cibernética, da teoria dos sistemas aos conceitos e ideias de auto-organização, ecologia, cosmologia e psicanálise dentre outros. Na obra “meus filósofos”, Morin (2014)

aponta como suas principais influências Heráclito, Buda, Jesus, Montaigne, Descartes, Pascal, Spinoza, Rousseau, Hegel, Marx, Dostoiévski, Proust, Freud, Jung, Adorno, Horkheimer e Marcuse, Heidegger, Berger, Bachelard, Piaget, Von Neumann, Von Foerster, Niels Bohr, Popper, Holton, Kuhn e Lakatos, Husserl, Ivan Illich e Beethoven.

Estes teóricos e suas teorias foram importantes para a construção do Pensamento Complexo, na medida em que desafiaram as concepções de verdade, objetividade, certeza, regularidade, linearidade, determinismo, redutibilidade e disjunção como método. Nestas teorias, Morin visualizou “sementes” da complexidade, articulando-as em um movimento de integração de conhecimentos contraditórios, por meio de uma série de princípios [...] (SANTOS, 2016, p. 5).

Com esse entendimento, Morin estabelece “os sete princípios” operacionais para um pensamento complexo: o princípio sistêmico ou organizacional; o princípio hologrâmico; o princípio do circuito retroativo; o princípio do circuito recursivo; o princípio da autonomia/dependência; o princípio dialógico e o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento. Descreve-se com mais detalhes no tópico a seguir estes princípios operacionais necessários para o desenvolvimento de um pensamento complexo.

2.1 Princípios operacionais do pensamento complexo

Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. [...] Assim, a teoria não é o fim do conhecimento, mas um meio-fim inscrito em permanente recorrência (MORIN, 2005, p.335-336).

Na tentativa de validação de uma teoria, é racional a sistematização de fundamentos e premissas ou princípios, e para se trabalhar e praticar a complexidade é necessário compreender alguns operadores que não atuam de forma isolada, são interdependentes e complementares. Também denominados de operadores de religação, os princípios do pensamento complexo serão necessariamente princípios de disjunção, de conjunção e de implicação. São eles:

1) O princípio sistêmico ou organizacional: aqui retoma-se a frase de Pascal citada no início deste capítulo. O princípio de que o organismo como um todo produz características que as partes isoladas talvez não possuísem. Um sistema se refere a um conjunto de partes interligadas que se dirige a um objetivo comum. Com este princípio compreende-se que a proposta do pensamento complexo é pensar no todo nos termos das partes e das partes em relação ao todo. “Do átomo à estrela, da bactéria ao homem e à sociedade, a organização de um todo produz qualidades ou propriedades novas, em relação às partes consideradas isoladamente: *as emergências*.” (MORIN, 2004, p.94, grifo do autor). Isso quer dizer que, quando as partes se unem, têm-se propriedades novas que só existem por conta dessa conexão, tornando o todo maior que a soma das partes e mais que a justaposição das partes. Levando esse princípio para o conhecimento científico, surge a noção de transdisciplinaridade, isto é, ao tentar compreender um fenômeno, não basta cada área do conhecimento defender seu ponto de vista, é preciso unir, religar, ter uma leitura nova comum a todas e por meio de todas, sem fronteiras entre elas. Até mesmo dentro de uma mesma disciplina ou objeto do conhecimento, após compreender as partes é necessário compreender o emaranhado de conexões que a tornam um todo. Significa também dizer, e ao mesmo tempo, que a soma das partes é menos que as partes, tendo em vista, que ao fazer parte do sistema, suas qualidades individuais são inibidas pela organização. Este princípio nos remete à solidariedade do pensamento complexo, ou seja, tudo está interligado como uma trama invisível onde cada parte é importante na construção do sistema, influencia as outras partes e o todo e é também influenciada.

2) O princípio holográfico: esse princípio é inspirado na ideia de um holograma no qual cada ponto contém informação total do objeto que ele representa e põe em evidência o aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte, como Morin (2015, p.74) bem justifica:

O princípio hologramático está presente no mundo biológico e no mundo sociológico. No mundo biológico, cada célula de nosso organismo contém a totalidade da informação genética desse organismo. A ideia, pois, do holograma vai além do reducionismo, que vê só as partes, e do holismo, que vê o todo.

Com esse operador, percebe-se que o pensamento complexo revela não só que as partes estão no todo, mas o todo está inscrito nas partes, existe um microcosmo em cada parte.

Pode-se, segundo uma forma de pensar complexa, analisar um indivíduo compreendendo que este carrega em si a sociedade a qual está inscrito, o seu contexto.

3) O princípio do circuito retroativo: este princípio rompe claramente a linearidade, de que uma causa tem em geral apenas um efeito pois, não há fenômenos humanos de causa única; são múltiplas as retroações/retroalimentações (*feedbacks*). A retroação está ligada à homeostasia por isso, entende-se que os sistemas se auto-regulam. “A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz.” (MORIN, 2015, p. 74). Complementa-se com o próximo princípio.

4) O princípio do circuito recursivo: ultrapassa a noção anterior de regulação com as de autoprodução e auto-organização. “É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz.” (MORIN, 2004, p. 95). Esse princípio também remete à noção circular do pensamento complexo e questiona a visão unidimensional do mundo.

Para Morin (2015, p. 74):

Somos ao mesmo tempo produtos e produtores. A ideia recursiva é, pois, uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor.

5) O princípio da autonomia/dependência: como foi dito anteriormente, os princípios operadores do pensamento complexo não devem ser vistos separadamente, inter-relacionam-se, complementam-se. Desta feita, este princípio também diz respeito à característica de auto-organização dos sujeitos; só que no que se refere à ligação entre autonomia e dependência. São dois conceitos opostos, mas, inseparáveis. Apesar de autônomos não somos autossuficientes. Mariotti (2000, p. 92-93) compreende que:

Para manter sua autonomia, os sistemas precisam de ajuda externa. Tal situação não pode ser entendida pelo raciocínio linear, porque para ele ou se é autônomo ou se é dependente, sem meio-termo. Mas não é assim que as coisas funcionam na prática. No mundo natural a autonomia convive com a dependência, numa relação ao mesmo tempo antagônica e complementar. A parte pode ser identificada como parte, mas não pode viver separada do todo, quer dizer, quanto mais independência mais interdependência. Quanto mais individualidade mais diversidade: o outro está em nós e nós estamos nele.

Esse princípio resgata novamente o conceito do complexo, “com o plexo”, braços dados, ideias, a princípio, antagônicas, que na verdade se completam. Compreender que os processos entendidos como antagônicos na verdade convivem entre si, assim como a razão e a emoção, religião e a ciência, não necessariamente precisam andar um contra o outro.

6) O princípio dialógico: Novamente, a ideia de duas lógicas que não são simplesmente justapostas ou contraditórias, mas sim necessárias uma à outra. Noções complementares e antagônicas que a princípio deveriam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade. “O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.” (MORIN, 2015, p. 74). Difere da dialética¹³ por compreender que as contradições nem sempre podem ser superadas, por considerar o diálogo. Permite a comunicação entre as ideias opostas sem pretender negar, racionalizar ou esconder essa oposição. O princípio dialógico nos remete à verdadeira compreensão.

7) O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento: remete-se novamente, com este princípio, à transdisciplinaridade. À derrubada dos muros, das fronteiras do conhecimento, levando em consideração que “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas.” (MORIN, 2004, p. 96). Com este princípio Morin reforça a ideia de reformar o pensamento e de se educar para saberes necessários à compreensão humana e científica que exploraremos nos tópicos a seguir. Uma apresentação didática desses princípios foi elencada por Mariotti (2000, p.349):

Alguns princípios do pensamento complexo

- Tudo está ligado a tudo
- O mundo natural é constituído de opostos ao mesmo tempo antagônicos e complementares.
- Toda ação implica um *feedback*;
- Todo *feedback* resulta em novas ações;
- Vivemos em círculos sistêmicos e dinâmicos de *feedback*, e não em linhas estáticas de causa-efeito imediato.
- Por isso, temos responsabilidade em tudo o que influenciamos.

¹³ Segundo Mariotti (2000) para Hegel, toda ideia (tese) provoca o surgimento de outra que lhe é oposta (antítese). Do embate das duas nasce uma terceira (síntese), que representa uma reconciliação, uma resolução. A síntese é o resultado da superação da tensão entre dois opostos.

- O *feedback* pode surgir bem longe da ação inicial, em termos de tempo e espaço.
- Todo sistema reage segundo a sua estrutura.
- A estrutura de um sistema muda continuamente, mas não sua organização.
- Os resultados nem sempre são proporcionais aos esforços iniciais.
- Os sistemas funcionam melhor por meio de suas ligações mais frágeis.
- Uma parte só pode ser definida como tal em relação a um todo.
- Nunca se pode fazer uma coisa isolada.
- Não há fenômenos de causa única no mundo natural.
- As propriedades emergentes de um sistema não são redutíveis aos seus componentes.
- É impossível pensar num sistema sem pensar em seu contexto (seu ambiente).
- Os sistemas não podem ser reduzidos ao meio ambiente e vice-versa.

2.2 A reforma do pensamento

No início desse capítulo, viu-se que estamos programados, histórica e culturalmente, a ter um pensamento linear. O modo de organização do nosso saber em um sistema de ideias (teoria, ideologia) ligada ao desenvolvimento da própria ciência¹⁴ que não reconhece a complexidade. Morin (2015) considera que para se galgar uma reforma do pensamento é necessário que tomemos consciência de todos os paradigmas que mutilam o conhecimento e desfiguram a complexidade do real. Suas ideias se apoiam, dentre outras, na segunda revolução científica do século XX, no que concerne ao desenvolvimento das novas ciências como Ecologia e Cosmologia que são poli ou transdisciplinares e na teoria dos sistemas que concebe o todo como sendo maior do que as somas das partes, tendo em vista que as partes só podem ser compreendidas nesse todo organizado. Assim, Morin (2015, p. 34) esclarece que:

É que meu único método era tentar iluminar os múltiplos aspectos dos fenômenos, e tentar apreender as mutáveis relações. Religar, religar sempre, era um método mais rico, ao nível teórico mesmo, do que as teorias blindadas, encouraçadas epistemológica e logicamente, metodologicamente aptas a tudo enfrentar, salvo evidentemente a complexidade do real.

Por meio do pensamento complexo, seus operadores e o desenvolvimento de um processo mental mais abrangente, multirreferencial que essa reforma tão necessária será

¹⁴ “O termo ‘ciência’ vem do latim *scientia*, de *sciens*, conhecimento, sabedoria. É um corpo de doutrina, organizado metodicamente, que constitui uma área do saber e é relativo a determinado objeto.” (PETRAGLIA, 2011, p. 54).

possível. Para trabalhar essa ideia da reforma do pensamento, no livro *A Cabeça Bem-Feita* (2004), Morin separa os termos Educação e Ensino. Educação como sendo a utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano, encorajando o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. E Ensino como sendo a arte ou ação de transmitir os conhecimentos (em um sentido mais restrito, apenas o aspecto cognitivo) a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile. Propõem assim, um ensino educativo, “a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, o modo de pensar aberto e livre.” (MORIN, 2004, p.11).

Para a organização desse ensino educativo, precisa-se superar o desafio do global, do complexo e o da expansão do saber. Com a hiperespecialização do saber, com a retalhação do conhecimento, deixa-se de inferir no contexto global ao qual esse conhecimento se aplica. Deixa-se de inter-relacionar, re-integrar as partes fragmentadas com o todo. Problemas cada vez mais complexos, multifatoriais, transdisciplinares, planetários e por isso, essenciais deixam de ser analisados à luz de sua complexidade por força de uma fragmentação de saberes. Nosso sistema de ensino confirma esse entendimento de fragmentação de saberes quando divide o conhecimento em disciplinas que trabalham isoladamente, desconexas das outras; e, cada qual em si, se propõe a reduzir o complexo ao simples numa super valorização da análise e da separação.

A esses três desafios se desdobram outros desafios: o desafio cultural, sociológico e cívico. O desafio maior a todos esses é o de responder a esses desafios; para isso, Morin (2004, p. 20) propõe uma reforma do pensamento:

A reforma do pensamento é que permitiria o pleno emprego da inteligência para responder a esses desafios e permitiria a ligação de duas culturas dissociadas. Trata-se de uma reforma não programática, mas paradigmática, concernente a nossa aptidão para organizar o conhecimento.

Propõe que a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino. Mais uma vez com essa afirmação utiliza-se do entendimento circular da complexidade, isto é, existe uma reciprocidade em todo conhecimento. Em termos de finalidades do ensino concorda com Montaigne que “mais vale uma cabeça bem-feita que uma cabeça bem cheia.” (MONTAIGNE *apud* MORIN, 2004, p.21).

Mais vale o conhecimento organizado, crítico e autocrítico; uma cabeça pensante e curiosa do que cheia de informações desconexas, sem sentido/significado. Em vez de só acumular conhecimento é necessário dispor de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido, como afirma Morin (2004, p. 22-24):

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver problemas, e correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral [...] o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes é imperativo da educação.

A hiperespecialização faz crer que o corte arbitrário operado no real é o próprio real. Daí há a necessidade de um pensamento:

- que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- que reconheça e trate as realidades, que são concomitantemente solidárias e conflituosas;
- que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade.

O pensamento da complexidade compreende os limites das suas certezas e da realidade das incertezas; limites de nossa compreensão de uma realidade que se mostra complexa e dinâmica. Por isso, não se pode confundir complexidade com completude. Como Morin (2004) diz, ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas, respeitar suas diversas dimensões.

Muito se lê, ao estudar o pensamento complexo, o termo compreensão. A este, Morin também esclarece e o diferencia de explicação. Afirma que “explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo.” (MORIN, 2004, p.51). Explicações desdobram, separam, especificam. Compreensão re-junta; religa; busca as relações.

Para Morin, as disciplinas e a hiperespecialização do conhecimento acabaram por promover uma visão reducionista, simplista e fragmentada do conhecimento e do ser humano. Em uma era planetária de tantos problemas globais, há uma necessidade de re-ligar os saberes.

Sendo assim, o entendimento do pensamento complexo é fundamental para a compreensão de tantos aspectos educacionais, como se pode observar nas palavras de Mariotti (2000, p. 36):

Segundo ele, esse sistema de pensamento busca reintegrar o que a compartimentação das disciplinas científicas fragmentou e dividiu em especialidades separadas e, em muitos casos, praticamente incomunicáveis. Para tanto, o pensamento complexo busca a religação de domínios separados e conceitos antagônicos, como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a desobediência à lógica. Trata-se de um pensamento de solidariedade, que busca aglutinar noções dispersas. Nas palavras de Morin, o pensamento complexo pratica o abraço e se prolonga na ética da solidariedade.

Educar para vida, educar para a compreensão da condição humana. Nesse sentido, é necessário acesso à literatura, poesia, cinema que tão detalhadamente expressam as realidades e vivências humanas, fatos, sentimentos, sabores e dissabores e a partir desse acesso aprender as “maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão.” (MORIN, 2004, p.51).

Diante de tantos desafios e tantas finalidades de um ensino educativo, e, de acordo com o princípio circular recursivo, apenas com uma reforma do pensamento e consequente reforma escolar poderemos de fato assumir a missão de transmissão e re-ligação dos conhecimentos e das culturas. Em uma era de problemas planetários, globais, multi, intra e transdimensionais o pensamento simplista/linear limita a compreensão e, por conseguinte as estratégias de intervenção. Compreendendo essa missão de transmissão e a necessidade de métodos de intervenção complexificados, Morin apresenta em outra obra os saberes necessários à educação que se apresenta a seguir.

2.3 Possibilidades para a reforma do pensamento

Para se promover o ensino educativo abordado no tópico anterior e consequentemente a reforma do pensamento, Morin (2000) destaca “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, nome dado à outra obra do autor. Longe de determinismos, o que Morin propõe são possibilidades, a ligação entre a teoria e a prática. Apresentam-se esses saberes por considerá-los úteis na desconstrução do pensamento simplificador e na compreensão multifatorial dos fenômenos humanos, como o *bullying*, bem como auxilia a pensar estratégias de combate mais eficazes. São eles:

1)As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão: A noção central desse ensinamento é de que todo conhecimento é passível de erro e ilusão, daí a necessidade de a educação dedicar-se ao ensino e a identificação dos mesmos. Morin (2000, p.32-33) afirma que:

As possibilidades de erro e de ilusão são múltiplas e permanentes: aquelas oriundas do exterior cultural e social inibem a autonomia da mente e impedem a busca da verdade; aquelas vindas do interior, encerradas, às vezes, no seio de nossos melhores meios de conhecimento, fazem com que as mentes se equivoquem de si próprias e sobre si mesmas.

Erros e ilusões advindos da crença acrítica do conhecimento científico, dos dogmatismos, das teorias fechadas em si, como de nossa própria mente, dos complexos imaginários e interpretações equivocadas da realidade. Para Morin (2011a), o complexo imaginário compreende a associação de três processos psíquicos “projeções-identificações-transferências” (p. 89), também denominado P.I.T., que “determina a vida imaginária” (p.90), composta por sonhos e fantasias e os “sistemas imaginários” (p.89), composto por magias, mitos e estéticas que “irrigam a vida afetiva e infiltram-se, em todos os sentidos, no seio da vida prática.” (p.91). Essa tríade forma-se com a associação dos processos e com a sobreposição deles. Os complexos imaginários alimentam a vida afetiva e se infiltram no cotidiano. Morin (2011a, p.91) aponta que:

O complexo imaginário (projeções-identificações-transferências para maior comodidade P.I.T.) determina a vida imaginária. Ela é projeção de desejos, medos, aspirações, necessidades. Estes criam imagens, alienam ou se agarram quer a imagens de antemão exteriores, quer a objetos, quer de modo mais amplo, ao mundo. Esse mundo colorido, transformado ou duplicado pelos poderes subjetivos é também experimentado subjetivamente. Ele permite processo de identificação. Ao mesmo tempo, ocorre uma grande quantidade de transformações internas no centro do imaginário, do real para o imaginário e vice-versa. O complexo imaginário é um análogo (analogon) psíquico das relações de troca entre o ser vivo e o seu meio.

Morin (2011a) afirma que a simpatia e a projeção/identificação com o outro permite a ampliação da compreensão e favorece a aquisição de conhecimento, ressaltando a importância de se considerar o estudante não apenas do ponto de vista pedagógico, mas também ponto de vista emocional e social, respeitando seu desenvolvimento no curso da vida. É dever de a educação ensinar os mecanismos que levam aos erros e ilusões e “armar cada para o combate vital para a lucidez.” (MORIN, 2000, p.33).

2) Os princípios do conhecimento pertinente: esse saber diz respeito à necessidade de serem ensinados conhecimentos gerais. É uma ideia contra a fragmentação das disciplinas e hiperespecialização. Cada vez mais nos tornamos especialistas em uma certa disciplina ou área do conhecimento e cegos às demais. Contra essa corrente Morin julga necessário para possibilitar um pensamento complexo o ensino do conhecimento global, multidimensional e de sua contextualização.

3) Ensinar a condição humana: somos culturais, naturais, físicos, psíquicos e muito mais. É preciso estar ciente de nossa humanidade. As disciplinas também levaram à desintegração dessas características humanas na medida em que foram fragmentadas e estudadas cada uma dentro de sua disciplina: sociologia, psicologia, antropologia; sem que houvesse a reintegração destas. Somos unos e somos múltiplos ao mesmo tempo. O ser humano cabe em si todas as dimensões próprias do humano mesmo antagônicas e contraditórias, mas, complementares e indissolúveis. Como bem apresenta Morin (2000, p. 58), somos:

sapiens e demens (sábio e louco)
faber e ludens (trabalhador e lúdico)
empiricus e imaginarius (empírico e imaginário)
economicus e consumans (econômico e consumista)
prosaicus e poeticus (prosaico e poético)

E muito mais, somos infantis, neuróticos, delirantes e também racionais, somos *complexus*, por isso, reduzir o homem numa esfera excludente de ou/ou é mutilar nossa humanidade. Ensinar a condição humana auxilia no processo de compreensão do outro tão necessário atualmente.

4) Ensinar a identidade terrena: esse saber nos remete à ideia da sustentabilidade; de pertença ao planeta Terra; de sermos um todo, de uma mesma espécie e que por isso devemos cuidar uns dos outros e de nosso destino planetário. Ensinar que cada vez mais temos problemas planetários, apesar das especificidades dos povos e nações, não podemos perder de vista a solidariedade e a compreensão planetária, como nos coloca Morin (2000, p.78):

O duplo imperativo antropológico impõe-se: salvar a unidade humana e salvar a diversidade humana. Desenvolver nossas identidades a um só tempo concêntricas e plurais: a de nossa etnia, a de nossa pátria, a de nossa comunidade de civilização, enfim, a de cidadãos terrestres. [...] A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária.

5) Enfrentar as incertezas: Morin (2000) revela que seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza. Com a razão e o conhecimento científico fomos ensinados a crer em verdades absolutas. Com o pensamento linear de causa-efeito aprende-se que toda ação tem uma reação diretamente proporcional à ação que deu início. O pensamento complexo quebra essa ideia quando nos fala do princípio da incerteza. Existem infinitas possibilidades de reação a uma ação. O que não significa dizer que não se deve planejar ações, pelo contrário, sugere que deve-se estabelecer estratégias compreendendo a incerteza dos acontecimentos. Mostra mais uma vez, que é necessário manter-se crítico e reflexivo num universo de certezas: “o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas.” (MORIN, 2000. p. 86).

6) Ensinar a compreensão humana: este saber contribui de sobremaneira quando se estuda o *bullying*, já que está muito está ligado à incompreensão e à intolerância. Numa era em que a comunicação triunfa a incompreensão permanece geral. Compreender vem de *compreendere*, que significa abraçar junto, confluindo ao entendimento do pensamento complexo. Morin (2000, p. 94-95) traça nesse saber a diferença entre explicar e compreender:

Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento [...] a compreensão humana vai além da explicação [...] esta comporta um conhecimento sujeito a sujeito [...] identificando-a comigo e identificando-me com ela [...] o *ego alter* que se torna *alter ego*.

Aqui ele trata da compreensão e afirma que esta introduz a dimensão subjetiva no conhecimento e na explicação. “A explicação é caracterizada por seu objetivismo; em oposição, a compreensão precisa recorrer sempre a um processo de empatia, a um processo subjetivo.” (MORIN, 2011a, p. 126).

Por comportar um conhecimento sujeito a sujeito, inclui os processos de identificação, empatia e projeção, como Morin (2004, p.93) esclarece:

[...] compreendo as lágrimas, o sorriso, o riso, o medo, a cólera, ao ver o *ego alter* como *alter ego*, por minha capacidade de experimentar os mesmos sentimentos que ele. A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito. Se vejo uma criança em prantos, vou compreendê-la não pela medição do grau de salinidade de suas lágrimas, mas por identificá-la comigo e identificar-me com ela. A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade.

Por ser intersubjetiva, pede abertura, simpatia e generosidade. Esse saber refere-se à educação para os obstáculos à compreensão: indiferença, egocentrismo, etnocentrismo, sociocentrismo; contra a tendência aprendida de se excluir e considerar hostil tudo o que difere de mim/meu; de pôr o eu/meu como referência e exemplo a se seguir e o que for distinto disso ser rechaçado ou hostilizado. Morin (2000, p.97-98) compreende que:

As ideias preconcebidas, as racionalizações com base em premissas arbitrárias, a auto justificação frenética, a incapacidade de se autocriticar, os raciocínios paranoicos, a arrogância, a recusa, o desprezo, a fabricação e a condenação de culpados são as causas e as consequências das piores incompreensões, oriundos tanto do egocentrismo como do etnocentrismo.

A ética da compreensão pede que se compreenda inclusive a incompreensão; a compreensão não desculpa nem acusa; pede que se evite a condenação peremptória; se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas; assim, Morin (2000, p. 101-102) revela que:

A verdadeira tolerância não é indiferente às idéias ou ao ceticismo generalizados. Supõe convicção, fé, escolha ética e ao mesmo tempo aceitação da expressão das idéias, convicções, escolhas contrárias às nossas. A tolerância supõe sofrimento ao suportar a expressão de idéias negativas ou, segundo nossa opinião, nefastas, e a vontade de assumir este sofrimento. [...] A tolerância vale, com certeza, para as idéias, não para os insultos, agressões ou atos homicidas.

A escola, por sua característica de obrigatoriedade, deve ser uma instituição laica totalmente aberta à tolerância e à diversidade cultural em que credos, ideologias, raças, culturas possam conviver numa simbiose construtiva. Entre os principais valores que a escola deve cultivar e promover no mundo atual encontra-se o respeito à diferença, que pode ser traduzido como aceitação do pluralismo, da tolerância, da abertura à crítica, da realização do diálogo respeitoso e do debate das ideias. Para que a compreensão humana aconteça três procedimentos devem ser conjugados segundo Morin (2011, p. 112-113, grifo nosso):

A *compreensão objetiva* [...] comporta a explicação. A explicação obtém, reúne e articula dados e informações objetivos relativos a uma pessoa, um comportamento, uma situação, etc. [...] A *compreensão subjetiva* é o fruto de uma compreensão de sujeito a sujeito que permite, por mimesis (projeção-identificação), compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças. A *compreensão complexa*

engloba explicação, compreensão objetiva e subjetiva. A compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa.

Ela exigiria o desenvolvimento da capacidade de conviver com o diferente sem nunca considerá-lo um ser inferior, aceito por meio de uma concessão.

7) A Ética do gênero humano: esse saber complementa-se com o terceiro ao reafirmar a noção de identidade terrena. Trata de se ensinar a democracia e do nosso destino planetário.

É necessário o ensino e prática do respeito às diferenças como já nos fala Morin, o “respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre as minorias; deve comportar o direito das minorias e dos contestadores à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das ideias heréticas e desviantes.” (2000, p. 108).

Morin fala que todo olhar sobre a ética deve levar em conta que a sua exigência é vivida subjetivamente, pois, ela está no coração do sujeito, originada de fontes interiores ao indivíduo (que o sente no espírito como uma injunção de um dever), externas (cultura, crenças e normas de uma comunidade) e anteriores (transmitida geneticamente) que estão interligadas. O autor afirma que (2011, p. 105):

Os estragos da incivilidade, características das grandes aglomerações (ignorância do outro, desrespeito à sua prioridade, ausência de assistência a um desconhecido em dificuldade) são avanços da barbárie interior. A civilidade era praticada quase instintivamente quando o *imprinting*¹⁵ cultural da comunidade estava enraizado nos espíritos individuais; está agora vinculada à autoética.

No *bullying* onde o homem busca “dominar desconsiderando o outro, excluindo-o por meio de mensagens simbólicas, pela comunicação, definindo papéis” (MORIN 2011, p. 200) são avanços da barbárie interior, reflexo das marcas culturais enraizadas no indivíduo.

¹⁵ “Marca indelével imposta, primeiro, pela cultura familiar e, depois, pela cultura social, que se mantém na vida adulta. O *imprinting* inscreve-se cerebralmente na primeira infância pela estabilização seletiva das sinapses, inscrições primeiras que vão marcar irreversivelmente o espírito individual no seu modo de conhecer e agir”. (MORIN, 2012, p.302).

Outros conceitos necessários trazidos por Morin que auxiliam na compreensão do fenômeno *bullying* é o de sujeito e subjetividade abordados no tópico a seguir.

2.4 Sobre o sujeito e a subjetividade

Ser sujeito não quer dizer ser consciente: também não quer dizer ter afetividade, sentimentos, ainda que evidentemente a subjetividade humana se desenvolva com a afetividade, com sentimentos. Ser sujeito é colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do ‘eu’. (MORIN, 2015, p. 65).

Morin (2004) propõe uma definição de sujeito complexa, partindo de uma base biológica, ligada às ideias de autonomia¹⁶ e auto-organização¹⁷. Fala que toda organização biológica necessita de uma dimensão cognitiva e nessa dimensão é que surge a primeira definição de sujeito – o egocentrismo –, na qual ser sujeito é auto afirmar-se, é posicionar-se no centro de seu mundo. Essa autoafirmação é feita através de princípios de separação/unificação; identidade; exclusão e inclusão que leva a comportamentos egoístas e altruístas respectivamente; estes agem de maneira dialógica, ao mesmo tempo, complementar e antagônica. Fala-se mais adiante sobre cada um deles.

Como assevera Morin (2004, p.120):

[...] a primeira definição do sujeito seria o egocentrismo, no sentido literal do termo: posicionar-se no centro de seu mundo. [...] E, quanto a isso, diria que há um princípio “logístico” de identidade, que pode ser resumido na fórmula: “Eu [*je*] sou eu [*moi*]” é o princípio que permite estabelecer, a um só tempo, a diferença entre o “Eu” (subjetivo) e o “eu” (sujeito objetivado), e sua indissolúvel identidade.

O indivíduo parte sempre de si e é composto de um “Eu” (subjetivo/auto-referência) e um “eu” (sujeito objetivado/exo-referência). Um protagonista e um externo, uma representação da imagem que o sujeito tem de “si mesmo”. Sob a perspectiva da complexidade tem-se uma identidade indissolúvel do sujeito que comporta distinção, diferenciação e reunificação e é regida por princípios. O primeiro seria o princípio da separação/unificação do

¹⁶ Não existe para Morin uma liberdade absoluta, o sujeito depende de seu meio ambiente seja ele biológico, cultural ou social. A noção de autonomia humana é complexa. “Para sermos nós mesmos precisamos aprender uma linguagem, uma cultura, um saber [...] essa autonomia se alimenta de dependência.” (MORIN, 2015, p.66).

¹⁷ Para Petraglia (2011) é a capacidade que o ser humano tem de transforma-se sempre.

“Eu” subjetivo e do “eu” objetivo. Essa noção favoreceu a compreensão de um “si” e um “não-si”; do “eu” e do “não-eu”; do “Eu” e os outros “Eu”. Assim, para Morin (2004, p.121):

[...] a distinção radical imediata do “si”, do “não-si”, do “eu” e dos “outros” distribui valores concomitantemente: tudo o que vem do “eu”, do “si”, do “Eu” é valorizado e deve ser protegido, defendido; o resto é indiferente ou combatido. Eis o primeiro princípio de identidade do sujeito que permite a unidade subjetiva/objetiva [...]

Além deste, haveria um segundo princípio de identidade, que se refere à permanência da auto-referência, apesar das transformações e através das transformações. “‘Eu’ continua o mesmo a despeito das modificações internas do ‘eu’ (mudança de caráter, de humor), do ‘si mesmo’ (modificações físicas devidas à idade).” (MORIN, 2004, p.121). O terceiro, o princípio de exclusão, entende que existe um “Eu” único para cada um, ninguém pode dizê-lo em meu lugar; somos sujeitos distintos. Antagônico a este, porém, concomitante e complementar está o princípio da inclusão, onde pode existir um “nós” em meu “Eu” e posso incluir meu “Eu” em um “nós”. Morin (2004, p.123) entende que este princípio supõe, para humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos:

A compreensão permite considerar a outro não apenas como *ego alter*, um outro indivíduo sujeito, mas também como *alter ego*, um outro eu mesmo, com quem me comunico, simpatizo, comungo. O princípio de comunicação está, pois, incluído no princípio de identidade e manifesta-se no princípio de inclusão.

Esses princípios tratam das características da individualidade que ao mesmo tempo singularizam o sujeito e o distinguem, o diferenciam tornando-o sujeito, autor de seu processo organizado. Cada ser é único e original, apesar de poder existir semelhanças étnicas, raciais, sociais ou culturais. Porém, também se formam através da relação “eu” e “tu”. Daí o entendimento de que a subjetividade é construída nas relações interpessoais e por sua influência, e manifesta-se na singularidade e na peculiaridade de cada um, como bem define Dias (2010, p.54):

Entendemos subjetividade como um sistema que organiza e desorganiza o mundo interno e o mundo externo do sujeito, facilita e dificulta o desenvolvimento e o crescimento pessoal, resgata o passado que interfere no agora do presente, prospecta o futuro, desvela e distingue o singular e o especial.

Para sermos nós mesmos necessitamos de fatores externos a nós, daí a conclusão que “a auto-organização é na verdade auto-eco-organização, porque a transformação extrapola o seu ser.” (PETRAGLIA, 2011, p.71). A vivência do *bullying* pode interferir nessa construção de modo que como afirma Morin, em um artigo¹⁸ sobre a metamorfose, “quando um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais, se degrada ou se desintegra ou então é capaz de suscitar um metassistema capaz de lidar com seus problemas: ele se metamorfoseia”. O que o autor alerta com esse entendimento é que o “[...] desenvolvimento de cada um será sensível aos fatos, acidentes, traumas vividos ao longo dos períodos infantis e juvenis” (2012, p.58) Outra característica/qualidade do sujeito humano é a capacidade reflexiva e de sua consciência, que Morin (2004, p.126) entende como sendo:

A consciência, em minha concepção, é emergência última da qualidade do sujeito. É uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesma, em circuito. A consciência é a qualidade humana última e, sem dúvida, a mais preciosa, pois o que é último é, ao mesmo tempo, o que há de melhor e mais frágil. E, de fato, a consciência é extremamente frágil e, em sua fragilidade, pode enganar-se muitas vezes.

Para construir a noção de sujeito, Morin utiliza os princípios operacionais da complexidade; o sujeito é ao mesmo tempo produto e produtor, uno e múltiplo, eu (*ego alter*) e outro (*alter ego*); traz uma concepção complexa do sujeito e de sua subjetividade.

Somos também reprovados por permanecemos “subjetivos”. Mas reconhecendo, confessando nossa subjetividade, nossas fraquezas, nossas incertezas, *sabemos que estamos mais perto da objetividade do que aqueles que acreditam que suas palavras refletem a ordem das coisas*. (MORIN, 2011a, p. 57, grifos do autor).

Ao conhecer e compreender o pensamento complexo, percebe-se que é emergente a necessidade de resgatar os estudos sobre o conhecimento do conhecimento; quer seja o conhecimento sobre o homem e sua humanidade; quer seja o conhecimento científico. Unir o que foi separado: as culturas das humanidades e a cultura científica. Na tentativa de compreensão do fenômeno *bullying* utilizou-se o aprendizado colhido através do estudo do pensamento complexo e buscou-se unir conceitos, analisar o fenômeno sobre múltiplos aspectos e dentro de seu contexto. Como nos ensina Morin (2015, p.49) é preciso:

¹⁸ <https://www.ecodebate.com.br/2010/01/12/elogia-da-metamorfose-artigo-de-edgar-morin>

[...] um discurso multidimensional não totalitário, teórico, mas não doutrinário (a doutrina é a teoria fechada, autossuficiente, portanto insuficiente), aberto para a incerteza e a superação; não ideal/idealista, sabendo que a coisa jamais será totalmente fechada no conceito, o mundo jamais aprisionado no discurso.

Utilizou-se uma pequena síntese para encerrar este capítulo sobre o que se aprendeu com o pensamento complexo:

O que se aprende por meio do pensamento complexo

- Que pequenas ações podem levar a grandes resultados (efeito borboleta).
 - Que nem sempre aprendemos pela experiência.
 - Que só podemos nos autoconhecer com a ajuda dos outros.
 - Que soluções imediatistas podem provocar problemas ainda maiores do que aqueles que estamos tentando resolver.
 - Que não existem fenômenos de causa única.
 - Que toda ação produz efeitos colaterais.
 - Que soluções óbvias em geral causam mais mal do que bem.
 - Que é possível (e necessário) pensar em termos de conexões, e não de eventos isolados.
 - Que os princípios do pensamento sistêmico podem ser aplicados a qualquer sistema.
 - Que os melhores resultados vêm da conversação e do respeito à diversidade de opiniões, não do dogmatismo e da unidimensionalidade.
- Que o imediatismo e a inflexibilidade são os primeiros passos para o subdesenvolvimento, seja ele pessoal, grupal ou cultural. (MARIOTTI, 2000, p.350)

No capítulo a seguir apresentam-se os pressupostos metodológicos aplicados na pesquisa.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS: pressupostos metodológicos

Neste capítulo, abordam-se o percurso metodológico adotado para este estudo de caso, a contextualização e o projeto político da escola selecionada, a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, os procedimentos e os instrumentos para coleta e análise dos dados e, por fim, as categorias encontradas com foco nos objetivos a que se propôs esta investigação.

Na busca das respostas para este estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa, pois esta não se preocupa com a representatividade numérica, mas com a compreensão dos fenômenos. Uma abordagem qualitativa tem como foco a interpretação¹⁹, cuja subjetividade é ressaltada, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Além disso, deve-se considerar a flexibilidade na conduta da pesquisa e o interesse no processo, segundo Moreira (2011), a que se acrescenta que são importantes elementos que permitem alcançar os resultados pretendidos.

Para Gil (1989), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Nesse sentido, a abordagem qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, nas palavras de Minayo (2002, p. 21-22), em um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis. Essa abordagem de pesquisa permite a compreensão de fenômenos interpretando-os segundo a perspectiva do sujeito envolvido. De acordo com o que afirma Minayo (2002, p.22-24):

¹⁹ “É a atividade intelectual que procura dar significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos.” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.168).

A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. [...] Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada.

Quanto aos procedimentos utilizados para a coleta de dados, optou-se pela pesquisa de campo na modalidade estudo de caso. A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002).

Destaca-se que esse método diz respeito a uma “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo.” (SEVERINO, 2016, p.128).

Segundo Fonseca (2002, p. 33-34):

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

Portanto, o estudo de caso possui a característica de conhecer as particularidades de um caso singular de forma descritiva e intuitiva, levando à compreensão de sua atividade em certas circunstâncias, tornando-o um tipo de estudo adequado para investigar problemas práticos.

Para André (2005), esta modalidade de pesquisa pode ser classificada como: intrínseca (quando o pesquisador tem interesse intrínseco naquele caso em particular); instrumental (quando o interesse do pesquisador é uma questão que o caso vai ajudar a resolver); ou coletiva (quando o pesquisador não se concentra em um só caso, mas em vários). Nesse sentido, compreende-se que o estudo de caso utilizado nesta pesquisa é de caráter instrumental, haja vista que o foco não é a escola em si, mas a compreensão de como o *bullying* pode afetar o desempenho dos estudantes. Com efeito, podem ser utilizadas como métodos de

coleta de dados: a entrevista individual e coletiva com estudantes, a análise de documentos legais e de documentos escolares e a observação dentro e fora da escola.

Para Yin (2005), deve-se dar preferência ao estudo de caso quando: (1) as perguntas da pesquisa forem do tipo "como" e "por que"; (2) quando o pesquisador tiver pouco controle sobre aquilo que acontece ou que pode acontecer; e (3) quando o foco de interesse for um fenômeno contemporâneo que esteja ocorrendo numa situação da vida real. Ademais, o estudo de caso promove a aproximação entre pesquisador e pesquisado, necessária em uma pesquisa qualitativa e “é uma das principais fontes de compreensão da subjetividade do sujeito.” (FRANCO, 2014, p.135). O acesso à subjetividade dos sujeitos deste estudo possibilitou a compreensão da repercussão das experiências de *bullying* no desempenho escolar dos alunos, objetivo desta pesquisa.

3.1 Contextualizando: a escola e os sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) – *Campus* localizado na cidade de Parnaíba, localizada a 320 quilômetros da capital do Piauí. O IFPI é uma instituição de ensino público-federal que atua na Educação Básica, na Educação Superior e na Educação Profissional, com sede localizada na cidade de Teresina e com Campi distribuídos pelas cidades de Angical, Campo Maior, Corrente, Floriano, Oeiras, Parnaíba, Paulistana, Pedro II, Picos, Piripiri, São Raimundo Nonato, Teresina, Uruçuí e Valença.

O município de Parnaíba é o segundo maior do Estado do Piauí, ocupando uma área de 436 km², situado na macrorregião do Baixo Parnaíba, no Nordeste do Brasil. De acordo com dados da contagem da população (IBGE, 2010), há um registro da população de 145.705 habitantes. No Estado, o *Campus* de Parnaíba tem se consolidado como uma instituição de referência do ensino profissionalizante, atuando como elemento aglutinador da inclusão social e de desenvolvimento econômico. Passou a funcionar a partir do dia 16 de abril de 2007, e foi inaugurado em 14 de novembro de 2007, com três cursos técnicos: Edificações, Eletrotécnica e Informática.

Atualmente, o IFPI *Campus* Parnaíba atende a uma clientela proveniente de escolas públicas e particulares do município e circunvizinhanças, no Ensino Médio Integrado ao

Técnico, Ensino Técnico Concomitante e Subsequente, no Programa de Jovens e Adultos, e Licenciaturas. Possui 898 alunos matriculados: 328 na modalidade Médio Integrado ao Técnico (Edificações, Eletrotécnica e Informática); 318 nos cursos Técnicos Concomitante/Subsequente (Edificações, Eletrotécnica, Informática e Administração); 231 nas Licenciaturas (Química e Física) e 21 no Proeja (Comércio). Conta com os seguintes ambientes de ensino: vinte salas de aula, treze laboratórios, recepção, chefia de gabinete, sala de reunião, sala de diretoria, gerência de ensino, gerência de administração, coordenação de materiais e patrimônio, sala de manutenção, almoxarifado, auditório, biblioteca, centro de processamento de dados (CPD), coordenação pedagógica, coordenação de cursos, controle acadêmico, controle de disciplinas, reprografia, nove banheiros, sala de professores, copa, dois alojamentos, área social, sala para psicólogo, consultório médico, consultório odontológico, enfermagem, refeitório para os alunos onde são oferecidos gratuitamente almoço e jantar e quadra de esportes.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é do ano de 2009, não tendo passado por nenhuma reformulação, e constitui-se como instrumento que referencia sua ação educativa, cuja finalidade principal é organizar e sistematizar o conjunto de ideias, valores, crenças, princípios e as diretrizes legais do ensino que nortearão o fazer pedagógico. Destaca que a educação deve levar em conta o processo de ensino-aprendizagem baseado no diálogo professor-aluno; deve ser contextualizada de forma a desenvolver a capacidade de análise das situações e a tomada de posições quanto ao social em qualquer nível (nacional e/ou mundial); ser engajada nos movimentos sociais de inclusão da população marginalizada; ter compromisso com a produção cultural; ser capaz de atender à dualidade da preparação para a vivência social e para o ingresso no ensino superior no que tange à apropriação do conhecimento, patrimônio da humanidade (PPP, 2009).

A instituição desenvolve atividades no âmbito da Política de Assistência ao Estudante (POLAE), oferecendo bolsas remuneradas, cujos valores variam de acordo com critérios e a partir de dados socioeconômicos dos beneficiados, visando permanência e êxito escolar.

A organização curricular dos cursos pauta-se nos princípios da educação profissional definidos no Parecer CNE/CEB nº 16/99 e está voltado ao incremento de competências técnico-cognitivas, organizacionais, comunicativas, sociais, comportamentais e políticas, necessárias às exigências e especificidades de cada oferta de formação.

O currículo contempla princípios para o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício de cidadania e sua qualificação para o trabalho; fomento à cultura e ao conhecimento científico, contribuindo para o crescimento econômico-social e o pluralismo de ideias, valorizando assim, a diversidade e a tolerância para com as diferenças de qualquer natureza. Contudo, nada consta no PPP sobre o tratamento do fenômeno *bullying*.

Atualmente a instituição trabalha com a temática *bullying* por intermédio do serviço de psicologia que oferece aos alunos ingressantes informações acerca do fenômeno e orienta a comunidade escolar de forma preventiva. Só houve um caso amplamente denunciado que teve como ação a suspensão dos alunos apontados como agressores – prevista no item “Das sanções disciplinares da Organização Didática”, em casos de agressão física dentro da instituição – e uma apresentação sobre o tema à turma. A seguir descrevem-se os procedimentos e instrumentos aplicados para a coleta de dados.

3.2 Procedimentos e Instrumentos para a Coleta e Análise dos Dados

Inicialmente, todas as turmas de Ensino Médio foram visitadas para apresentação da pesquisa e leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) de forma a explicar o objeto, os objetivos e o instrumento para coleta de dados.

No entanto, apenas os alunos que se identificaram, segundo sua compreensão do tema como vítimas de *bullying* em alguma época de sua vida escolar, agendaram um momento para concederem seus depoimentos. De um universo de mais de 328 (trezentos e vinte e oito) alunos da modalidade de ensino médio integrado, apenas 6 (seis) procuraram a pesquisadora com o propósito de colaborar com a pesquisa. Os referidos colaboradores foram identificados conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Identificação dos Entrevistados

Estudante/ Entrevista	Sexo	Série Atual	Idade Atual	Idade da experiência com o bullying
1	Feminino	2º ano	17 anos	Dos 10 aos 12 anos
2	Feminino	1º ano	16 anos	Aos 4 anos e aos 8 anos

3	Masculino	2º ano	16 anos	Dos 6 aos 9 anos e com 14 anos
4	Masculino	1º ano	15 anos	“Desde quando era criança”; “Na creche”; idade não definida.
5	Masculino	1º ano	17 anos	Dos 7 aos 11 anos e com 15 anos;
6	Feminino	1º ano	16 anos	“Desde o primeiro do fundamental”

Optou-se pela entrevista reflexiva segundo Szymanski, Almeida e Prandini (2011) empregada em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado. É reflexiva porque:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade de protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder. (SZYMANSKI, ALMEIDA E PRANDINI, 2011, p.15)

Assim, por intermédio de uma questão desencadeadora, focalizando o objetivo da pesquisa e, ao mesmo tempo, ampliando o suficiente para que cada depoente escolhesse por onde começar (SZYMANSKI, ALMEIDA E PRANDINI, 2011) possibilitou a livre expressão a respeito do tema investigado. A questão norteadora foi: Como foi sua experiência com o bullying e de que forma repercutiu em seu desempenho escolar?

Sempre que necessário, foram feitas intervenções de aprofundamento, ou seja, “perguntas que podem ser feitas quando o discurso do entrevistado toca nos focos de modo superficial, mas trazem a sugestão de que uma investigação mais aprofundada seria desejável.” (SZYMANSKI, ALMEIDA E PRANDINI, 2011, p. 51).

Szymanski, Almeida e Prandini (2011, p.69-70) delinearam as próprias propostas de análise de entrevistas, partindo dos subsídios oferecidos por Amedeo Giorgi (1985). Esta orientação foi importante para este estudo levando-se em consideração os seguintes aspectos:

- 1.O pesquisador lê o depoimento todo para familiarizar-se com o texto que descreve a experiência; nesse momento, está imerso em um enfoque gestáltico. Lê tantas vezes quantas necessárias para captar a essência do que foi descrito.
- 2.Uma vez que o sentido do todo foi apreendido e como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, o pesquisador deve quebrar o todo em partes: volta ao começo do texto uma vez mais e passa a por em evidência os significados, em função do fenômeno que está investigando; esses significados existem para o pesquisador que está interrogando e não são unidades rigidamente prescritas – são respostas para as interrogações; assim procedendo, se obtêm “unidades de significado”; estas relacionam-se umas com as outras, mas indicam momentos distinguíveis na totalidade da descrição;
- 3.Como as descrições feitas pelos depoentes expressam realidades múltiplas e como o pesquisador está interessado em extrair o que tem valor psicológico a respeito do fenômeno que está investigando é necessário que as expressões cotidianas “ingênuas” do depoente sejam transformadas em linguagem psicológica e,
- 4.Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado transformadas, ou seja, integra todas as unidades em uma descrição consistente, referente à experiência do depoente; todas as unidades transformadas devem estar, pelo menos implicitamente, contidas na descrição.

As categorias que emergiram das leituras e releituras não foram colocadas *a priori*, elas apenas denominaram aspectos comuns da experiência do *bullying* e das repercussões no desempenho escolar dos entrevistados, emergiram no trabalho de análise e refletiram o que se estudou e se apropriou sobre o tema. Como nos revela Szymanski, Almeida e Prandini (2011, p.78):

Na relação com o texto de referência, emergem novas articulações conceituais. Leituras e releituras do texto completo das entrevistas, com anotações às margens, permitem ao longo do tempo a elaboração de sínteses provisórias, de pequenos insights, e a visualização das falas dos participantes, referindo-se aos mesmos assuntos. Estes, nomeados pelo aspecto do fenômeno à que se referem, constituem uma categoria.

As autoras apontam a necessidade de se avançar na descrição para uma interpretação buscando o oculto no aparente, porque existe uma dicotomia entre o vivido e o pensado, que consiste, em síntese, no trabalho de análise.

Após realizada a transcrição das entrevistas, passou-se à leitura com o objetivo de compreender o fenômeno *bullying*, sob a ótica dos estudantes autoconsiderados vítimas em algum momento de vida escolar. Além disso, procurou-se verificar se essa experiência repercutiu no desempenho escolar e na vida pessoal desse estudante.

As falas, na maioria dos casos, apresentavam-se diluídas ao longo dos testemunhos e seu agrupamento constituiu duas categorias. A primeira A EXPERIÊNCIA DO *BULLYING* – que contém os depoimentos que tratam dos detalhes da experiência vivida com o *bullying*: época, forma, como, frequência e motivações sob a compreensão da vítima – dividida em três subcategorias – momentos em que o *bullying* acontecia (aspecto temporal); de que forma o *bullying* ocorria (aspecto fático) e por quais motivos ele se manifestava (aspecto causal). A segunda categoria SINTOMAS PARA ALÉM DA ESCOLA – que abrangem os efeitos subjetivos que podem repercutir dentro e fora da escola, as consequências do *bullying*, tanto subjetivamente, como no desempenho escolar – dividida em três subcategorias – sentimentos contraídos em decorrência do *bullying* escolar; repercussão do *bullying* no desempenho escolar e formas de enfrentamento.

No capítulo a seguir apresentam-se a análise e a discussão das categorias encontradas com base no referencial teórico e literatura especializada, com foco no objetivo proposto nesta pesquisa e emergidas a partir dessa metodologia de estudo.

4 AS VÍTIMAS DE *BULLYING*: assujeitamentos e superações

As análises desenvolvidas foram guiadas pelas duas categorias elaboradas a partir deste estudo, que se dispõem da seguinte forma: (1) A EXPERIÊNCIA DO *BULLYING*, dividida em três subcategorias – Momentos em que o *bullying* acontecia (aspecto temporal); De que forma o *bullying* ocorria (aspecto fático); e Por quais motivos ele se manifestava (aspecto causal). E (2) SINTOMAS PARA ALÉM DA ESCOLA, dividida em três subcategorias – Sentimentos contraídos em decorrência do *bullying* escolar; Repercussão do *bullying* no desempenho escolar; e Formas de enfrentamento.

4.1 A Experiência do *bullying*

A uma mesma crise, adolescentes poderão responder de maneira bastante diferente, uns superarão e sairão fortalecidos, outros sucumbirão ao peso neurótico que os marcará por toda a vida. (MORIN, 2012, p.58)

Compreende-se, pelas palavras de Morin (2012), que as experiências vivenciadas pelo indivíduo são particulares, únicas, mesmo havendo similitudes. Nesse aspecto, importa observar que dependeu de cada estudante julgar se vivenciou ou não a experiência de *bullying* em uma posição de vítima. Dessa forma, os resultados aqui apresentados dizem respeito à interpretação que os sujeitos fazem de sua própria posição em relação ao *bullying* e em como essa vivência repercutiu em seu desempenho escolar.

4.1.1 Momentos em que o *bullying* acontecia (aspecto temporal)

Verificou-se que o *bullying* está presente na vida dos entrevistados desde as séries iniciais. Como descrito na Lei *antibullying*, apresentada no capítulo 1, o *bullying* caracteriza-se quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e estes atos são classificados conforme o tipo de agressão sofrida: física, moral, social, verbal, entre outras. (BRASIL, 2015). Constatou-se que todos os entrevistados sofreram um ou mais tipos de *bullying* ao longo de sua trajetória escolar. Para a entrevistada número 1, o *bullying*

iniciou-se aos 10 anos através da exclusão (*bullying* social: social: ignorar, isolar e excluir) sentida por parte dos colegas e pela professora:

Minha experiência ou minha ruim experiência com o bullying acho que foi aos 10 anos no colégio. As garotas me excluía pelo fato de não ser tão mocinha. Elas me excluía como se eu não fosse alguém. A professora não gostava muito de mim. Eu era tipo a excluída lá de trás (Entrevista 1).

Através das falas, percebe-se a presença do *bullying* desde a infância. Para a entrevistada número 2, desde os 4 anos, assim que ingressou na escola, ela percebeu-se vítima de *bullying*, sentido por ela na zombaria em seu modo de caminhar (*bullying* verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; e, moral: difamar, caluniar, disseminar rumores); tendo esta vivência se agravado aos 8 anos, fazendo com que a mesma mudasse muito de escola e procurasse ajuda psicológica:

Começou quando eu entrei na escola com 4 anos, só que com 4 anos eu nem ligava. Aí depois dos meus 8 anos pra lá eu passei a ligar e tipo, eu mudei muito de escola e toda escola que eu ia eu pensava que ia ser uma coisa diferente e tinha novas pessoas mangando, mangando, mangando. Eu não conseguia ver uma pessoa olhando para mim, nem que essa pessoa me achasse bonita. Para mim aquela pessoa estava me olhando de outra forma que não era a que ela mesma queria expressar e quando foi em 2011 aconteceu de uma forma bem grave de eu ter problemas psicológicos (Entrevista 2).

O entrevistado número 3 relata ter sido vítima de *bullying* desde os seis anos de idade, por meio de agressões físicas (*bullying* físico: socar, chutar, bater; e, psicológico: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar); as quais só cessaram quando o estudante mudou de escola aos nove anos de idade:

Eu tinha uns 6, 7 anos nessa época. Começou assim: me empurravam, derrubavam no chão, agressão mesmo! Me sentia muito mal e também eu não contava para meus pais porque eu pensava que ia causar alguma confusão, sei lá. Dos seis aos oito anos. Eu comecei nessa escola aos 4. Eu saí de lá aos 9 anos. Começou isso quando eu fui para essa turma que eram os maiores. (Entrevista 3)

Os demais entrevistados relatam também terem vivenciado algum tipo de *bullying* nas séries iniciais, no período da infância:

Desde quando eu era criança comecei a sofrer bullying. Na escolinha aonde eu ia que era creche (Entrevista 4).

Foi quando eu tinha sete anos. Eu nunca tinha passado por isso. Foi quando eu entrei no PET. Foi dos sete aos onze anos que eu ainda estudava lá e ainda frequentava, depois parou mais (Entrevista 5).

Bom desde muito pequena, eu sempre fui assim mais gordinha. Eu até tinha alguns amigos só que as crianças são um pouco maldosas. Com o passar do tempo, eu estava já no primeiro ano do ensino fundamental, começaram aquelas piadinhas e eu até relevava. Eu não contava para minha mãe. Eu continuei e isso foi por um bom tempo, eu estudei no mesmo colégio por um bom tempo e isso foi ficando cada vez mais frequente (Entrevista 6).

Percebe-se pela fala dos entrevistados um agravamento gradual no *bullying* vivenciado. É possível que pela ingenuidade da infância ou pela necessidade de aceitação social, a princípio as vítimas tentem relevar as agressões sentidas. Cabe destacar que no depoimento de três estudantes observa-se uma tentativa de minimizar a vivência atual de *bullying* quando verbalizam “não ligar”. Verifica-se, como descrito por Franco (2014), que a aparente resiliência ou superação pode significar uma defesa diante da impossibilidade de se evitar o fenômeno, ou pelo medo de agravá-lo. Ou de fato a superação ocorreu conforme descrita por Morin (2012) como a metamorfose do sujeito, necessária para lidar com os problemas vitais. Desse modo, as experiências atuais já se apresentam como efeito da vivência anterior:

Isso acabou um pouco, mas, até hoje eu tenho um certo receio de pessoas e eu já vi várias pessoas falando do meu caminhado. Hoje em dia, hoje mesmo, mas, eu não ligo tanto. Aprendi a controlar mais isso. No começo era bem forte! (Entrevista 2).

Eu acho que me adaptei porque para algumas pessoas já é normal tirar essas brincadeiras. [...] Atualmente há desrespeito comigo. Tem coisas que eu fico: - Deixa! Assim, eu acho que deixa de ser bullying, apesar de ser, quando reforça, apesar de ser um apelido, tá reforçando um lado que eu tenho. [...] Tem uns apelidos que são meio pejorativos, mas, eu não me importo porque eles já falam isso pelo costume (Entrevista 4).

O pessoal lá começou a fazer, praticar, jogar apelido para mim. Hoje eu num presto mais muito atenção não. [...] Como eu já sei, já presenciei, já vivi e já consegui lidar com isso de uma forma, não muito legal, mas, eu consegui aí, hoje eu não sofro mais bullying. [...] Quando eu era pequeno eu revidava muito. Alguém me apelidava eu revidava também, ficava falando, dando força aquilo aí que acontecia mesmo. Agora, quando alguém fala alguma coisa de mim eu penso assim: - Ele quer atenção, não vou dar atenção para ele. Se ele quiser falar comigo ele vai ter que me chamar pelo nome (Entrevista 5).

Ademais, o fato de ser na escola faz com que este espaço mude de significado para essas vítimas, deixando de ser um local de socialização para ser um ambiente hostil, onde passam momentos “traumáticos”, como os verbalizados adiante. De acordo com Morin (2012) os períodos da infância e juventude são significativos no desenvolvimento do indivíduo, então essas situações podem afetar de sobremaneira o desenvolvimento dos indivíduos afetados, como se observa na próxima categoria.

4.1.2 De que forma o *bullying* ocorria (aspecto fático)

Todas as formas de *bullying* descritas na primeira subcategoria e verbalizadas pelos entrevistados são apresentadas também, por autores como Fante (2005), Silva (2010) e Rossato e Rossato (2013). Na maioria dos casos, as agressões são verbais, ocorrem por meio de insultos e apelidos pejorativos. Foi verificado que, conforme a literatura, “os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais (xingamentos, apelidos, insultos e ameaças)” (CEATS/FIA, 2010, p.44), que muitas vezes são interpretados pelos próprios alunos e professores como brincadeiras. A seguir os depoimentos que remetem às formas de agressão sofridas:

Tinha um cara que dizia que se eu morresse ninguém ia sentir minha falta; que eu não servia para nada [...] Eles falavam muita coisa de mim: como minha existência no mundo era desnecessária para todo mundo; que eu não devia está ali; que eu não devia ter nascido; que minha mãe devia ter se arrependido de ter me tido [...] Eles sempre chegavam com uma faixa “você não é bem vinda aqui [...] Do nada eles começavam a falar: - Tu não serve para nada! Ah, se tu morresse aqui no colégio podia ter um feriado, se tu morresse seria tão bom, que seriam vários dias de feriado! Tu não é a melhor aluna da sala? Tu não serve para nada! Do nada eles começavam a falar! Eu sentava na cadeira e eles começavam a falar. Eu chegava um pouco atrasada, normalmente já tinha alunos lá aí, eu sentava e eles começavam a falar de mim, olhavam torto para mim. Eu sentia que eles estavam falando de mim, é complicado, muito complicado (Entrevista 1).

No relato da vítima, há uma crueldade sentida na agressão dos autores de *bullying* na tentativa de colocá-la numa posição inferior frente aos demais alunos da escola. O que Morin (2011, p. 200) diz acerca dessa forma de agir é que a barbárie está em cada um de nós, que o homem busca dominar desconsiderando o outro, excluindo-o por meio de mensagens

simbólicas, pela comunicação, definindo papéis; sendo empurrado “para a lei do talião e para a vingança”.

Eu estava andando e vi várias pessoas mangando de mim e antes disso tinha tido um bingo e eu estava no centro daquele monte de pessoas e eu via aquelas pessoas apontando para mim, mangando de mim de uma forma assim terrível, para mim não eram pessoas falando eram monstros! Não só isso, essas pessoas ficaram mangando de mim durante semanas, semanas mesmo! Eu me peguei um dia chorando desesperada! Porque que aquelas pessoas mangavam tanto de mim, o que eu tinha de tão errado, o que é que eu tinha feito? Nunca tinha matado ninguém, nem roubado ninguém porque que aquelas pessoas me julgavam tanto e julgavam o meu caminhado? Nunca entendi! [...] Mangavam muito por causa do meu nome também. Eu acho o meu nome lindo, mas, as pessoas mangavam muito do meu nome. Todo dia era piadinha. Até hoje as pessoas fazem isso. Me chamaram já de chupa cabras por que eu tinha uma “xuxinha” que tinha umas bolinhas. Eu nunca entendi por que me chamavam de chupa cabras. Me chamavam de Maria homem por causa do meu caminhado e tipo isso me afetou de uma forma extrema. [...] Eu entrava no ônibus escolar e tinha alguém apontando para mim mangando. Saía e tinha alguém apontando, mangando. Eu entrava na porta da escola tinha alguém para mangar (Entrevista 2).

Muito sentidas também são as difamações, isolamento e exclusão. A entrevistada 2 chega a comparar os agressores a monstros. A humilhação fugia aos muros da escola e a aluna ficou marcada pelos seus apelidos descaracterizando-a. Tudo isso sem motivação evidente. Verificou-se que as humilhações em público amplificam o potencial ofensivo da agressão, causando uma reação em cadeia. Esse contágio coletivo pode ser compreendido como reflexo da barbárie descrita por Morin (2011, p. 105), nos estragos da incivilidade, ou seja, a “ignorância do outro, desrespeito à sua prioridade, ausência de assistência a um desconhecido em dificuldade.”.

Dos estudantes entrevistados, apenas um relatou ter sofrido agressões físicas diárias, por um grupo de alunos, além de agressões psicológicas do tipo dominação, intimidação e perseguição.

No meu caso começou na escola porque eu estudava numa sala com os grandes e os menores misturados. Aí os grandes batiam nos menores sempre e eu era um dos menores, sempre eu apanhava e eu acho também que eles cometiam bullying contra mim porque eles pediam pesca e eu não queria dar. Aí eles iam me bater na saída. Eram vários me batendo porque era um grupo de irmãos. Um vinha me bater, aí vinham todos os outros. [...] Eu fui pro meio deles querendo me enturmar aí, eles começaram a pegar no meu pé, me xingar,

colocar apelidos. Eles não colocaram só em mim, era eu e nos menores, todos os menores. Xingar de gordo, xingando a mãe (Entrevista 3).

Como dito anteriormente, as ações praticadas pelos *bullie's* são principalmente do tipo verbal e social: expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos. Frases que expressam sentimentos de ódio, intolerância e rejeição, como verificamos no seguinte depoimento:

Eu era assim digamos, diferente. Eu ia para a escola mas, eu não era daqueles meninos de falar palavrão, de não prestar atenção e os outros não gostavam disso. Teve um tempo que eu era até mais gordinho e eles começaram a falar, intimidar daqueles apelidos, me chamar de baleia, não sei o quê aí, eu por mim mesmo, comecei a comer menos, como se eu estivesse fazendo uma dieta, me auto impondo, comendo menos aí, hoje eu quero engordar e não consigo. Eles ficavam me chamando disso, de gordo aí, dentro de sala de aula eu ficava com medo de participar que eles não gostavam, entendeu? Não sei, eles ficavam incomodados e depois ficavam tirando onda comigo, entendeu? [...] Tinha os alunos maiores, mais velhos, ficavam me chamando de um monte de coisa e eu não gostava. Nessas vezes eu ia até para briga mesmo. Ficavam me chamando de florzinha, uns apelidos pejorativos que eu não gostava, se eu contasse para professora ou para diretora aí a zombaria seria maior. É como se elas não tivessem autoridade na época. Se eu contasse eles ficavam me chamando de dedo duro, de um monte de coisa, de covarde. Eles queriam que eu enfrentasse mesmo, entendeu? (Entrevista 4).

De tanto ser apelidado, percebe-se no depoimento do entrevistado a seguir uma despersonalização: não era conhecido pelo seu nome e sim pelo apelido pejorativo que o mesmo não pronunciou em momento algum da entrevista por receio de reviver tudo novamente caso descobrissem.

Para mim ocorreu nesse período dos sete aos quinze anos. Com quinze anos foi diferente porque eu já tinha passado por aquilo e eu sabia como enfrentar aquilo de frente. Não ia me acuar, mas, dos sete aos onze era muito pesado. Era apelido direto, direto, direto, direto, todo dia eu ouvia uns dez apelidos por dia. Era na sala apelido, no recreio apelido, no PET apelido [...] À tarde eu era a piada lá. Mas, passou. Quando eu falo eu até rio, mas, na época eu ficava lá no chão. Eles estão falando de mim direto, só tem eu de assunto aqui. [...] Quando acontece o bullying contigo, quando a pessoa fala dentro da sala fica lá. Agora quando a pessoa fala no pátio parece que é contagioso, começam a praticar também, todo mundo começa a fazer aí, você vira piada, você é a piada da primeira até a quarta série. No PET eu era a piada total (Entrevista 5).

O *bullying* era vivenciado todos os dias por ele, como algo rotineiro e mais uma vez a forma coletiva que promove uma reação em cadeia. Essas características apresentadas estão na própria definição de *bullying* apresentada pela Lei no tocante ao caráter “intencional e repetitivo”, “sem motivação evidente” e dentro de “uma relação de desequilíbrio de poder.” (BRASIL, 2015). A humilhação pública “ser a piada” promovida pela coesão entre os bullies e testemunhas dando maior peso à prática e promovendo a exclusão da vítima, coadunando com o que Rossato e Rossato (2013) quando declaram que as testemunhas estimulam a prática do *bullying* e funcionam como uma plateia de um show, direta ou indiretamente, estimulam o agressor e a manutenção da agressão. Assemelha-se à vivência da entrevistada 6 como se pode observar:

Na hora do recreio eles subiam porque lá no colégio tinha uma escada, minha sala era a última, eles subiam e começavam a falar muita coisa, eu chorava. Tinha dia que eu ia para casa chorando. [...] Lá as crianças gostam de correr, lá todo mundo corria; uma vez, eu fui descer a escada aí, a professora me chamou para ir brincar com eles; aí, um menino falou assim: - Mas como que ela vai brincar se ela não pode correr? Aí a professora disse: - Porque que ela não pode correr? - Porque ela é muito gorda! Eu fiquei mal, porque ele falou isso na frente de um monte de gente; eu simplesmente voltei, disse para professora que ia ao banheiro aí, voltei para sala e fiquei chorando e isso se repetia várias vezes; toda vez que eu descia, para passar pelo pátio para ir beber água eles me xingavam de baleia, de muita coisa. Aí eu não descia mais. Eu passei a não descer mais. Só descia quando meus pais chegavam para ir me buscar. Monstro, eles me chamavam de monstro. [...] Depois disso eu fui para outro colégio, já na quinta série. Lá foi bem pior mesmo porque lá as pessoas são terríveis, elas fazem coisas horríveis com a gente. Eu estando lá comecei a andar com uma meninazinha que ela era muito legal e as pessoas xingavam muito ela. Aí começaram a me xingar também. Lá eram crianças maiores, mais velhas falavam coisas bem piores do que as outras e isso me deixava muito, muito mal. Diziam coisas horríveis, falavam que eu parecia um monstro. Falavam muita coisa, muita coisa mesmo e a cada dia que passava eu me sentia mais triste, mais triste e minha mãe dizia que eu estava muito errada e ela perguntava toda vez, todo dia, o que é que eu tinha e eu falava que nada. Passou uns três ou quatro meses. Eu estava lá no colégio, um menino chegou e falou assim para mim, perguntou se eu não tinha medo de apanhar. Eu não entendi porque eu sempre fui grande e as pessoas diziam que eu podia bater nos outros mas, aí ele perguntou e eu falei “não”. Fui embora aí, ele continuou a ir atrás de mim e começou a me xingar. Vinha muita gente fazer a mesma coisa aí, eu fui embora. Isso era a hora da saída. Isso começou a se repetir todo dia. Todo dia ele chegava, vários meninos ficavam me xingando, botando apelido e tudo (Entrevista 6).

Evidencia-se mais uma vez, com os depoimentos, as características definidas no conceito de *bullying*: de repetição sistemática das atitudes agressivas, intencionalidade, falta de

motivação evidente, dentro de uma relação desigual de poder, causando sofrimento em quem sofre (LOPES NETO, 2005). Os alunos afirmam ser uma rotina diária comparando-se a uma “tortura”, o que mais uma vez retoma a barbárie humana, a crueldade, a dominação, a subserviência (MORIN, 2011). Outro aspecto citado diz respeito ao fato de que as agressões ocorriam, na maior parte das vezes, em locais longe dos olhares dos professores, no pátio, na sala de aula, mas, que muitas vezes ocorriam na presença e era de conhecimento de todos que o *bullying* acontecia como se fosse ignorado propositalmente pelos adultos responsáveis. Essas falas corroboram com Natalo (2014), quando afirma que os discursos sobre o *bullying* evidenciam a desresponsabilização dos mais velhos (professores, diretores, coordenadores, inspetores), por educar os mais novos e denunciam a falha pedagógica desenvolvimentista que, em prol de uma autonomia da criança/adolescente, tira a autoridade do educador. Isto amplifica a sensação de solidão e promovia o silêncio das vítimas diante do conflito.

4.1.3 Por quais motivos ele se manifestava (aspecto causal)

Na percepção de alguns estudantes entrevistados, o *bullying* configura-se como preconceito. A discriminação é motivada por alguma diferença que se destaca da maioria dos alunos. Como por exemplo, a discriminação social:

Acho que faziam isso porque eu era pobre. Eu ainda sou pobre, mas, eu era mais e tipo o colégio onde eu estudei era todo mundo rico. Eu era bolsista, aí todo mundo, com celular de última geração, com o notebook de última geração e eu lá. Acho que era tudo muito troca de interesse. As meninas muito maquiadas, muito lindas, muito arrumadas e eu lá. Acho que a diferença social afetou muito, muito mesmo. Umas crianças tão mal educadas, tão mal educadas, não do tipo rudes, mas, mal educadas realmente. Que pensam que dinheiro é tudo. Que já são adultas. Com 11, 12 anos eu me sentia uma criança e as garotas “sou uma adulta”. Eu acho que isso afetou muito porque eu era muito infantil. Ainda hoje eu sou muito infantil. Elas todas exuberantes! Acho que isso afetou também bastante porque eu parecia uma menininha. Elas me discriminaram por conta disso. Porque eu não era como elas, porque elas eram aquelas garotinhas populares que tiravam nota baixa e eu tirava nota boa e os professores falavam muito (Entrevista 1).

Na fala da entrevistada ainda verifica-se a discriminação por seu melhor desempenho escolar e pelo grau de maturidade diferente das demais meninas da escola que se colocavam mais mocinhas, maquiadas e ela ainda muito criança. Os comportamentos

discriminatórios vividos, como os declarados nas entrevistas, estão baseados em premissas arbitrárias, no desprezo ao outro, na arrogância, que levam às piores incompreensões e são fruto de acordo com Morin (2000) do egocentrismo e do etnocentrismo. O autor compreende que o sujeito é egocêntrico, posicionando-se no centro do seu mundo, isso tende a levá-los a rejeitar o que seja diferente e a transformar os diferentes em “minorias” e “exceções” que fogem ao padrão. Confirma também a presença do “narcisismo das pequenas diferenças” (FREUD, 1930-2011), cujo sujeito cria diferenças entre as pessoas pertencentes ao seu grupo e a outros, dirigindo afeto e respeito aos seus e ódio e desprezo aos que pertencem a outros grupos. Outras diferenças apresentadas nos testemunhos são: diferenças de idade, de características físicas, como ser gordo e até mesmo por seu nome ou jeito de caminhar, ou seja, diferenças comportamentais, como constatamos nos depoimentos a seguir:

Na verdade eu não entendo o que a pessoa ganha mangando de outra. Cada pessoa tem os seus defeitos e porque mangar dos outros? Acho que é uma infelicidade delas. Eu mesma sofri bullying, mas, eu não vou cometer bullying com outra pessoa porque eu sei como é a dor, eu passei por isso! Sinceramente não sei o que levam essas pessoas a mangarem de outras. Não sei se ela se satisfaz com a tristeza do outro. Eu estava tentando superar sozinha. Ao longo dos anos aí, quando eu achava que tinha parado começava de novo aí, eu tentava me conter de novo. Até que chegou um certo limite que não consegui mais e eu disse: - Não, já chega! Não quero que as pessoas manguem do meu caminhado! Não quero, não aguento mais! (Entrevista 2).

A estudante busca compreender em si o que pode ter feito para provocar aquela situação e se indaga sobre qual seria ganho ao se utilizar de outro indivíduo como chacota. Compreende como uma necessidade do agressor de provocar a dor que ele sente em outra pessoa, como uma forma distorcida de chamar atenção para si; expressão inadequada dos seus sentimentos se valendo de outrem para aliviar sua dor, confirmando o entendimento de Antunes (2010, p.92) sobre os que praticam *bullying*, a autora considera os comportamentos agressivos como “mecanismos de defesa” caracterizando-se como sintoma superficial e não como causa de uma “perturbação social”. A vingança também aparece como motivador, como expressão inadequada de raiva ou ódio ou condenação: não perdão, não diálogo, conflitos não resolvidos. De maneira similar entende o estudante 3:

Eu acho que eles agiam assim por raiva, porque eles eram repetentes. Aí quando chegavam alguém novo eles queriam descontar a raiva deles nos novatos, porque eles não se interessavam só queriam saber de jogar futebol.

Aí quando viam alguém que estava estudando se revoltavam e atacavam a pessoa [...] Eles ficavam incomodados com a situação e aí: - Ah, quer saber, eu vou pelo menos bater nele! Mesmo eles reprovando ficávamos na mesma turma porque lá era até o quinto ano aí, era o primeiro com o segundo e o terceiro, quarto e quinto juntos aí, juntava tudo. [...]. Acho também que eles cometiam bullying contra mim porque eles pediam pesca e eu não queria dar. Aí eles iam me bater na saída (Entrevista 3).

Para esse estudante, a diferença de idade foi um fator relevante nas agressões. Na necessidade dos mais velhos subjugarem os mais novos e exercerem o poder por meio da força física. Entende o *bullying* sofrido como forma de vingança por não dar aos agressores o que eles queriam “pesca” e assim uma possível inveja pela posição de destaque enquanto bom aluno, já que eles eram julgados como desinteressados. Compreende também como uma forma não saudável que os mesmos tinham de demonstrar seus sentimentos, no caso a raiva por serem repetentes.

As formas que os estudantes entrevistados interpretam as motivações do *bullying* conversam com o que Morin (2011a) chama de complexo imaginário de projeção. O agressor projeta no outro aquilo que nega em si mesmo, tem dificuldade em identificar o que é seu e atribui ao outro; sentem-se ameaçados e atacam por identificarem nos outros dificuldades e semelhanças que rejeitam ou desejam para si e não possuem. A projeção pode desencadear a identificação, que não se restringe apenas a uma identificação direta, inclui também uma introjeção de conteúdos, normas arbitrárias e valores que pertencem ao outro. Comum às vítimas de *bullying* assumirem a identidade determinada pelos agressores, este aspecto será tratado na categoria a seguir.

Eu diria que o bullying existe pela ignorância. A pessoa pode até dizer, pode ter o estudo que for, mas, se a pessoa trata outra pessoa mal por ela ser diferente, devido à ignorância dela porque o que é bonito na vida é o que é diferente. [...] Acontece é que as outras pessoas ficam com inveja, os outros alunos. [...] O preconceito ele vai aprendendo em casa, na escola, assim como vai aprendendo as outras coisas ele vai aprender também o preconceito, vai aprender a discriminação. O bullying começa no preconceito, por a pessoa ser diferente, entendeu? Acho que não só educar os alunos, mas, também os pais. É necessário (Entrevista 4).

O estudante 4 acredita que no *bullying* o agressor tente destacar o que “a sociedade vê como algo repugnante”, como um defeito naquele que é vitimizado. Mais uma vez a diferença como sendo o motivo para os ataques; em seu caso a diferença era física e

comportamental. Para ele, a discriminação é aprendida em casa e na escola; responsabiliza a instituição escolar e os pais por não educar valores adequados para um convívio social saudável e traz a noção de *bullying* como um sintoma social, coadunado com Morin (2012, p.272) quando diz que:

A cultura inscreve no indivíduo o seu *imprinting*, registro matricial quase sempre sem volta que marca desde a primeira infância o modo individual de conhecer e comportar-se, que se aprofunda com a educação familiar e escolar. [...] O *imprinting* é seguido por uma normalização que cala qualquer dúvida ou contestação das normas, verdades e tabus. [...] Cada cultura, por meio do sistema educacional, das normas, das interdições e dos modelos de comportamento, recalca, inibe, favorece, estimula, sobredetermina a expressão de uma aptidão inata, exerce os seus efeitos sobre o funcionamento cerebral e a formação da mente, interferindo assim para coorganizar e controlar a personalidade como um todo.

A normalização é imposta em forma de verdades, na "força normalizadora do dogma, a força proibitiva do tabu. As doutrinas e ideologias dominantes dispõem também da força imperativa/coercitiva que leva a evidência aos convictos e o temor inibitório aos outros" (MORIN, 2011b, p. 29). O *bullying* estaria, então, ligado ao aprendizado social; seria um comportamento por repetição e muitas vezes como uma reação ao próprio *bullying*, apesar de todos os alunos entrevistados afirmarem nunca terem cometido *bullying* por compreender as consequências danosas do mesmo.

Eu fui ficando mais velho e percebi que a pessoa que fazia aquilo, que pratica isso tá querendo atenção e se não quisesse atenção não ficava praticando bullying. Ela quer atenção de um jeito ou de outro e sempre são aqueles que querem ser os mais engraçados da sala, os palhaços, os que se acham, os melhores. Na verdade não são. [...] O que eu entendia pela vivência do bullying que eu sofri foi que a pessoa que pratica ela está querendo atenção ou ela está querendo se enturmar com alguém usando aquela pessoa para falar porque não vai ter assunto para falar com o outro: - Vamos falar dele (Entrevista 5).

Para o quinto entrevistado, o *bullie* possui necessidade de atenção para si e utiliza-se da chacota para ser "aceito", "se enturmar", parecer interessante para os outros. Considera que *bullies* são infelizes e encontram uma forma não adequada para expressar seus sentimentos e invejam da felicidade alheia.

Bom desde muito pequena, eu sempre fui assim mais gordinha. Eu até tinha alguns amigos só que as crianças são um pouco maldosas. [...] Acho que

acontecía isso pelo fato de eu ser muito calada. Eu sempre aceitava tudo o que eles diziam, sempre fui uma pessoa que se você disser para mim que é assim é desse jeito que vai ser, entendeu? E isso piora mais se eu gostar muito de você. [...] Depois disso eu fui para outro colégio, já na quinta série. Lá foi bem pior mesmo porque lá as pessoas são terríveis, elas fazem coisas horríveis com a gente (Entrevista 6).

Já essa estudante autorresponsabiliza-se por não reagir às agressões. Acredita que as crianças são maldosas, terríveis e sua crueldade é intencional. Avalia-se que apresentar diferenças em relação aos demais não é justificativa única para motivar a prática de *bullying*. Para Morin (2015) uma causa não tem em geral apenas um efeito, pois, não há fenômenos humanos de causa única; são múltiplas as retroações/retroalimentações (feedbacks). Considera, ainda, que “a sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz” (p. 74) e que “os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz” (p. 95), tudo está interligado, não há uma realidade isolada ou produzida por uma única causa. Dessa forma, os alunos percebem que não são necessariamente os responsáveis pelos ataques, é possível que esses agressores reproduzam o *bullying* sofrido ou o preconceito que aprendem no meio social em que vivem: família, escola, por exemplo. Esse entendimento corrobora quando o teórico afirma que “a intolerância é um equivalente psíquico do mecanismo imunológico da rejeição de si; constitui uma recusa daquilo que não está em conformidade com nossas ideias e crenças” (MORIN, 2011, p.106).

Dessa forma, os comportamentos agressivos podem ser compreendidos como formas não-saudáveis de expressão dos sentimentos dos que praticam *bullying*, de sua raiva, inveja, se valendo de outrem para aliviar a dor que deveras sente. Revelando uma possível falta de empatia por parte dos *bullies* e a necessidade deles chamarem atenção para si e/ou uma possível carência afetiva, nas palavras de Morin (2011, p.190):

O mal surge como resultado de uma falta ou de um excesso. A falta pode vir da insensibilidade, da indiferença, da ignorância, da inconsciência, da deficiência mental, da falta de razão, de sabedoria, de amor, de compaixão [...] O excesso produtor do mal é a desmedida – *a hubris* – acompanhada pela desrazão; em outras palavras, o lado *demens* do *homo sapiens demens*. (MORIN, 2011, p. 190).

Para tanto, encaminha-se a seguir, com fito em um refinamento e em uma sintetização da análise aqui realizada nesta categoria, um quadro com a experiência do bullying:

Quadro 2 – Síntese da categoria A EXPERIÊNCIA DO BULLYING

Categoria	Subcategorias	Síntese
<p>Contém os depoimentos que tratam dos detalhes da experiência vivida com o <i>bullying</i>: época, forma, como, frequência e motivações sob a compreensão da vítima.</p>	<p>Momentos em que o <i>bullying</i> acontecia (aspecto temporal)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificou-se que o <i>bullying</i> está presente na vida dos entrevistados desde as séries iniciais. Constatou-se que todos os entrevistados sofreram um ou mais tipos de <i>bullying</i> ao longo de sua trajetória escolar. Percebe-se pela fala dos entrevistados um agravamento gradual no <i>bullying</i> vivenciado. • Verificou-se, como descrito por Franco (2014), que a aparente resiliência ou superação pode significar uma defesa diante da impossibilidade de se evitar o fenômeno, ou pelo medo de agravá-lo. • Morin (2012) alerta os períodos da infância e juventude são significativos no desenvolvimento do indivíduo, então essas situações podem afetar de sobremaneira o desenvolvimento dos indivíduos afetados.
	<p>De que forma o <i>bullying</i> ocorria (aspecto fático)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificou-se que na maioria dos casos as agressões são verbais por meio de insultos e apelidos pejorativos que por muitas vezes interpretados pelos próprios alunos e professores como brincadeiras. Muito sentidas também são as difamações, isolamento e exclusão. Frases que expressam sentimentos de ódio, intolerância e rejeição. • Morin (2011, p. 200) diz, acerca dessa forma de agir, é que a barbárie está em cada um de nós, que o homem busca dominar desconsiderando o outro, excluindo-o por meio de mensagens simbólicas, pela comunicação, definindo papéis. • Verificou-se que as humilhações em público amplificam o potencial ofensivo da agressão, causando uma reação em cadeia. Dos estudantes entrevistados apenas um relatou ter sofrido agressões físicas diárias, por um grupo de alunos, além de agressões psicológicas do tipo dominação, intimidação e perseguição. Os alunos afirmam ser uma rotina diária comparando-se a uma “tortura”, mais uma vez retomando a barbárie humana, a crueldade, a dominação, a subserviência (MORIN, 2011).

	<p>Por quais motivos ele se manifestava (aspecto causal)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na percepção de alguns estudantes entrevistados, o <i>bullying</i> configura-se como preconceito. A discriminação é motivada por alguma diferença que se destaca da maioria dos alunos. Como por exemplo, a discriminação social, por seu melhor desempenho escolar e pelo grau de maturidade diferente. Outras diferenças apresentadas nos testemunhos são: diferenças de idade, de características físicas, como ser gordo e até mesmo por seu nome ou jeito de caminhar, ou seja, diferenças comportamentais. • Essas discriminações são fruto de acordo com Morin (2000) do egocentrismo e do etnocentrismo que tende a levar os sujeitos a rejeitar o que seja diferente. • Freud (1930-2011) denomina de “narcisismo das pequenas diferenças” onde o sujeito cria diferenças entre as pessoas pertencentes ao seu grupo e a outros, dirigindo afeto e respeito aos seus e ódio e desprezo aos que pertencem a outros grupos. • Antunes (2010, p.92) considera os comportamentos agressivos como “mecanismos de defesa” caracterizando-se como sintoma superficial e não como causa de uma “perturbação social”. • Morin (2011a) chama no complexo imaginário de projeção. Sentem-se ameaçados e atacam por identificarem nos outros dificuldades e semelhanças que rejeitam ou desejam para si e não possuem. • Para Morin (2015) uma causa não tem em geral apenas um efeito, pois, não há fenômenos humanos de causa única. Considera que “a sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz” (p. 74) e que “os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz” (p. 95), tudo está interligado, não há uma realidade isolada ou produzida por uma única causa.
--	--	--

As experiências do *bullying* são únicas e apesar de algumas semelhanças cada indivíduo percebe à sua maneira. Apresentaram-se nessa categoria as principais angústias e dificuldades provocadas por essa violência no ambiente da escola, os sentimentos despertados

e as principais motivações percebidas pelos estudantes. Na categoria a seguir apresentam-se os possíveis prejuízos causados pelo *bullying* nas vítimas e no rendimento escolar.

4.2 Sintomas²⁰ para além da escola

Podemos resistir à crueldade do mundo e à crueldade humana pela solidariedade, pelo amor, pela religião e por comiserção pelas infelizes vítimas. (MORIN, 2011, p.193).

Conforme apontado na revisão de literatura, são graves para as vítimas de *bullying*, os “danos refletidos na constituição do psiquismo, principalmente ao se considerar que as crianças e os adolescentes em idade escolar estão em pleno desenvolvimento.” (ROSSATO; ROSSATO, 2013, p.90). Essa categoria apresenta as repercussões do *bullying* para as vítimas: sentimentos despertados, os reflexos no desempenho escolar e formas de enfrentamento adotadas e propostas pelos estudantes entrevistados.

4.2.1. Sentimentos contraídos em decorrência do *bullying* escolar

Nas falas dos entrevistados constata-se o sofrimento da vítima e sentimentos de rejeição, solidão, tristeza/depressão, culpa, opressão, desilusão, medo, fraqueza e mágoa:

Acabou me afetando muito porque, eu pensei que o problema fosse comigo, que eu tinha alguma coisa errada, mas, na verdade não. [...] Isso foi muito difícil de aguentar porque eu chorava todo dia e eu não queria mais ficar lá por isso eu mudei de colégio. [...] Eu me sentia sozinha, muito sozinha. Eu acho solidão o pior sentimento que existe. Eu não consigo ficar sozinha. Eu não sabia por que isso acontecia. Às vezes eu me perguntava: - Será que eu tenho alguma coisa errada? Eu sempre achava que tinha algum problema comigo. Como se eles estivessem certos porque, eu não tinha muita consciência disso. Como se eles fossem os certos e eu fosse a errada da história. Como se eu fosse a abominação do mundo. Como se eu não fizesse nada correto. Quanto mais eu tentava melhorar mais as pessoas se afastavam de mim. Era meio triste. Era muito sozinha a minha vida naquele tempo. [...] Mamãe achava estranho porque todo dia eu chorava, todo dia, todo dia eu chorava. Eu criei uma baixa autoestima nesse tempo, meu Deus! Muito baixa autoestima! Eu me sentia assim um nada, um nada! [...] Lembro das minhas noites! Das coisas que eu mais lembro são das minhas noites! Eu chegava,

²⁰ Compreende-se sintoma como “um entrave que sinaliza para alguém que alguma coisa não vai bem”. (BOSSA, 2002, p.59)

jantava, deitava na cama e chorava! Chorava até dormir! Toda essa dor que eu sentia por dentro, solidão, onde a minha baixa autoestima também levou a esse choro, de pensar que eu era a pior coisa que existia! Eu começava a acreditar no que eles estavam dizendo. Quanto mais eles diziam que eu não servia para nada mais eu acreditava nisso. (Entrevista 1)

No depoimento da primeira estudante entrevistada verifica-se que os sentimentos gerados foram de tristeza, solidão e desilusão com a escola. Na fala da aluna há uma necessidade de socialização, de fazer parte do grupo e o sofrimento por não conseguir ser incluída em grupo algum. Como consequência, se sente excluída e possui pensamentos negativos acerca de si mesma. Culpabiliza-se pelo que ocorria e se arrepende por não ter reagido ou denunciado. Afirma inclusive ter tentado mudar quem era, suas características, para se adequar ao que acreditava ser necessário para conseguir socializar-se. Tentar ser forte para estudante é não se deixar afetar frente ao outro, o que não se sustentava.

Foi horrível e interferiu muito na minha vida escolar porque era justamente na escola. E tive vários problemas por conta disso, por questão de não querer ir para a escola ou de ter vergonha das pessoas. [...] Depois dessa humilhação que eu passei eu tive que tomar remédios e ter encontro com psicólogo para mudar minha visão. Eu estava realmente muito abalada; não queria mais sair de casa de jeito nenhum; não queria que ninguém visse meu caminhar. Saía caminhando, mas, eu olhava para mim caminhando e ficava pensando assim: - Ah aquela pessoa está me olhando! Aquela pessoa está olhando pro meu caminhar! (Entrevista 2)

Para a segunda estudante entrevistada a repetição do ato gerou um clima de desconfiança acerca da percepção do outro sobre ela. De modo que essa desconfiança passa a ser utilizada como mecanismo de defesa para evitar a intimidade, para evitar a amizade, para que não haja envolvimento afetivo, já que não sentia reciprocidade. Por vezes, culpabiliza-se pelo fenômeno – “raiva de mim mesma” – chegando a ter depressão e necessitando de acompanhamento psicológico para trabalhar a visão pessimista acerca de si e do outro – “me afastei de mim mesma”. Sentimento de tristeza profunda, demonstrada pelo choro recorrente e isolamento social. Percebe-se, em seu depoimento, um grande sofrimento e a relutância em rememorar os episódios dolorosos – “vem tudo de novo”.

Me sentia muito mal [...] Eu chorava, só chorava, ia para algum canto e começava a chorar, ficava com raiva, revoltado. [...] Tinha vez que eu ficava extremamente revoltado e queria brigar com ele porque eu ficava ali na minha, mas, tinha vez que era demais. [...] O bullying é algo que atrapalha muito o

desenvolvimento da pessoa. Qualquer pessoa que sofre bullying fica com trauma ou algo do tipo. (Entrevista 3)

Também percebe-se tristeza, opressão e revolta no depoimento do terceiro entrevistado. Sentimentos contra os agressores, contra si próprio por não ter tido uma reação que pudesse impedir a agressão de prosseguir e contra os adultos que também não impediam. A vítima, nesse caso, também tenta “se adequar” ao grupo para ser aceito e/ou evitar de alguma forma as agressões, trazendo para si a responsabilização pelo ato cometido contra ele. Sente por vezes desejo de reagir da mesma forma. As projeções e a identificação são transferências no sentido inverso, ligadas e recíprocas, ou seja, os alunos vítimas desejam ser como os outros desejam que ele seja; deixa de fazer as coisas com medo de ferir e ser ferido; sente muitas vezes, que é inimigo de si mesmo (MORIN, 2011a). Os sentimentos notados no discurso do quinto entrevistado são de medo, opressão, solidão, tristeza, mágoa e fraqueza.

Uma sensação meio de medo, de fraqueza. Você se sente fraco que é um bocado de gente contra você sozinho. Eu me sentia assim, me sentia fraco, acuado, com medo. [...] Depois eu me sentia mal, me sentia triste acontecendo aquilo comigo. [...] Fingia que não estava acontecendo mais eu me magoava que eu sabia que era comigo. [...] No sétimo eu era mais extrovertido, eu falava mais; por causa desse acontecimento e outros, eu fiquei tímido. (Entrevista 5)

Sentia-se também humilhado, destruído - “ficava lá no chão”. Por vezes tinha reação agressiva, de “descontar” a agressão, de resolver por si mesmo diante da inércia dos adultos, mas, a solução era temporária tendo em vista que o *bullie* voltava a atacar; passou então a ignorar o *bullie*, fingir que não se incomodava, ficando passivo diante dos atos - “acuado”. Por vezes também, assumia a identidade ditada pelos *bullies*, concebendo como verdade os xingamentos e apelidos pejorativos, como mecanismo de defesa. Percebe-se que essa vivência interferiu em sua autoimagem já que o mesmo afirma ter se tornado introvertido, tímido e desconfiado com o passar dos anos mas, segundo ele o fortaleceu também - “não tenho medo de enfrentar as coisas”.

Tinha dia que eu ia para casa chorando. [...] A cada dia que passava eu me sentia mais triste, mais triste e minha mãe dizia que eu estava muito errada e ela perguntava toda vez, todo dia, o que é que eu tinha e eu falava que nada. [...] Eu só chorava, não tinha reação. (Entrevista 6)

Muita tristeza e decepção são sentidas pela entrevistada seis; assim como a crença negativa acerca de si mesma – “me sentia uma pessoa horrível” – motivada pela repetição

sistemática de apelidos pejorativos; algo que para ela significava uma tortura. Sentia-se excluída e isolada socialmente.

Como se verifica nos trechos a seguir, alguns relatam sentir raiva e revolta não só contra a situação, mas, por não conseguirem reagir, nem denunciar; por não conseguirem se defender e impedir que a agressão prosseguisse e dos adultos que também não impediam. Observa-se então uma autorresponsabilização pelo que acontecia inclusive com a tentativa de se adequar ao grupo para ser aceito e/ou evitar que, de alguma forma, continuasse sendo vítima. Alguns trechos deixam transparecer tais sentimentos:

Hoje quando eu repenso nisso que aconteceu dá uma tristeza por eu não ter feito nada! Por eu tentar me mudar ao invés de mudar os outros [...] Eu pensava que um dia eles iam me aceitar, mas, não aceitaram. Eu também queria me fazer um pouco de forte: - Eu sou forte, eu vou aguentar! Mas, teve uma hora que foi demais, que não deu mais, não deu mesmo! Eu queria me fazer de forte: - Não, eu aguento, eu aguento! Só que um dia eu não aguentei mais! Um dia eu explodi e disse: - Não, eu não quero mais ficar lá! Foi pesado, muito pesado, ainda hoje eu lembro! Lembro das minhas noites! Das coisas que eu mais lembro são das minhas noites! Eu chegava, jantava, deitava na cama e chorava! Chorava até dormir! [...] Eu pensava que era a pior coisa que existia na face da terra! Pessoa que não tinha amigos, que não tinha vida, pessoa sozinha que não fazia muita diferença no mundo. Não é fácil mesmo! A gente só finge ser forte! A gente não é não e começa o fingimento daí. (Entrevista 1)

Cheguei a me criticar porque que eu não caminhava direito e, tentei mudar isso várias vezes, eu tentei, mas, é o meu caminhado, eu não consegui! (Entrevista 2)

Sentia uma dor por dentro, uma revolta, uma revolta grande contra aquela pessoa que comete [...] Sentia rancor, não sei explicar, é tipo uma revolta que eu lembro e fico me perguntando por que que eu não falava para ninguém. [...] Eu pensava que o problema era em mim, por causa do meu jeito sei lá aí, eu tentava mudar o meu jeito. Eu pensei em ser mais como ele porque eu queria ver se ele parava de cometer bullying comigo. [...] Me dói porque eu nunca tive reação de contar para ninguém. Fico tipo com um peso em cima de mim porque eu nunca pedi ajuda. A minha escolha era aguentar ou sair da escola, mas, é difícil porque na época meus pais não tinham moto. Depois que compraram a moto que eu vim estudar na cidade. Eu ficava aguentando aquilo tudo. Se eu fosse chegar para alguém para contar talvez alguém ligasse. Eu sofria, mas, não procurava mudar aquela situação de uma maneira certa. (Entrevista 3)

Na época eu era mais gordinho, mas, eu comecei a emagrecer por causa disso. Eu por mim mesmo, comecei a comer menos, como se eu estivesse fazendo uma dieta, me auto impondo, comendo menos aí, hoje eu quero engordar e não consigo. [...] Eu ia para lá aí, eu não sabia jogar bola direito, eu tentava

até me enturmar, se eles falavam palavrão eu falava também. Eu comecei a tentar me enturmar. (Entrevista 4)

Eu me responsabilizo com o que aconteceu comigo porque se eu tivesse tido uma reação de não de xingar nem nada mas, de ter saído daquele lugar, de falar com o diretor [...] Se eu tivesse feito alguma coisa, se eu tivesse saído de lá talvez não tivesse ouvido muita coisa. (Entrevista 6)

Outro aspecto que merece referência é a necessidade de socialização presente em todas as falas confirmando que “o outro é uma necessidade interna.” (MORIN, 2012, p.77). Para essa socialização se consolidar, o indivíduo deseja ser ratificado em suas características, por suas qualidades, “a necessidade de reconhecimento não se separa da necessidade subjetiva de autoafirmação.” (MORIN, 2010, p.79). Desejo vital de criar vínculos de amizade, mas, ao serem excluídos do grupo, questionam sua imagem e criam crenças negativas acerca de si. Para Morin “desprezado, o sujeito sente-se ferido, mutilado, machucado.” (2010, p.79):

Acabou me afetando muito porque, eu pensei que o problema fosse comigo, que eu tinha alguma coisa errada, mas, na verdade não [...] Parecia que eu tinha alguma coisa. Quando eu tentava me enturmar saiam, era triste. [...] Eu sempre achava que tinha algum problema comigo. Como se eles estivessem certos porque, eu não tinha muita consciência disso. Como se eles fossem os certos e eu fosse a errada da história. Como se eu fosse a abominação do mundo. Como se eu não fizesse nada correto. (Entrevista 1)

Foi uma fase da minha vida que eu decidi não confiar mais em ninguém porque elas viraram minhas amigas para saber coisas e inventar outras coisas absurdas, tipo que eu estava namorando com fulano.[...] Nessa época eu decidi que não ia confiar mais em ninguém, que eu ia virar uma pessoa muito fria. Eu era legal com todo mundo porque ninguém podia ser legal comigo? [...] Vamos dizer que eu me afastei de mim mesma. Com raiva de mim mesma, mas, eu continuei na escola, não querendo, mas, eu continuei. (Entrevista 2)

Eu quero agradar a todo mundo e, quando eu não consigo atingir isso, já que o que eu tenho medo é justamente do bullying, eu fico realmente, fico deprimido porque se eu tento agradar todas as pessoas e não gostam de mim e, não sei por que motivo. Fico tentando entender, mas, eu não sei qual é o motivo. Sempre, o bullying que eu sofri foi por causa disso, as pessoas, não sei se é alguma coisa que eu faço. Tento agradar as pessoas, tratar bem, parecer legal, justamente para evitar. Não quero que a pessoa tenha motivo para não gostar de mim. Eu quero que todo mundo goste de mim. Não sei se eu falo meio rápido, se minha voz é enjoada, não sei. (Entrevista 4)

Quando eu falo eu até rio mas, na época eu ficava lá no chão. Quando eles jogavam algum apelido, falavam alguma coisa, ficava com a autoestima lá embaixo. Você se sente mal quando colocam apelido, sente um calafrio como se tivesse te destruindo porque você sabe: - Ah eu não estou fazendo nada com

ele porque ele está fazendo isso comigo! Porque que ele vem me atingir! Foi que eu parti para agressão. (Entrevista 5)

Eu me sentia uma pessoa horrível porque a gente vive no meio de outras pessoas e se elas te apontam um defeito, que no caso são mais de uma pessoa que te apontam um defeito, é óbvio que você vai procurar esse defeito, vai ficar se remoendo por dentro, vai dizer: - Eu realmente tenho isso! Então eu me sentia uma pessoa horrível, eu falava para minha mãe que era muito feia e ela dizia para mim para eu parar de falar aquelas coisas porque ela gostava de mim do jeito que eu era, mas, eu falava sempre para ela: Ninguém gosta de mim só a senhora! Ela dizia que eu não devia me importar com essas coisas; óbvio, evidente que eu ia me importar, até porque isso acontecia todo o dia. [...] Eu queria que aquilo ali acabasse, só queria que elas me vissem como eu era, uma criança boa que só queria ter amigo, só isso. Só que ninguém entendia, muito pelo contrário, aquelas pessoas massacravam aquela pobre criança que já sofria tanto. Eu penso que o bullying é como se fosse uma arma na mão de uma pessoa desequilibrada (Entrevista 6).

Não fugindo ao que demonstra a literatura a não reação aos episódios ocorre pelo sentimento de fraqueza, em que o indivíduo silencia e se acua como forma de não amplificar os atos:

Quando eles falavam assim, me apelidavam, eu fingia que não era comigo.. Isso foi o ano todo e, eu fingindo que não era comigo. [...] quando eu parei de ficar me acuando, quando eles faziam algum apelido, jogavam alguma piada para mim, eu não olhava, fingia que não era comigo, porque assim poderia parar, mas, não. [...] Você fica lá com medo “falo ou não falo?” O que acaba vencendo é não vou falar porque se eu falar eles vão fazer mais, vai ser pior para mim porque não vai parar (Entrevista 5).

A fala dos alunos revela também o potencial do *bullying* em promover sofrimento em longo prazo às vítimas, podendo ser caracterizado como um evento traumático e por sua repetição sistemática como tortura. Coadunando com a compreensão de Rossato e Rossato (2013, p.90):

A violência sofrida pode resultar em dificuldades sociais, emocionais e acadêmicas, que estão diretamente relacionadas à frequência, à duração e à severidade dos atos durante o processo de *bullying*, além dos fatores de proteção existentes para que o sujeito supere positivamente, como por exemplo, o apoio da escola, família e amigos.

Alguns dos entrevistados colocaram que só falar sobre o que vivenciaram traz à tona os mesmos sentimentos de medo e opressão e calafrios. Um aluno não consegue verbalizar

o apelido com receio de descobrirem e voltar tudo novamente; outra revela que o tempo e o afastamento diminuiu a intensidade do sofrimento, mas, são marcas indeléveis que carrega:

Eu acho que eu tenho alguns traumas. Eu ainda não os perdoei e me sinto às vezes culpada por isso. Porque eu ainda não os perdoei. Porque foram os piores anos da minha vida! Os piores anos! Foi muito drástico para mim. Não queria tá naquele ambiente! (Entrevista 1).

Eu acho que alguns anos atrás eu não conseguiria falar sobre isso abertamente porque, doía, mas, hoje, eu me aceito do jeito que eu sou, eu não me julgo mais. [...] Se o meu caminhado é de homem deixa, mas, eu confesso que antes disso doía demais, demais, de mais! [...] Não superei 100%, porque, quando alguém fala do meu caminhado ainda sinto. Vem tudo de novo, mas, eu consigo me recompor mais facilmente, mas, 100% ainda não. Porque o que aconteceu do bingo foi o que mais marcou. Meu Deus eu acho que nunca vou conseguir esquecer aquilo! [...] A humilhação em público, eu acho que esse foi o que mais me afetou então, ainda trago isso. Ainda não superei totalmente porque ainda dói quando alguém fala do meu caminhado. Não dói com tanta intensidade, mas, ainda dói. Não foi uma coisa que passou de uma hora para outra, demorou três anos para eu conseguir me recompor, me aceitar do jeito que eu sou (Entrevista 2).

Eu sinto tipo um trauma disso, disso tudo. É uma coisa que é muito difícil de esquecer (Entrevista 3).

É uma sensação que eu não consigo explicar quando eu ouvia aquele apelido [...] quando encontrava com o pessoal que eu estudei dos sete aos onze anos. Eu passava e ouvia aquele apelido; dava tipo um calafrio. Eu podia estar na rua, todo mundo desconhecido e eles falavam, eu sentia o calafrio, mas, eu não demonstrava. Sentia o calafrio, mas, continuava andando, não dava atenção. O cara continuava chamando o apelido, eu sentia o calafrio, mas, eu continuava andando. Hoje se eu vejo algum, se me chamar pelo apelido antigo; é como se tivesse sentido um trauma. Pode de me chamar de qualquer outro eu não sinto nada, mas, quando chama o apelido que eu levei dos sete aos onze anos chega eu sinto um calafrio logo. Porque é sempre aquele apelido (Entrevista 5).

Para Rossato e Rossato (2013, p.93), o que as vítimas apresentam são “construções mentais obsessivas de fracasso, sensações de abandono e insegurança e de incapacidade de lidar com os seus problemas, de resolver os conflitos enfrentados, de ter aceitação dos seus pares e lutar para viver.” Como consequência, para os autores, as ações das vítimas podem variar nos extremos entre o suicídio e a vingança. Percebeu-se que a possibilidade da situação acabar não aparece naturalmente, sendo necessária uma mudança externa para impedir a agressão, ou seja, mudar de escola, como observa-se na próxima subcategoria.

4.2.2 Repercussão do bullying no desempenho escolar

Compreende-se, para fins desta pesquisa, desempenho escolar não sob um aspecto quantitativo, por meio de notas, mas, como o alcance da função escolar de promotora de cidadania e desenvolvimento humano naquilo que auxilia ou atrapalha o processo de ensino/aprendizagem. Desta forma, os resultados aqui apresentados, dizem respeito à interpretação que os sujeitos fazem de sua própria posição em relação ao reflexo do *bullying* em seu desempenho escolar:

1) Desejo de recomeçar em outro ambiente escolar; desejo de faltar à escola ou mudar de instituição para evitar o *bullying* ou os sentimentos advindos dele. Demonstram sentimento fóbico em ir ou permanecer na aula, além de pensamentos recorrentes sobre o que acontecia. Como se pode observar nos depoimentos:

Sempre estudei bastante. Eu não queria estar ali. Eu sempre gostei de ir para escola e quando essas coisas aconteceram eu queria ficar em casa e, dormir mais e, não acordar mais. Eu não sentia prazer em ir para o colégio como eu sentia antes. Para mim a vida estava monótona. Parece que eu vivia numa redoma onde ninguém se aproximava, ninguém falava. Era bem triste. Eu fiquei um pouco carente durante esses anos (Entrevista 1).

Foi horrível e interferiu muito na minha vida escolar porque era justamente na escola. E tive vários problemas por conta disso, por questão de não querer ir para a escola ou de ter vergonha das pessoas. [...] Em 2011 como eu falei foi a gota d'água! Eu não queria mais ir para a escola. Só que eu falava para os diretores que eu estava doente. [...] Acho que me arrumar para ir para a escola era uma das coisas mais tristes para mim. Era uma hora que me dava tristeza porque eu sabia o que estava a me esperar e eu acho que isso ajudou também ao motivo de eu não falar em público (Entrevista 2).

Ir para escola, eu ia disposto a estudar, mas, quando eles começavam a agressão eu ficava desanimado, abaixava a cabeça e ia chorar, na sala (Entrevista 3).

Tinha dias que eu nem queria ir para o colégio e minha mãe achava estranho, perguntava porque que eu não queria ir pro colégio e eu dizia que estava doente, inventava muita coisa. Ela achou aquilo muito errado e teve um dia que ela foi lá no colégio. Foi perguntar pros professores se eu estava bem ou coisa assim. Eles disseram que até notavam que eu não estava muito bem porque eu não falava com ninguém, nem saía da sala. Só saía quando os meus pais iam me buscar. [...] No colégio é muito ruim porque você tem que ir todo o dia. Você tem que aguentar muita coisa e aí, desde então eu estou assim (Entrevista 6).

A escola deixa de ser vista como espaço democrático e igualitário que deveria ser e passa a ser reconhecida como espaço de exclusões, confirmando o que Rossato e Rossato (2013, p.91) trazem que:

Com as situações vividas na escola fica difícil não haver alterações no rendimento escolar do sujeito. Suas motivações para ir à escola decairão, incorrendo em absenteísmo e faltas recorrentes; muitas das vítimas não resistem e optam por sair de sua escola ou abandonar de vez os estudos.

Observou-se que em todos os casos só ao mudar de escola que o aluno cessava o *bullying* sofrido, isso quando o aluno não era inserido em uma vivência pior como verificamos nas seguintes falas:

Foi quando eu mudei de colégio por causa do bullying, porque eu não estava aguentando mais. Cheguei num dia e disse: - Mãe eu não quero mais ficar lá! De jeito nenhum, não quero! Foi a primeira vez que eu falei. [...] Eu não queria mais ficar lá por isso, eu mudei de colégio (Entrevista 1).

Entrei numa escola que ninguém ligava para meu caminhar, isso meio que ajudou um pouco aí eu superei 80, 90%. (Entrevista 2).

- Ah mãe, ficam me apelidando direto na escola, eu quero sair de lá. Porque geralmente o pessoal em uma escola é diferente de outra. Você quer recomeçar, noutra escola do zero, mas, eu fiquei lá, né. [...] Passou pela minha cabeça mudar de escola, várias vezes. Para começar de novo porque a escola já estava pesada (Entrevista 5).

Teve um dia que minha mãe disse para mim que ia me mudar de colégio. Tudo bem mudar de colégio talvez melhore. Quando eu cheguei no outro colégio foi até um pouco pior porque lá eram crianças maiores, mais velhas falavam coisas bem piores do que as outras e isso me deixava muito, muito mal (Entrevista 6).

2) Mudança do comportamento na tentativa de não chamar atenção dos *bullies* pelo seu bom desempenho escolar, passando a tirar notas baixas; verbalizam tentar “se adequar ao agressor” e “não prestar atenção à aula” para deixar de ser alvo.

Eu odiava quando algum professor me elogiava porque elas ficavam olhando com uma cara! Eu não gostava, eu não gostava de tirar nota boa. Cheguei a um ponto de não gostar mais de tirar nota boa, de não querer mais! [...] Só que isso me fez mudar meio que para um lado ruim. Quando eu fui para o novo colégio eu dei um dane-se pro meus estudos e fui tentar me enturmar. Eu fui tentar ser aquela aluna meio rebelde, meio popular. Que não está nem aí para os estudos, que fala com todo mundo. Eu tentei ser essa garota que eles queriam que eu fosse. Com isso eu adquiri vários amigos, mas, foi de uma

coisa que eu não sou realmente. Até aquele colégio que eu sofri dois anos de bullying eu era uma ótima aluna. Tirava só notas boas, só tive três notas baixas durante o ano todo. Quando eu fui para esse outro colégio eu não estava nem aí mesmo não, para ver se as pessoas me aceitavam. E aceitaram, mas, eles aceitaram uma máscara que não era eu. Eu estava feliz e isso que importava. Uma felicidade meio falsa? Era! Mas, eu estava feliz (Entrevista 1).

Ele não queria estudar e nada, pensei em não prestar atenção na aula aí, quando ele saiu eu vi que ele não ia passar, depois que ele saiu eu vi que não estava certo porque no primeiro bimestre eu fiquei com muita nota baixa. Eu sentava lá na frente e focava, fazia o máximo de esforço para tirar notas boas nas provas e ele não, sentava lá atrás, ficava conversando. Nas duas primeiras semanas eu fui sentar lá atrás. Depois quando ele saiu eu fui sentar lá na frente de novo. Eu queria ver só se ele me deixava em paz (Entrevista 3).

3) Perda de concentração nas aulas ou atividades, pela preocupação em quando será o próximo ataque; estudar deixa de ter sentido, pela experiência negativa vivenciada com frequência; as agressões são motivo de desestímulo, medo e desconfiança. Como destacam Carpenter e Ferguson (2011), em razão de ser maltratado com frequência na escola o sujeito acaba por concentrar suas forças e seu tempo em alternativas para esquivar-se do sofrimento, vivendo num constante estado de alerta, e assim as atividades escolares deixam de ser prioritárias.

Eu não queria mais saber de estudar, não queria mais saber de jeito nenhum! Eu tirei muitas notas baixas. Nesse ano eu passei por causa do conselho. [...] Esse foi o ano que eu passei por causa do conselho. Tirei muita, muita nota baixa, muita nota baixa e eu era uma pessoa muito triste, muito triste mesmo. Quando eu via alguém me olhando eu saía correndo porque eu não queria que ninguém me visse caminhando. (Entrevista 2)

Foi muito ruim porque às vezes ele me atrapalhava. Eu queria prestar atenção e ele não deixava, ficava jogando papel, ficava puxando conversa, botava apelido aí, eu achava ruim. [...] Não sei como, mas, eu acho que interferiu, atrapalhou o meu desempenho escolar; atrapalhou no foco. Eles sentavam atrás de mim e eu com medo deles fazerem algo contra mim. Na hora da aula, eu ficava olhando para trás, desconfiado, com medo de eles fazerem algo contra mim (Entrevista 3)

Afetou mais quando eu estava no ensino fundamental menor porque às vezes eu não queria ir para a escola. Não prestava atenção. Eu até chegava a prestar atenção na aula, só que não queria entender aí, prejudicou minhas notas. Eu ficava pensando naquilo, em sair da sala, eu não queria sair da sala. (Entrevista 4)

Minhas notas eram até boas, mas, em compensação, eu não conseguia prestar muita atenção. Quando a coisa ficou mais séria, quando eu entrei na quinta

série, eu comecei a tirar notas muito ruins. Minhas notas ficaram uma porcaria e, cada vez que passava eu tirava uma nota ruim. Depois recuperava. Ficou sempre nisso. [...] Dava para mediar as coisas, dava para ter uma boa nota; sempre passava de ano, embora ficava sempre de recuperação. Interfere! Interfere em tudo na nossa vida, até porque é na escola. Então, se é na escola isso agrava muito mais seu desempenho, entende? Porque você não consegue prestar atenção; fica remoendo na sua cabeça o tempo todo aquilo que as pessoas falam. As pessoas te olham de um jeito estranho. Você fica constrangido. Você não tem tempo para pensar em estudar então, isso afeta e muito. (Entrevista 6)

4) Grande parte dos alunos tornam-se tímidos, introspectivos e isolados o que dificulta as atividades coletivas e se expor ao público, como em um seminário; o medo da reação dos colegas causa uma inibição. O que dizem os entrevistados acerca dessa consequência:

Eu não consigo falar em público. É um bicho de sete cabeças para mim porque eu imagino que a pessoa vai mamar de mim então, isso fez com que eu tirasse nota baixa, me criticasse e fosse muito pessimista, muito pessimista mesmo. Ficasse no meu canto, me isolasse. (Entrevista 2)

Em relação ao meu desempenho a interferência foi porque fiquei muito tímido. Eu não queria formar atividades em grupo porque eu era muito tímido aí, eu sempre ficava de fora e tinha que fazer recuperação. (Entrevista 5)

Observa-se então a tentativa de se tornar invisível a seus agressores, alimentando ainda mais a falsa ideia de que ninguém se aproxima deles por não serem bem quistos, o que influi também em sua autoestima indo ao encontro exatamente com o que afirmam Rossato e Rossato (2013, p.91):

Suas interações escolares sofrerão modificações, e ele possivelmente passará a evitar as atividades em grupo e deixará de participar quando questionado, mesmo diante de dúvidas acerca do conteúdo, a fim de evitar chacotas, críticas e ridicularizações. Com isso ele pode se tornar mais introvertido, fechar-se em seus pensamentos aterrorizantes e isolar-se dos colegas, tornando-se cada vez mais distante, triste, com o aprendizado comprometido e ainda mais alvo de constrangimentos.

Apesar de responsabilizarem as pessoas e não a instituição escolar, esta se transforma para a vítima em um ambiente adverso; percebe-se que o significado da escola para os estudantes está ligado à qualidade de suas relações interpessoais/amizades; a importância para o indivíduo de ter amigos; de ter alguém com quem possa contar, confiar ou compartilhar suas dificuldades ou mesmo ser defendido nessas situações. Muitas vítimas desistem de fazer

amizades e se concentram em outras atividades mais solitárias, como por exemplo, leitura. Nas falas compreende-se que, apesar de autônomos, não são autossuficientes (MORIN, 2012):

Não era a escola, eram as pessoas. Essa escola que eu estudei eu não queria mais voltar para ela de jeito nenhum. Não queria mais voltar de jeito nenhum. Ela se tornou um monstro para mim. Só que não era a escola, eram as pessoas porque não era uma ou duas pessoas, eram várias pessoas [...] eu não tinha amigos nessa escola. Não amigos com quem eu podia contar. Isso dificultou mais ainda. Você não tem ninguém. Fica no seu canto e ainda ter, saber que tem várias pessoas ao seu redor falando de você e tudo aquilo, então, foi bem difícil, bem difícil mesmo. [...] Aí eu só queria saber de curtir, eu não queria mais saber de escola, eu não queria mais saber de pessoas, eu não queria mais saber de jeito nenhum, mas, eu não cheguei a me afastar assim anos não, mas, esse ano que eu passei o ano todinho sofrendo foi o mesmo que eu não ter estudado porque eu não estava mais ligando de jeito nenhum. Eu estava ali, mas, é como se eu não estivesse ali. (Entrevista 2)

Como eu não tinha amigos eu tentava me enturmar com os amigos do meu irmão. Os da minha sala eram daquele jeito e os amigos do meu irmão também não queriam nada. O meu irmão também mandava: - Sai daqui! [...] Eles ficavam me chamando disso, de gordo aí, dentro de sala de aula eu ficava com medo de participar que eles não gostavam, entendeu? Não sei, eles ficavam incomodados e depois ficavam tirando onda comigo, entendeu? [...] Digamos que essa situação até que ajudou algumas coisas porque como eu não tinha muito amigo e eu acho que a escola também não fazia essa interação, eu me peguei logo com outras coisas, tipo, tinha uns livros e eu comecei a ler, comecei a comprar livros. (Entrevista 4)

Pode-se afirmar, com base nos depoimentos, que existem alguns mecanismos de reação daquele que sofre *bullying*. Num primeiro momento o choro e/ou o revide, depois a tentativa de denúncia frustrada, ignorada, subestimada, minimizada e às vezes é até cobrado uma reação, recaindo sobre a vítima a solução do problema; outra reação é fingir que nada está acontecendo ignorando, suportando sozinhos seus algozes, só que tentar abstrair torna-se quase impossível diante da frequência dos atos e da proximidade com agressor; com o tempo a única reação possível é o silêncio e o isolamento. Em fim chegam a um limite que apenas o afastamento do ambiente hostil, dos indivíduos hostis ameniza os sentimentos experimentados, como se verifica nas falas:

E eu não fazia nada! Simplesmente deixava e não fazia nada; às vezes, eu falava para mamãe. Não sei se ela pensava que era numa dimensão menor ela dizia: - Não faça nada! Diga para professora! Eu nunca dizia para professora! - A “x-nove” da sala! Eu não queria ser essa! (Entrevista 1)

Até que chegou um certo limite que não consegui mais e eu disse: - Não, já chega! Não quero que as pessoas manguem do meu caminhado! Não quero, não aguento mais! Aí eu falei para minha mãe e ela disse para eu não ligar que eu sou do jeito que eu quero, do jeito que eu sou mas, eu realmente não aguentava. Eu guardo as coisas às vezes só para mim então, eu guardei isso só para mim. Eu falei para diretora. Ela falou com as alunas e as alunas negaram tudo (Entrevista 2).

Tem vezes que a gente não consegue se livrar, porque eu era da mesma turma dele. [...] Eu gostaria que soubessem que tem muita gente que sofre isso e que a sociedade tem que procurar ajudar essas pessoas, dar mais atenção porque tem gente que vê e não liga. No meu caso, eram os professores, às vezes os zeladores aí, falavam: - Ah isso é coisa de menino! Mas, não! Isso é coisa de covarde, era uma covardia! (Entrevista 3).

Se eu contasse para professora ou para diretora aí a zombaria seria maior. É como se elas não tivessem autoridade na época. Se eu contasse eles ficavam me chamando de dedo duro, de um monte de coisa, de covarde. Eles queriam que eu enfrentasse mesmo, entendeu? (Entrevista 4).

Não consegui lidar a sangue frio com isso; é algo provocante e irrita também, mas, acima de tudo te magoa, te enfraquece, te deixa com a autoestima baixa, me feria. [...] No momento que acontece dói e, você fica acuado demais como você estivesse no canto da parede e os outros lá em volta. O bullying é uma coisa horrível! Ele magoa muito, ele fere. Quando você passa muito tempo com aquilo você até se acostuma, mas, é algo que não deve acontecer porque, influencia muito na personalidade da pessoa, nas suas características, a forma como ela vê a vida. [...] Eles apontam, eles deixam claro para você que eles estão falando para você; estão falando de mim e se eu procurar ajuda o que iria acontecer? Eles podiam passar de agressão verbal para agressão física! Tinha medo de falar pros meus pais, pros responsáveis da escola porque se eu falasse o que iria acontecer comigo e, se nada acontecer? Como é que iria ficar? Iria ficar pior! (Entrevista 5).

O melhor a se fazer não é revidar. A pessoa falou, te xingou e você revidar é você procurar um meio mais tranquilo possível de contornar a situação, se a pessoa tá aqui te xingando bem aqui você sai, se não conseguir controlar aquilo ali você sai e, vai pedir ajuda a quem realmente pode intervir ou não mas, simplesmente não fica ouvindo porque quanto mais você ouve mais isso gruda na sua cabeça e você: - Eu sou realmente isso! Eu sou realmente isso! Então é bom você não dar ouvidos, sair de perto, se afastar; quando eu fiz isso minha vida melhorou bastante em relação ao bullying (Entrevista 6).

Parece ficar claro, também, o quão os adultos não dão a importância necessária ao sofrimento infantil; negligenciam os sinais apresentados e esperam que as crianças resolvam por si mesmas seus conflitos, como evidenciado nas seguintes falas:

Era na frente dos professores. Ninguém dizia nada. Os professores, os diretores não diziam nada. [...] o que mais me chamava à atenção é porque os

professores não evitavam isso. Nos colégios que eu estudava, nos dois colégios, no colégio e no PET isso não acontecia não. [...] Eu ia reclamar e diziam só para não ligar para aquilo, sendo que acontecia comigo todo dia. [...] Eu falei que ficavam intimando comigo o dia todo, todo o dia. [...] Ela fez a gente dizer que não ia fazer nada, que ele não ia mais fazer bullying comigo. [...] Eu vim para cá justamente por isso, porque a gente não pode esperar que o outro fale o que a gente sente. Pouquíssimas pessoas gostam de falar porque ainda sofrem bullying, ainda passam por isso, ainda sofrem bullying e não gostam de falar porque acham que vai acontecer alguma coisa com ela. [...] O que não aconteceu que deveria acontecer era que os professores percebessem porque geralmente o meu perfil de aluno na época era retraído, eu não falava muito. Essas pessoas que ficam mais retraídas na sala de aula são as que mais sofrem. As vítimas geralmente não procuram ajuda. Os professores ao invés aos poucos tem que falar na sala. Devia ser bolada uma estratégia para fazer com que aquilo pare e responsabilizar um pouco mais o que começa porque geralmente uma pessoa começa a prática e espalha pros outros (Entrevista 5).

Uma criança dá um sinal, por menor que seja, que eles procurem saber. Pode ser algo que está atormentando essa criança então, sempre que você vir uma coisa de errado com uma criança você tem que procurar saber o que é. Talvez ela se torne alguém como eu; talvez ela não consiga sair daquilo e se torne futuramente um adulto perturbado. Antes de qualquer coisa procurar ver o que está errado e tentar consertar antes que dê errado. Se uma criança ficar muito calada e chora bastante tem que insistir até ela responder por mais que ela não queira falar (Entrevista 6).

4.2.3 Formas de enfrentamento

Observa-se que para eles a melhor solução possível é a prevenção, não permitir que aconteça o *bullying*, e para isso, a Educação de valores como: amizade, solidariedade, respeito, fraternidade, união é imprescindível. A Educação para aceitação das diferenças, contra toda intolerância. Trabalhar a empatia em todos os envolvidos: pais, alunos, toda sociedade deve ser educada. A adoção de regras claras na instituição acerca do *bullying* e intervenções pedagógicas eficazes. Treino assertivo que visa dotar as vítimas de competências para serem firmes nas suas decisões individuais e em grupo, aumentando sua confiança e autoestima; e, aos agressores para saberem ser assertivos sem ser agressivos (PEREIRA, 2009). O que os entrevistados dizem acerca do enfrentamento ao *bullying*:

Você fica pensando que é forte e quem vai acabar é você! Você quem vai se acabar, você está se desgastando para nada, eles não vão mudar! [...] Precisa mudar a educação das pessoas! Aceitar as diferenças! [...] Se todo mundo for educado dentro de casa e aprender com as diferenças vai melhorar bastante.

Acho que o que resume, o que define todas as soluções contra toda intolerância seria só a educação (Entrevista 1).

Não faça pros outros o que você não quer que façam para você! - Ah, mas, a pessoa superou, ela sorriu! Você não sabe o que ela está sentindo! Quantas mil vezes as pessoas falavam do meu caminhado e eu estava sorrindo para fingir para mim mesmo que eu estava bem, mas, não. A gente não supera assim, aquilo fica! Então, não faça para os outros aquilo que você não quer que façam para você! [...] Depois da fase que eu passei, da semana que eu passei mal, eu tentei superar mais uma vez tudo aquilo, mas, nada que a diretora fizesse ia apagar o que eu já tinha sentido. Ela podia falar qualquer coisa, ela podia suspender, ela podia expulsar, mas, eu já passei por aquilo então, doeu! Eu ia me lembrar para sempre!”(Entrevista 2).

Pedir ajuda a alguém, comunicar meus pais, isso eu não fazia, não era fácil, sentia vergonha de dizerem: - Um menino desse tamanho deixa eles fazerem isso contigo! Ah, tu é desse tamanho, fica deixando os outros te humilharem! Eu ia me sentir incapaz com eles falando isso aí, eu ia e não contava. A vítima é capaz, mas, só se tiver alguma ajuda porque por si própria às vezes ela não consegue. Seria bom se as pessoas que sofrem bullying fossem mais visualizadas pela sociedade porque quem sofre bullying fica lá em baixo. Se as pessoas procurassem ajudar mais porque as pessoas que cometem bullying são aquelas que são mais vistas pelos outros, agora quem sofre fica lá em baixo, ninguém enxerga (Entrevista 3).

Acho que a escola não deve só ensinar português, matemática, história, arte, deve educar também socialmente dando valores pros alunos porque depois quando cresce uma pessoa que discrimina outra. [...] Eu acho que deve ajudar essas pessoas a olhar o mundo de outra forma, a encarar melhor as diferenças, a entender que é aquilo que deixa o mundo bonito, entendeu? [...] A gente tem que respeitar. [...] O bullying deveria ser o maior foco. Acho que o bullying é o maior problema da educação. [...] Acho que o foco maior da instituição deveria ser isso: combater o preconceito e não o bullying, que o que faz o bullying é o preconceito, entendeu? [...] Acho que não só educar os alunos, mas, também os pais. É necessário. Acho que se na escola se perceber que um aluno está surrando, se está discriminando, se está chamando de gordo como já fizeram comigo, discriminando a cor, a forma de falar, tem algum motivo para uma pessoa ter isso. É uma forma de maldade. Tem alguma coisa em casa que acontece e, a pessoa não nasceu para aquilo então, tem que conversar com os pais porque esse bullying não está só no aluno, nessa criança, está em tudo o que ela vive, talvez ela também sofra algum tipo de preconceito e ela acha que é normal de falar com os outros, entendeu? (Entrevista 4).

Então, quando você tem algo a dizer, embora seja alguma coisa muito ruim, você tem que pensar duas vezes, três, quatro vezes antes de falar para uma pessoa. Qualquer coisa e, principalmente fazer brincadeira assim. Esse tipo de brincadeira destrói uma pessoa, é terrível então, antes de fazer gracinha; de fazer qualquer besteira que traumatize uma pessoa, você devia pensar antes de falar, antes de agir, entende? As pessoas deviam tentar se por no lugar do outro antes de fazer esse tipo de brincadeira, porque as consequências são terríveis,

impossibilita a gente de ter coisas, de ter um convívio social melhor (Entrevista 6).

Assim o ensino e prática do respeito às diferenças é condição basilar para esse enfrentamento. Como nos fala Morin (2000, p. 108):

O respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre as minorias; deve comportar o direito das minorias e dos contestadores à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das idéias heréticas e desviantes.

Propõe, assim, uma reforma do ensino que levará a uma reforma do pensamento, e a reforma do pensamento que levará à reforma do ensino. Educar para vida, educar para a compreensão da condição humana, fomentar as maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão (MORIN, 2000). Entende-se que o ser humano é cultural, natural, físico, psíquico e muito mais. Cabem em si todas as dimensões próprias do humano, mesmo antagônicas e contraditórias, mas, são complementares e indissolúveis. Além de “*sapiens e demens*”; “*faber e ludens*”; “*empiricus e imaginarius*”; “*economicus e consumans*”; “*prosaicus e poeticus*” (MORIN, 2000, p. 58); é, infantil, neurótico, delirante e também racional, é *complexus*, por isso, reduzir o homem a uma esfera excludente de ou/ou é mutilar sua humanidade. No enfrentamento ao *bullying*, ensinar a condição humana auxilia no processo de compreensão do outro. Já que o *bullying* está ligado à incompreensão e à intolerância, é importante incluir os processos de identificação, empatia e projeção, simpatia e generosidade.

A ética da compreensão refere-se à educação para os obstáculos à compreensão: indiferença, egocentrismo, etnocentrismo, sociocentrismo; contra a tendência aprendida de se excluir e considerar hostil tudo o que difere de mim/meu; de por o eu/meu como referência e exemplo a se seguir e o que for distinto disso ser rechaçado ou hostilizado. A ética da compreensão pede que se compreenda inclusive a incompreensão; a compreensão não desculpa nem acusa; pede que se evite a condenação peremptória; compreender antes de condenar, assim, estará no caminho da humanização das relações humanas. Torna-se imprescindível, então, fazer referência ao que Morin (2000, p. 101-102) diz:

A verdadeira tolerância não é indiferente às idéias ou ao ceticismo generalizados. Supõe convicção, fé, escolha ética e ao mesmo tempo aceitação da expressão das idéias, convicções, escolhas contrárias às nossas. A

tolerância supõe sofrimento ao suportar a expressão de idéias negativas ou, segundo nossa opinião, nefastas, e a vontade de assumir este sofrimento. [...] A tolerância vale, com certeza, para as idéias, não para os insultos, agressões ou atos homicidas.

A tomada de consciência e sensibilização de que há um problema a ser combatido e que esse problema diz respeito ao círculo recursivo sociedade-indivíduo-sociedade e não aos indivíduos isoladamente é apenas o primeiro passo.

Morin (2015, p.74) considera que “a sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz”. Para o autor “os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz” (MORIN, 2004, p. 95).

Para tanto, com foco no que ensina a literatura sobre esse fenômeno e com o olhar voltado para as categorias de análise apresentam-se de forma sintetizada os sintomas para além da escola.

Quadro 3 – Síntese da categoria SINTOMAS PARA ALÉM DA ESCOLA

Categorias	Subcategorias	Síntese
Abrangem os efeitos que podem repercutir tanto dentro como fora da escola; as consequências do <i>bullying</i> tanto subjetivamente como no desempenho escolar.	Sentimentos contraídos em decorrência do <i>bullying</i> escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Nas falas dos entrevistados constata-se o sofrimento da vítima e sentimentos de rejeição, solidão, tristeza/depressão, culpa, opressão, desilusão, medo, fraqueza e mágoa. • Verifica-se a necessidade de socialização, de fazer parte do grupo e o sofrimento por não conseguir ser incluído(a), sentindo-se isolado(a) socialmente. A vítima, nesse caso, também tenta “se adequar” ao grupo para ser aceito(a) e/ou evitar de alguma forma as agressões, trazendo para si a responsabilização pelo ato cometido contra ele(a). • A fala dos alunos revela também o potencial do <i>bullying</i> em promover sofrimento em longo prazo às vítimas, podendo ser caracterizado como um evento traumático e por sua repetição sistemática como tortura. Alguns dos entrevistados colocaram que só falar sobre o que vivenciaram traz à tona os mesmos sentimentos de medo e opressão e calafrios. Um

		<p>aluno não consegue verbalizar o apelido com receio de descobrirem e voltar tudo novamente; outra revela que o tempo e o afastamento diminuiu a intensidade do sofrimento, mas, são marcas indeléveis que carrega.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A repetição do ato gera um clima de desconfiança. Uma aluna relata que chegou a ter depressão e necessitou de acompanhamento psicológico para trabalhar a visão pessimista acerca de si e do outro. Percebe-se que essa vivência interfere na autoimagem. Outro aluno afirma ter se tornado introvertido, tímido e desconfiado com o passar dos anos mas, segundo ele o fortaleceu também -“não tenho medo de enfrentar as coisas”.
	Repercussão do <i>bullying</i> no desempenho escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de recomeçar em outro ambiente escolar; desejo de faltar à escola ou mudar de instituição para evitar o <i>bullying</i> ou os sentimentos advindos dele. Demonstram sentimento fóbico em ir ou permanecer na aula, além de pensamentos recorrentes sobre o que acontecia. A escola deixa de ser vista como espaço democrático e igualitário que deveria ser e passa a ser reconhecida como espaço de exclusões. Observou-se que em todos os casos só ao mudar de escola que o aluno cessava o <i>bullying</i> sofrido, isso quando o aluno não era inserido em uma vivência pior. • Mudança do comportamento na tentativa de não chamar atenção dos <i>bullies</i> pelo seu bom desempenho escolar, passando a tirar notas baixas; verbalizam tentar “se adequar ao agressor” e “não prestar atenção à aula” para deixar de ser alvo. • Perda de concentração nas aulas ou atividades, pela preocupação em quando será o próximo ataque; estudar deixa de ter sentido, pela experiência negativa vivenciada com frequência; as agressões são motivo de desestímulo, medo e desconfiança. • Grande parte dos alunos tornam-se tímidos, introspectivos e isolados o que dificulta as atividades coletivas e se expor ao público, como em um seminário; o medo da reação dos colegas causa uma

		<p>inibição. Observa-se então a tentativa de se tornar invisível a seus agressores, alimentando ainda mais a falsa ideia de que ninguém se aproxima deles por não serem bem quistos, o que influi também em sua autoestima.</p>
	Formas de enfrentamento	<ul style="list-style-type: none"> • Observa-se que para eles a melhor solução possível é a prevenção, não permitir que aconteça o <i>bullying</i>, e para isso, a Educação de valores como: amizade, solidariedade, respeito, fraternidade, união é imprescindível. A Educação para aceitação das diferenças, contra toda intolerância. Trabalhar a empatia em todos os envolvidos: pais, alunos, toda sociedade deve ser educada. No enfrentamento ao <i>bullying</i>, ensinar a condição humana auxilia no processo de compreensão do outro. Já que o <i>bullying</i> está ligado à incompreensão e à intolerância, é importante incluir os processos de identificação, empatia e projeção, simpatia e generosidade. • A ética da compreensão refere-se à educação para os obstáculos à compreensão: indiferença, egocentrismo, etnocentrismo, sociocentrismo; contra a tendência aprendida de se excluir e considerar hostil tudo o que difere de mim/meu; de por o eu/meu como referência e exemplo a se seguir e o que for distinto disso ser rechaçado ou hostilizado. • A tomada de consciência e sensibilização de que há um problema a ser combatido e que esse problema diz respeito ao círculo recursivo sociedade-indivíduo-sociedade e não aos indivíduos isoladamente é apenas o primeiro passo. • Para Morin (2000) é necessária a reforma do ensino que levará a uma reforma do pensamento, e a reforma do pensamento que levará à reforma do ensino. Educar para vida, educar para a compreensão da condição humana, fomentar as maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão.

Os sintomas advindos da experiência de *bullying* na escola transpassam os muros da instituição. Além de despertar diversos sentimentos como rejeição, solidão, tristeza/depressão, repercute no desempenho escolar de forma qualitativa. Portanto, é preciso pensar a ação da escola, levando em conta o contexto e as inúmeras variáveis dos conflitos presentes na convivência escolar. A seguir apresentam-se as considerações a que se chegou este estudo com base nas categorias de análise originadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de dissertação se propôs a investigar um tipo de violência escolar entre os alunos, o *bullying*, especificamente as repercussões no desempenho escolar para aqueles alunos que foram vítimas em alguma fase de sua vida. Com foco neste objetivo, verificou-se inicialmente que, no cotidiano escolar, alunos colocam apelidos nos colegas, “tiram sarro” e se divertem com a desculpa de estarem “brincando”. A questão é que para serem consideradas brincadeiras todos os envolvidos devem assim compreender, o que não ocorre quando se trata de *bullying*.

Outra importante descoberta diz respeito ao fato de que o termo tem um caráter universal tanto por ser utilizado mundialmente como por compreender um vasto número de comportamentos agressivos (chutar, xingar, isolar, roubar, difamar, etc). Este fenômeno reforça os padrões de normatização, constituídos a partir da subjetividade social, ou seja, de um conjunto de crenças, valores, representações, construídos que atravessa e se singulariza de forma única na subjetividade individual.

Verificou-se também com esta pesquisa que as práticas de *bullying* são muito naturalizadas e, em alguns casos, não são dados os encaminhamentos necessários, perpetuando

práticas que destroem as relações interpessoais entre estudantes, conforme se pôde observar com base nos depoimentos aqui analisados.

Destaca-se que o *bullying* pode não ser o único fator responsável pela queda no desempenho escolar, mas, é um fator de grande relevância e não pode ser negligenciado. As explicações para o fracasso escolar vão de concepções médicas, psicométricas a sociopolíticas. Mas não há aspecto que exista de forma isolada que não interfira ou modifique todos os demais. Com base na literatura aqui investigada constatou-se que muitas vezes as problemáticas afetivas interferem e até mesmo impedem um bom desempenho intelectual do estudante. Dessa forma, como se verificou com base nos relatos deste estudo, é possível que sérios conflitos bloqueiem a capacidade do indivíduo de usar o seu potencial intelectual, como é o caso do *bullying*.

Evidenciou-se que um bom contato com a realidade externa é indispensável para a aprendizagem escolar. Nesse sentido, a violência sofrida de forma sistemática afeta o desempenho escolar em maior ou menor grau dependendo do tempo e intensidade das agressões, bem como da estrutura da personalidade do sujeito. Ancorado na literatura vigente e com base no que foi categorizado neste estudo, identificou-se que a maturidade do estudante para a aprendizagem mantém relações de interdependência de fatores intelectuais e afetivos, considerando-se o desenvolvimento biológico atrelado às condições de comunicabilidade com o meio significativo.

Na literatura sobre as consequências do *bullying* para as vítimas também foi de suma importância perceber que essa interferência da violência sofrida no desenvolvimento da maturidade pode atrelar-se à queda no desempenho escolar recorrente, mas, pouco se aprofundam na explicação de que modo acontece esse declínio. Essa falta de aprofundamento se dá porque a maioria das publicações são reproduções acríticas e descontextualizadas do fenômeno, revelando o paradigma da simplificação tão combatido por Morin. Ademais certifica-se que tal acriticidade e descontextualização são reflexos do pensamento tradicional, que simplifica, por meio de paradigmas as individualidades e excentricidades humanas.

Com efeito, ancorados pelo pensamento complexo e através dos sentidos subjetivos atribuídos por seis adolescentes entrevistados vítimas de *bullying*, investigou-se que a queda no desempenho se dá de forma qualitativa. Isso quer dizer que, não só se percebe a diminuição das notas, mas, há o aumento do absenteísmo e o desejo de evasão escolar, seguida de uma mudança no significado que a escola representa para os estudantes. Desvia-se o foco do aprendizado para

formas de esquivar-se dos ataques, e assim as atividades escolares deixam de ser prioritárias. Há também mudanças qualitativas no comportamento das vítimas, na tentativa de não chamar atenção dos *bullies*, alguns alunos tornam-se tímidos, introspectivos e isolados o que dificulta nas atividades coletivas e se expor em público, como em um seminário.

A queda no desempenho escolar é apenas um dos sinais que exigem atenção dentro do fenômeno maior do sofrimento estudantil, e intervir efetivamente para que os episódios agressivos cessem torna-se questão de especial importância. O que ocorre na maioria dos casos deste tipo de violência é que as vítimas não se sentem amparadas, protegidas para denunciar os ataques sofridos, isso se dá pelo fato da escola e do próprio professor, por muitas vezes, neutralizarem as ações ocorridas no ambiente escolar.

A padronização dos sujeitos faz com que aqueles que apresentam características destoantes do padrão, sejam discriminados, possíveis alvos de *bullying*. Não se reconhece a humanidade no outro, tornando-se impossível lidar com as diferenças. Ao ver o outro como objeto, cria-se uma relação de poder, legitimada por meio de discursos ideológicos. O sistema educacional contribui, assim, para reproduzir a ordem social hegemônica.

Verificou-se demasiado sofrimento nas falas dos sujeitos e foi possível perceber, neste trabalho, que os estudantes envolvidos encontram recursos subjetivos de superação e enfrentamento dessas situações, mas, o sofrimento é presentificado ao recordarem de suas experiências.

Cabe ressaltar o fato de que, em nossa cultura, a escola é o ambiente de socialização mais importante após a família. É um espaço fundamental na constituição e desenvolvimento subjetivo. Com a ocorrência do *bullying*, deixa de ser um espaço social seguro passando a ser um lugar de exclusões e insegurança.

Atrelado à importância do ambiente escolar, destaca-se que aprendizagem é uma atividade humana subjetiva, pois para acontecer é preciso que o sujeito, na condição de aprendiz, se mobilize subjetivamente, disponibilizando recursos para o desenvolvimento da atividade. Nesse sentido, como bem acentua os estudos sobre essa problemática as vivências de exclusão e de desafeto profundo podem refletir diretamente na incapacidade do indivíduo e marcar o não pertencimento e condenando ao insucesso.

Por sua característica de obrigatoriedade, a instituição escolar deve ser laica totalmente aberta à tolerância e à diversidade cultural em que credos, ideologias, raças, culturas

possam conviver de forma construtiva. Entre os principais valores que a escola deve cultivar e promover no mundo atual encontra-se o respeito à diferença, que pode ser traduzido como aceitação do pluralismo, da tolerância, da abertura à crítica, da realização do diálogo respeitoso e do debate de ideias. Exigiria o desenvolvimento da capacidade de conviver com o diferente sem nunca considerá-lo um ser inferior, aceito por meio de uma concessão. Só assim será a escola includente.

Com vistas na literatura e nos depoimentos analisados entende-se que, não só se trata de um tema de extrema importância que não encontra neste trabalho um ponto final posto se tratar de um fenômeno humano atual e em constante evolução, como um fenômeno que carece de maiores explicações e estudos sob os diversos aspectos da singularidade do tema respeitando a excentricidade e o afeto humano.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília: Unesco/Instituto Ayrton Senna/Unaidis/Banco Mundial, Usaid/Fundação Ford/Consed/Undime, 2002.

ADORNO, Theodor W. (1967). **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

ANTUNES, Deborah Cristina. **Razão instrumental e preconceito**: reflexões sobre o bullying. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

AZEVEDO, Sônia Carla Aroso. **A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadequação social**. Portugal, 2004. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml>> Acesso em: 19 de ago. 2017.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BEZERRA, Marília dos Santos. **Aprendizagem e subjetividade:** um caminho possível. 2012. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2012.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar:** um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOTELHO, Caroline de Souza. **Representações sociais e construção das discursividades no contexto escolar:** um estudo sobre o fenômeno do bullying. 2013. 88fl. Dissertação de (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 nov. 2015. Seção 1, p.1.

BULLYING escolar no Brasil: relatório final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.

CAPELLINI, Simone Aparecida; TONELOTTO, Josiane Maria de Freitas; CIASCA, Sylvia Maria. Medidas de desempenho escolar: avaliação formal e opinião de professores. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 79-90, maio/ago. 2004.

CARPENTER, Deborah; FERGUNSON, J; Christopher. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies.** São Paulo: Butterfly, 2011.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Um bullying fora do lugar: quando o conceito exclui a complexidade de cada caso. **Educação**, São Paulo, nº 171, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/um-bullying-fora-do-lugar>>. Acesso em: 6 maio 2016.

CROCHIK, José Leon; CROCHIK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar:** uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito:** indivíduo e cultura. São Paulo: Robe, 1997.

CUBAS, Viviane. Bullying: assédio moral na escola. In: RUOTTI, Caren, ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola:** um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 175-206.

DEBARBIEUX, Eric. La violence en milieu scolaire: perspectives comparatives portant sur 86 établissements. Bordeaux. 1996. In: LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola:** nem vítima, nem culpados. Florianópolis: Obras Jurídicas, 2000.

DIAS, Elaine T. Dal Mas. O Psicólogo na instituição educacional: atuação e preconceitos. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26., 2003, Poços de Caldas. Anais eletrônicos... Poços de Caldas: ANPED, 2003. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

DIAS, Elaine T. Dal Mas; CARONI, Regina Loureiro; VASCONCELOS, Priscila Mota. Cenários da indisciplina: a subjetividade como pano de fundo. In: DIAS, Elaine T. Dal Mas; MONFREDINI, Ivanise; ROGGERO, Rosemary (Org). **Educação, trabalho, formação e subjetividade**. São Paulo: Xamã, 2010.

DIAS, Elaine T. Dal Mas. Fracasso escolar e subjetividade: a complexidade do fazer educativo. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 9., 2009, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ABRAPEE, 2009. Disponível em: < http://www.abrapee.psc.br/documentos/cd_ix_conpe/ixconpe_arquivos/5.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência Escolar**: caminhos para compreender e enfrentar o problema. São Paulo: Ática, 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Versus, 2005.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, Telma. **Bullying contra surdos**: a manifestação silenciosa da resiliência. Curitiba: Appris, 2014.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011. (Coleção Grandes Ideias).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho A. et al. **Bullying**: mais sério do que se imagina. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (1947). **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: Parnaíba, 2010. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama>>. Acesso em: 10 de ago. 2017.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Unimep, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**: nem vítima, nem culpados. Florianópolis: Obras Jurídicas, 2000.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.81, n. 5, p. 164-172, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 ago. 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO JÚNIOR, Luiz Bosco Sardinha. **A construção do bullying nos discursos científicos produzidos no contexto brasileiro**. 2016. 211f. Tese (Doutorado em Psicologia) – UNESP e Faculdade de Ciências e Letras de Assis. São Paulo, 2016.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES, 2010, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: UECE, 2010. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/349-07072010-182735.pdf>>. Acesso em: 14 jul.2016.

MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. (org); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Marco Antonio. **Metodologias de pesquisa em Ensino**. São Paulo: L F Editorial, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **El Método**: la vida de la vida. Traducción de Ana Sánchez 5. ed. Madrid: Cátedra, 2002.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

_____. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O método 6:** ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Os complexos imaginários. Tradução de Maria Helena C.V .Trylinski. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R.S; PETRAGLIA, Izabel (Orgs). **Edgar Morin:** ética, cultura e educação. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011a. p. 89-104.

_____. Que fazer?. Tradução Maria Helena C.V .Trylinski. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R.S; PETRAGLIA, Izabel (Orgs). **Edgar Morin:** ética, cultura e educação. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011a. p. 55-74.

_____. O desafio humano da comunicação. Tradução Maria Helena C.V .Trylinski. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R.S; PETRAGLIA, Izabel (Orgs). **Edgar Morin:** ética, cultura e educação. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011a. p. 123-134.

_____. **O método 4:** as ideias: habitat, vida, costumes, organização. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

_____. **O método 5:** a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Meus filósofos.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Peressi Bosco. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução de Eliane Lisboa 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOVIMENTO todos contra o bullying. Disponível em: <<http://movcontrabullying.blogspot.com.br/2010/03/definicao-de-bullying.html>>. Acesso em 10 ago. 2017

MUSSEN, Paul Henry; CONGER, John Janeway; KAGAN, Jerome; HUSTON, Aletha Carol. **Desenvolvimento e personalidade da criança.** Tradução de Maria Lúcia G. Leite Rosa. São Paulo: Harbra, 2001.

NATALO, Samanta Pedroso. **O que os discursos sobre bullying podem nos dizer a respeito do mal estar contemporâneo da educação?:** Evidências de um sintoma social. 2014. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Elaine Lúcia Dias de. **Bullying na infância e adolescência:** repercussões na vida e saúde de adultos do sexo masculino. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) -Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.

OLIVEIRA, Karoline M. R. **Experiências de adolescentes com bullying escolar e análise fenomenológica de suas vivências**. 2012. 87f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012

PALERMO, Gabrielle A.; SILVA, Denise Britz do Nascimento; NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Fatores associados ao desempenho escolar: uma análise da proficiência em matemática dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n.2, p. 367-394, jul./dez. 2014.

PATTO, Maria Helena de Sousa. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul (1951). **Gestalt-terapia**. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo: Summus, 1997.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PORTO, Maria Stela Grossi. A violência entre a inclusão e a exclusão social. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, S. Paulo, v. 12, n. 1, p. 187-200, maio 2000.

REY, Fernando L. González. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmen V. R. (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

ROSSATO, Geovanio; ROSSATO, Solange. **Educando para a superação do bullying escolar**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Murillo Rodrigues do. **A crise e a fragmentação da psicologia: uma visão do pensamento complexo**. 2016. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SANTOS, Thayse Emanuelle Menezes dos. **As implicações do bullying nas subjetividades de adolescentes de uma escola pública de Teresina-PI**. 2012. 131f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Piauí, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: DIAS, Elaine T. Dal Mas; MONFREDINI, Ivanise; ROGGERO, Rosemary (Org). **Educação, Trabalho, formação e subjetividade**. São Paulo: Xamã, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. São Paulo: Fontanar, 2010.

SILVA, Dezir Garcia da. **Violência e estigma**: bullying na escola. 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2006.

SILVA, Roserley Neubauer da. A responsabilidade pelo sucesso e fracasso escolar em crianças. **Cadernos de Pesquisa**: revista da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 32, 1980.

SZYMANSKI, Heloisa (Org); ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia. **A entrevista na educação**: a prática reflexiva. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011. (Série Pesquisa, v.4).

TUDISCO, Rafaela Firmiano. **O fenômeno bullying na perspectiva do poder público estadual**. 2011. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

VACCARI, Vera Lucia. Resiliência e bullying: a possibilidade da metamorfose diante da violência. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v.36, n.2, p.311-317, 2012. Disponível em: <<http://www.revistamundodasaude.com.br/assets/artigos/2012/93/art06.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**: crianças e adolescentes do Brasil. juventude viva. Brasília: UNESCO, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“BULLYING E DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS DO IFPI – CAMPUS PARNAÍBA: UM ESTUDO DE CASO”**, desenvolvida por Erotides Romero Dantas Alencar, discente do curso de Mestrado Interinstitucional em Educação firmado entre o Instituto Federal do Piauí/FPI e a Universidade Nove de Julho/UNINOVE de São Paulo sob orientação da Professora Doutora Elaine T. Dal Mas Dias.

O objetivo central do estudo é verificar, na trajetória de vida, as relações entre o fenômeno bullying e o desempenho escolar de alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

O convite a sua participação se deve ao fato de você ser um aluno do IFPI Campus Parnaíba. Sua participação é voluntária, e, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar-se a qualquer momento. Você não será penalizado caso decida não participar da pesquisa ou tendo aceitado, posteriormente, desistir.

Serão garantidos o anonimato e a privacidade das informações por você prestadas, pois realizaremos entrevistas individuais. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa. A qualquer momento, durante ou depois de concluída a pesquisa, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre

os resultados da pesquisa, o que poderá ser feito por intermédio dos meios de contato explicitados neste Termo.

Ao assinar esse termo você estará concordando com a gravação da entrevista, que serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais. O tempo estimado da entrevista é de uma hora.

Não há despesas pessoais e nem compensação financeira. A pesquisa não confere risco aos participantes embora haja possibilidade de mobilização de emoções durante a entrevista.

Eu, _____,
RG _____, CPF _____ acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Eu discuti com a pesquisadora sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem utilizados, seus desconfortos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Assinatura do participante/representante legal

Local e Data

Assinatura de Testemunha

Contato com o (a) pesquisador (a) responsável: Erotides Romero Dantas Alencar. E-mail: erotides@ifpi.edu.br. Telefone: (86) 3315-6914

Contato com o (a) orientador (a) responsável: Elaine T. Dal Mas Dias E-mail: elaine.mas@uni9.pro.br. Telefone: (11) 36659312

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a participação neste estudo.

Assinatura do Pesquisador

Local e Data

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Rua. Vergueiro nº 235/249, Liberdade São Paulo - CEP. 01504-001; email: pesquisa@uninove.br ou com a Orientadora Prof. Dra. Elaine T. Dal Mas Dias, que pode ser encontrada no endereço, Avenida Francisco Matarazzo, 612, São Paulo.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1 (sexo feminino, 17 anos, aluna de 2º ano atualmente) - Minha experiência ou minha ruim experiência com o bullying acho que foi aos 10 anos no colégio. As garotas me excluía pelo fato de não ser tão mocinha. Elas me excluía como se eu não fosse alguém. A professora não gostava muito de mim. Eu era tipo a excluída lá de trás. Acabou me afetando muito porque, eu pensei que o problema fosse comigo, que eu tinha alguma coisa errada mas, na verdade não. Aí eu mudei de colégio. Quando eu mudei de colégio foi dois anos todo dia bullying. Tinha um cara que dizia que se eu morresse ninguém ia sentir minha falta; que eu não servia pra nada. Isso foi muito difícil de aguentar porque eu chorava todo dia e eu não queria mais ficar lá por isso eu mudei de colégio. Eu chegava lá no colégio e começava: falavam, falavam, falavam, falavam. Eles falavam muita coisa de mim: como minha existência no mundo era desnecessária para todo mundo; que eu não devia está ali; que eu não devia ter nascido; que minha mãe devia ter se arrependido de ter me tido. Era uma coisa muito taxativa. Eu não era bem vinda. Eles sempre chegavam com uma faixa “você não é bem vinda aqui”. Eu não tinha amigos. É triste porque eu sou uma pessoa muito comunicativa e quando eu vejo que eu não tenho amigos é uma experiência meio árdua pra mim. Eu vou pra um lugar que eu não posso conversar com ninguém que já vem com três pedras não mão e diz: - Não, você não! Não com agente! Eu me sentia sozinha, muito sozinha. Eu acho solidão o pior sentimento que existe. Eu não consigo ficar sozinha. Eu não sabia por que isso acontecia. Às vezes eu me perguntava: - Será que eu tenho alguma coisa errada? Eu sempre achava que tinha algum problema comigo. Como se eles estivessem certos porque, eu não tinha muita consciência disso. Como se eles fossem os certos e eu fosse a errada da história. Como se eu fosse a abominação do mundo. Como se eu não fizesse nada correto. Quanto mais eu tentava melhorar, mais as pessoas se afastavam de mim. Era meio triste. Era muito sozinha a minha vida naquele tempo. Por isso eu mudei de colégio. Tudo melhorou, graças a Deus! Mas foi triste dois anos eu passei sendo vítima de algumas pessoas que quando eu chegava eles saiam. Parecia que eu tinha alguma

coisa. Quando eu tentava me enturmar saíam, era triste. Só que isso me fez mudar meio que pra um lado ruim. Quando eu fui pra o novo colégio eu dei um dane-se pro meus estudos e fui tentar me enturmar. Eu fui tentar ser aquela aluna meio rebelde, meio popular. Que não está nem aí pra os estudos, que fala com todo mundo. Eu tentei ser essa garota que eles queriam que eu fosse. Com isso eu adquiri vários amigos mas, foi de uma coisa que eu não sou realmente. Até aquele colégio que eu sofri dois anos de bullying eu era uma ótima aluna. Tirava só notas boas, só tive três notas baixas durante o ano todo. Quando eu fui pra esse outro colégio eu não estava nem aí mesmo não, pra ver se as pessoas me aceitavam. E aceitaram, mas, eles aceitaram uma máscara que não era eu. Eu estava feliz e isso que importava. Uma felicidade meio falsa? Era! Mas, eu estava feliz. Aí eu voltei a ligar para os estudos, mas, foi difícil, foi difícil. Eu acho que eu tenho alguns traumas. Eu ainda não os perdoei e me sinto às vezes culpada por isso. Porque eu ainda não os perdoei. Porque foram os piores anos da minha vida! Os piores anos! Foi muito drástico pra mim. Não queria tá naquele ambiente! Sempre estudei bastante. Eu não queria estar ali. Eu sempre gostei de ir pra escola e quando essas coisas aconteceram eu queria ficar em casa e, dormir mais e, não acordar mais. Eu não sentia prazer em ir pra o colégio como eu sentia antes. Pra mim a vida estava monótona. Parece que eu vivia numa redoma onde ninguém se aproximava, ninguém falava. Era bem triste. Eu fiquei um pouco carente durante esses anos. Ainda hoje eu não esqueci. Eu nunca esqueci porque eu ainda não tinha essa consciência de que eles estavam errados. Hoje quando eu repenso nisso que aconteceu dá uma tristeza por eu não ter feito nada! Por eu tentar me mudar ao invés de mudar os outros. Por eu achar que o problema era comigo ao invés de denunciar mesmo e dizer: - Cara o problema não é comigo é com você! Tem um cara que estudava comigo nesse colégio e veio pra cá e, estudamos na mesma sala. Uma vez a gente estava conversando sobre tudo isso que acontecia e ele disse assim: - Tu aguentou muito viu! Ele mesmo me pediu desculpa, porque, ele viu que aquilo era um ato de criancice e era triste pra mim. Ele contou que sofreu muito bullying também. Eu acredito que quando uma pessoa pratica bullying é porque ela já sofreu e começa a praticar com outro. Acho que é assim e não vou culpá-lo por isso. Culpar alguém por uma coisa que aconteceu com ele, mas, ele escolheu o lado errado. Uma grande bola de neve vai se formando e daqui a pouco todo mundo que sofreu bullying, se escolher o lado errado, vai praticar bullying e mais bullying e mais bullying e mais bullying. Eu nunca fiz isso! Não tenho coragem, é mais fácil praticarem comigo, sou muito bestinha e sei quanto dói. Dói muito! Tem gente que gosta de ficar sozinha, eu não gosto, nenhum pouco! Eu fico um tédio e não gosto quando as pessoas ficam sozinhas, quietinhas na dela. Eu acho a amizade tão bonita! Uma união tão bonita que a gente devia ter! O mundo seria tão mais fácil se todo mundo se ajudasse, se falasse, se não houvesse tantas brigas, tantas desavenças por nada. Só porque alguém é diferente de mim! Todos nós somos diferentes. Se todo mundo se unisse o mundo não estaria do jeito que está hoje. Acho que isso não é desculpa pra nada, acho que a gente tem que se unir mesmo. Provar que nós somos a diferença! Que a gente não escolheu o lado errado, mesmo a gente tendo sofrido bullying, a gente não escolheu o lado errado! Acho que faziam isso porque eu era pobre. Eu ainda sou pobre, mas, eu era mais e tipo o colégio onde eu estudei era todo mundo rico. Eu era bolsista,

aí todo mundo, com celular de última geração, com o notebook de última geração e eu lá. Acho que era tudo muito troca de interesse. As meninas muito maquiadas, muito lindas, muito arrumadas e eu lá. Acho que a diferença social afetou muito, muito mesmo. Umas crianças tão mal educadas, tão mal educadas, não do tipo rudes, mas, mal educadas realmente. Que pensam que dinheiro é tudo. Que já são adultas. Com 11, 12 anos eu me sentia uma criança e as garotas “sou uma adulta”. Eu acho que isso afetou muito porque eu era muito infantil. Ainda hoje eu sou muito infantil. Elas todas exuberantes! Acho que isso afetou também bastante porque eu parecia uma menininha. Elas me discriminaram por conta disso. Porque eu não era como elas, porque elas eram aquelas garotinhas populares que tiravam nota baixa e eu tirava nota boa e os professores falavam muito. Eu odiava quando algum professor me elogiava porque elas ficavam olhando com uma cara! Eu não gostava, eu não gostava de tirar nota boa. Cheguei a um ponto de não gostar mais de tirar nota boa, de não querer mais! Foi quando eu mudei de colégio por causa do bullying, porque eu não estava aguentando mais. Cheguei num dia e disse: - Mãe eu não quero mais ficar lá! De jeito nenhum, não quero! Foi a primeira vez que eu falei. No outro colégio eu já sofria bullying, mas, eu tinha amiguinhas. Eram poucas, mas, eu tinha! Aos 10 anos eu tinha amiguinhos. Lá não! Eu era sozinha. Eu era sozinha mesmo, sozinha! Eu era aquela garotinha do quanto que ficava lá, que não tinha ninguém pra conversar, pra falar sobre o último capítulo da novela, não tinha. Era complicado, aí eu falei. Mamãe achava estranho porque todo dia eu chorava, todo dia, todo dia eu chorava. Eu criei uma baixa auto estima nesse tempo, meu Deus! Muito baixa autoestima! Eu me sentia assim um nada, um nada! Dois anos muito difíceis! Eu pensava que um dia eles iam me aceitar, mas, não aceitaram. Eu também queria me fazer um pouco de forte: - Eu sou forte, eu vou aguentar! Mas, teve uma hora que foi demais, que não deu mais, não deu mesmo! Eu queria me fazer de forte: - Não, eu aguento, eu aguento! Só que um dia eu não aguardei mais! Um dia eu explodi e disse: - Não, eu não quero mais ficar lá! Foi pesado, muito pesado, ainda hoje eu lembro! Lembro das minhas noites! Das coisas que eu mais lembro são das minhas noites! Eu chegava, jantava, deitava na cama e chorava! Chorava até dormir! Toda essa dor que eu sentia por dentro, solidão, onde a minha baixa autoestima também levou a esse choro, de pensar que eu era a pior coisa que existia! Eu começava a acreditar no que eles estavam dizendo. Quanto mais eles diziam que eu não servia pra nada mais eu acreditava nisso. Do nada eles começavam a falar: - Tu não serve pra nada! Ah, se tu morresse aqui no colégio podia ter um feriado, se tu morresse seria tão bom, que seriam vários dias de feriado! Tu não é a melhor aluna da sala? Tu não serve pra nada! Do nada eles começavam a falar! Eu sentava na cadeira e eles começavam a falar. Eu chegava um pouco atrasada, normalmente já tinha alunos lá aí, eu sentava e eles começavam a falar de mim, olhavam torto pra mim. Eu sentia que eles estavam falando de mim, é complicado, muito complicado. E eu não fazia nada! Simplesmente deixava e não fazia nada; às vezes, eu falava pra mamãe. Não sei se ela pensava que era numa dimensão menor ela dizia: - Não faça nada! Diga pra professora! Eu nunca dizia pra professora! - A “x-nove” da sala! Eu não queria ser essa! Todo mundo sabia que tinha bullying na sala! Toda vez quando vinha algum coordenador, sabia que existia muito bullying na sala e mesmo assim ninguém falava, pra não ter a fama de

“x-nove”. Era uma coisa que todo mundo já sabia. Não falavam muito na sala, eles falavam na hora do intervalo. Um professor já chegou a implicar comigo também, mas, ele estava lá pra ensinar então, ele não tinha obrigação de gostar de mim. Não tinha obrigação de se enturmar comigo. Uma mensagem pras pessoas que estão sofrendo bullying seria: - Denuncie! Por favor, denuncie, não tenham medo! Por favor, denuncie, denuncia! Porque, você fica pensando que é forte e quem vai acabar é você! Você quem vai se acabar, você está se desgastando pra nada, eles não vão mudar! Eu pensava que era a pior coisa que existia na face da terra! Pessoa que não tinha amigos, que não tinha vida, pessoa sozinha que não fazia muita diferença no mundo. Não é fácil mesmo! A gente só finge ser forte! A gente não é não e começa o fingimento daí. Precisa mudar a educação das pessoas! Aceitar as diferenças! A educação está muito precária hoje em dia e, é isso que precisa mudar! Se todo mundo for educado dentro de casa e aprender com as diferenças vai melhorar bastante. Acho que o que resume, o que define todas as soluções contra toda intolerância seria só a educação. A educação que você recebe de casa. Não é que hoje tenha parado. É que as pessoas cresceram. Acho que a diversidade na sala está muito grande para eles praticarem bullying. Não tem mais aquela patricinha, as meninas patricinhas, os garotos jogando bola, os estereótipos como esses. A sala está muito diversa para eles praticarem bullying. Não existe o “diferentão” na sala, todo mundo é diferente e eu acho que isso está melhorando, vai ficar melhor!

Entrevista 2 (sexo feminino, 16 anos, aluna de 1º ano atualmente) - Foi horrível e interferiu muito na minha vida escolar porque era justamente na escola. E tive vários problemas por conta disso, por questão de não querer ir para a escola ou de ter vergonha das pessoas. Sofri muito bullying por causa do meu caminhado. As pessoas mangavam muito, muito, muito, muito mesmo. Começou quando eu entrei na escola com 4 anos, só que com 4 anos eu nem ligava. Aí depois dos meus 8 anos pra lá eu passei a ligar e tipo, eu mudei muito de escola e toda escola que eu ia eu pensava que ia ser uma coisa diferente e tinha novas pessoas mangando, mangando, mangando. Eu não conseguia ver uma pessoa olhando pra mim, nem que essa pessoa me achasse bonita. Pra mim aquela pessoa estava me olhando de outra forma que não era a que ela mesmo queria expressar e quando foi em 2011 aconteceu de uma forma bem grave de eu ter problemas psicológicos. Eu estava andando e vi várias pessoas mangando de mim e antes disso tinha tido um bingo e eu estava no centro daquele monte de pessoas e eu via aquelas pessoas apontando pra mim, mangando de mim de uma forma assim terrível, pra mim não eram pessoas falando eram monstros! Não só isso, essas pessoas ficaram mangando de mim durante semanas, semanas mesmo! Eu me peguei um dia chorando desesperada! Porque que aquelas pessoas mangavam tanto de mim, o que que eu tinha de tão errado, o que é que eu tinha feito? Nunca tinha matado ninguém, nem roubado ninguém porque que aquelas pessoas me julgavam tanto e julgavam o meu caminhado? Nunca entendi! Cada pessoa tem seu caminhado diferente e porque só comigo, porque só eu? Em 2011 como eu falei foi a gota d’água! Eu não queria mais ir para a escola. Só que eu falava para os diretores que eu estava doente. Muito depois que eu

fui falar para eles o que realmente tinha acontecido... mas, eu passei uma semana realmente muito mal, muito mal mesmo! Eu não queria ver ninguém, eu não queria que ninguém me visse caminhando porque aquilo pra mim era um desgosto. Cheguei a me criticar porque eu não caminhava direito e, tentei mudar isso várias vezes, eu tentei, mas, é o meu caminhado, eu não consegui! É o meu caminhado, eu não consegui! Depois eu fui tentando superar isso. Mangavam muito por causa do meu nome também. Eu acho o meu nome lindo, mas, as pessoas mangavam muito do meu nome. Todo dia era piadinha. Até hoje as pessoas fazem isso. Me chamaram já de chupa cabras por que eu tinha uma “xuxinha” que tinha umas bolinhas. Eu nunca entendi por que me chamavam de chupa cabras. Me chamavam de Maria homem por causa do meu caminhado e tipo isso me afetou de uma forma extrema. Depois dessa humilhação que eu passei eu tive que tomar remédios e ter encontro com psicólogo pra mudar minha visão. Eu estava realmente muito abalada; não queria mais sair de casa de jeito nenhum; não queria que ninguém visse meu caminhado. Saía caminhando, mas, eu olhava pra mim caminhando e ficava pensando assim: - Ah aquela pessoa está me olhando! Aquela pessoa está olhando pro meu caminhado! Isso acabou um pouco, mas, até hoje eu tenho um certo receio de pessoas e eu já vi várias pessoas falando do meu caminhado. Hoje em dia, hoje mesmo, mas, eu não ligo tanto. Aprendi a controlar mais isso. No começo era bem forte! Na verdade eu não entendo o que a pessoa ganha mangando de outra. Cada pessoa tem os seus defeitos e porque mangar dos outros? Acho que é uma infelicidade delas. Eu mesma sofri bullying, mas, eu não vou cometer bullying com outra pessoa porque eu sei como é a dor, eu passei por isso! Sinceramente não sei o que levam essas pessoas a mangarem de outras. Não sei se ela se satisfaz com a tristeza do outro. Eu estava tentando superar sozinha. Ao longo dos anos aí, quando eu achava que tinha parado começava de novo aí, eu tentava me conter de novo. Até que chegou um certo limite que não consegui mais e eu disse: - Não, já chega! Não quero que as pessoas manguem do meu caminhado! Não quero, não aguento mais! Aí eu falei pra minha mãe e ela disse pra eu não ligar que eu sou do jeito que eu quero, do jeito que eu sou, mas, eu realmente não aguentava. Eu guardo as coisas às vezes só pra mim então, eu guardei isso só pra mim. Eu falei pra diretora. Ela falou com as alunas e as alunas negaram tudo. Depois da fase que eu passei, da semana que eu passei mal, eu tentei superar mais uma vez tudo aquilo, mas, nada que a diretora fizesse ia apagar o que eu já tinha sentido. Ela podia falar qualquer coisa, ela podia suspender, ela podia expulsar, mas, eu já passei por aquilo então, doeu! Eu ia me lembrar pra sempre! Eu acho que alguns anos atrás eu não conseguiria falar sobre isso abertamente porque, doía, mas, hoje, eu me aceito do jeito que eu sou, eu não me julgo mais. Tem pessoas ainda hoje em dia que falam do meu caminhado, mas, eu não ligo mais. Se o meu caminhado é de homem deixa, mas, eu confesso que antes disso doía demais, demais, de mais! Vamos dizer que teve uma vingança. Duas meninas estavam com raiva de mim. Até hoje eu não sei por que, mas, estavam com raiva de mim e elas resolveram espalhar para a escola toda esse meu caminhado e cada vez que eu passava pelo pátio ou por algum lugar tinha alguém apontando pra mim, rindo da minha cara, dando uma gaitada mesmo ou jogando indiretas. O ano todinho! Foi um ano todinho que foi mais um episódio que eu tive que extravasar depois eu não aguentei mais! Eu entrava no ônibus

escolar e tinha alguém apontando pra mim mangando. Saía e tinha alguém apontando, mangando. Eu entrava na porta da escola tinha alguém pra mangar. Bom às vezes eu falava pra minha mãe e ela me ajudava muito. Quando aconteceu isso em 2011 eu passei a falar, mas, como eu vivo isso desde os 4 anos, que eu tentei conter, como isso não tivesse acontecendo mas, eu nunca conseguia porque estava acontecendo toda a hora, não era só uma vez. Era ao longo do dia todinho. No outro dia eu sabia que ia ter de novo e, de novo e, de novo, de novo. Aí eu tentava esquecer mas, no outro dia tinha de novo pra me fazer lembrar de tudo aquilo. Aí vinha tudo à tona. Eu falava pra minha mãe mas, as pessoas não iam parar, não pararam, nunca pararam! Mas, eu tentei superar eu mesma e, eu só consegui depois de muito tempo, não conseguia na hora. Não superei 100%, porque, quando alguém fala do meu caminhado ainda sinto. Vem tudo de novo, mas, eu consigo me recompor mais facilmente, mas, 100% ainda não. Porque o que aconteceu do bingo foi o que mais marcou. Meu Deus eu acho que nunca vou conseguir esquecer aquilo! Não era uma pessoa, não eram duas pessoas, eram 400 alunos mangando! Eu acho que ainda não superei essa dos 400 alunos, não superei totalmente. Eu acho que 90% ou 80% mas, eu estou muito melhor, muito melhor! Se pudesse deixar um recado aos que praticam bullying diria: - Não faça com os outros o que você não quer que façam com você! Porque a pessoa que ela está fazendo o bullying, ela não imagina o que a outra pessoa está passando. Poderia que hipoteticamente eu estivesse passando problemas em casa aí, eu chegava na escola como uma forma de fugir daquilo, fugir daquilo e eu sofria mais! Então eu acho que as pessoas não devem fazer bullying! Se as pessoas sentissem a dor que de quem passa por isso, o que a gente que sofre isso sente, eu acho que elas pensariam três vezes antes de fazer isso! Não faça pros outros o que você não quer que façam pra você! - Ah, mas, a pessoa superou, ela sorriu! Você não sabe o que ela está sentindo! Quantas mil vezes as pessoas falavam do meu caminhado e eu estava sorrindo pra fingir pra mim mesmo que eu estava bem, mas, não. A gente não supera assim, aquilo fica! Então, não faça para os outros aquilo que você não quer que façam pra você! Eu não queria mais saber de estudar, não queria mais saber de jeito nenhum! Eu tirei muitas notas baixas. Nesse ano eu passei por causa do conselho. Eu era uma pessoa muito pessimista, e muito triste, muito triste! Acho que me arrumar para ir para a escola era uma das coisas mais tristes pra mim. Era uma hora que me dava tristeza porque eu sabia o que estava a me esperar e eu acho que isso ajudou também ao motivo de eu não falar em público. Eu não consigo falar em público. É um bicho de sete cabeças pra mim porque eu imagino que a pessoa vai mangar de mim então, isso fez com que eu tirasse nota baixa, me criticasse e fosse muito pessimista, muito pessimista mesmo. Ficasse no meu canto, me isolasse. Eu falei para essa pessoa, ela não deu à mínima! Acho que eu falei quase chorando, mas, ela não se importou, não estava nem aí. Eu não entendia o que foi que eu fiz pra ela, não entendi. Parece que eu falei oi pra um ex dela, só falei um oi porque ele estava na minha frente, por isso, essa menina me condenou pelo resto da vida dela e, eu cheguei a falar. Minha prima também passou a semana toda, depois do bingo, a semana toda me humilhando! Minha prima que morava do meu lado! Passou uma semana toda me humilhando! Teve um certo dia que eu cheguei e eu não aguentei, eu comecei a chorar e eu fui na casa da minha tia, mãe dela, e, falei: - Tia, por favor, pede pra

ela parar que eu não estou aguentando mais! Só que eu não falei com essa calma toda eu estava desesperada! Minha mãe estava lá, só que mamãe nem sabia disso e eu - Tia, por favor, pede pra ela parar de falar eu não aguento mais! O que foi que ela falou pra minha mãe? - Tia eu não brinco mais com suas filhas! Aí eu fiquei pensando assim: Se isso é uma brincadeira, pois, eu não gostei dela! É uma brincadeira de muito mau gosto! - Eu não brinco mais com as suas filhas, a gente fica brincando com as suas filhas e elas nem gostam! Ela passou a semana toda me humilhando! Eu chegava na porta da escola ela falando coisa, eu saía do ônibus ela falando coisa, ela gritava bem alto de onde ela estivesse, se isso é uma brincadeira pois, eu não sei mais o que é brincadeira. Ela não me pediu desculpa, mas, eu perdoei mesmo assim. Hoje a gente se fala, mas, não como a gente se falava porque não é que eu guarde rancor, é porque não sei explicar, doeu, machucou, uma pessoa de a família ficar mangando de você. Na hora que ela estava com as colegas dela começava e isso dói, uma pessoa que você passou a infância brincando, doeu bastante, bastante mesmo! Nesse tempo foi o tempo que eu extravasei mesmo, não aguentei mais. Não me lembro de assim muito das palavras que eram usadas, não me lembro de porque eu fiz o máximo pra tentar esquecer daquelas palavras então, quando eu consegui eu não liguei mais. Eu fiz o máximo pra tentar esquecer daquilo. Eu fingia que não ouvia de jeito nenhum. Esse foi o ano que eu passei por causa do conselho. Tirei muita, muita nota baixa, muita nota baixa e eu era uma pessoa muito triste, muito triste mesmo. Quando eu via alguém me olhando eu saía correndo porque eu não queria que ninguém me visse caminhando. Às vezes eu tinha vergonha de passar na sala da minha casa com medo que tivesse alguma visita, com medo daquela coesão, daquela pessoa mangar de mim. A humilhação em público, eu acho que esse foi o que mais me afetou então, ainda trago isso. Ainda não superei totalmente porque ainda dói quando alguém fala do meu caminhado. Não dói com tanta intensidade, mas, ainda dói. Não foi uma coisa que passou de uma hora pra outra, demorou três anos pra eu conseguir me recompor, me aceitar do jeito que eu sou. Nessa época eu estava morando no Maranhão, depois eu vim pra cá de novo e eu tentei não ligar. Entrei numa escola que ninguém ligava pra meu caminhado, isso meio que ajudou um pouco aí eu superei 80, 90%. Hoje eu estou melhor. Já consigo falar em público. Eu tenho uma apresentação amanhã, uma quinta e uma sexta e eu estou bem tranquila. Vou fazer uma apresentação no pátio, falar no meio de todo o mundo e eu estou bem tranquila, antes não. Aconteceram vários episódios de eu quase desmaiar. Eu tinha estudado, sabia tudo sobre a apresentação, chegava na hora se você me perguntasse meu nome eu ia falar que não sabia. À época eu pensava que as pessoas estavam mangando de mim, justamente por isso. Isso melhorou bastante também, pra quem não falava em público agora já fiz várias apresentações. A questão daqui ter muita apresentação ajudou também. Minha sala eu não tenho mais vergonha, não tenho mais nada e ninguém manga de mim na minha sala então, é uma coisa bem bacana. Eu posso ser do jeito que eu sou. As pessoas que me humilharam eram meus amigos. Foi uma fase da minha vida que eu decidi não confiar mais em ninguém porque elas viraram minhas amigas para saber coisas e inventar outras coisas absurdas, tipo que eu estava namorando com fulano. Eu nem namorava na época, eu brincava nesse tempo. Lá era interior então, meu nome correu pelo interior todinho. Todo mundo sabia quem eu era. Correu

pelo interior todinho que eu tinha uma má fama, não era uma boa fama porque essas pessoas inventaram coisas sobre mim. Nessa época eu decidi que não ia confiar mais em ninguém, que eu ia virar uma pessoa muito fria. Eu era legal com todo mundo porque ninguém podia ser legal comigo? Aí chegou uma pessoa que hoje é minha melhor amiga e mudou totalmente essa concepção. Ela chegou no momento em que eu estava precisando, no momento que eu disse que não ia confiar mais em ninguém. Ela chegou e ganhou minha confiança. Aquela pessoa que mora à distância, mas, confia uma na outra, mas, realmente eu não confio em qualquer pessoa, eu não confio em todo o mundo. Tanto que eu não confio nas pessoas que, um exemplo, você é muito amiga minha, pra você eu falo como realmente eu estou: - Eu estou mal agora, eu estou mal. Eu falo pra você, mas, passa uma ali que eu não confio: - Eu estou legal! Realmente eu não confio em todo mundo, eu não confio. Tem umas pessoas que me consideram amigas, mas, são colegas porque pra que eu considerar amigo tem que ser uma pessoa íntima de mim. As pessoas tem que ganhar a minha confiança e não eu a delas. Tem que ganhar a minha confiança porque eu realmente não confio. Por mais que eu tente confiar em você eu não consigo. A primeira coisa que eu penso é: - Você vai me magoar! Você vai me magoar então, você tem que passar por uns testes. Alguma coisa assim que eu diga, que eu realmente posso confiar em você. Isso é uma coisa que eu não acho muito legal, eu tenho certeza que não é uma coisa muito legal, mas, até hoje eu não consegui mudar isso, eu tento, eu tento muito confiar, mas, não dá, não dá então, isso dificultou bastante a história da confiança porque antes eu confiava nas pessoas com facilidade mas, depois disso não; eu não consegui confiar assim nas pessoas. Vamos dizer que eu me afastei de mim mesma. Com raiva de mim mesma, mas, eu continuei na escola, não querendo, mas, eu continuei. Só que eu não percebia que era por causa disso. Realmente eu não percebi que eu andava tão triste, que tirava nota baixa por causa disso. Eu vim perceber isso muito depois. Aí eu só queria saber de curtir, eu não queria mais saber de escola, eu não queria mais saber de pessoas, eu não queria mais saber de jeito nenhum, mas, eu não cheguei a me afastar assim anos não, mas, esse ano que eu passei o ano todinho sofrendo foi o mesmo que eu não ter estudado porque eu não estava mais ligando de jeito nenhum. Eu estava ali, mas, é como se eu não estivesse ali. Não era a escola, eram as pessoas. Essa escola que eu estudei eu não queria mais voltar pra ela de jeito nenhum. Não queria mais voltar de jeito nenhum. Ela se tornou um monstro pra mim. Só que não era a escola, eram as pessoas porque não era uma ou duas pessoas, eram várias pessoas e eu não tinha amigos nessa escola. Não amigos com quem eu podia contar. Isso dificultou mais ainda. Você não tem ninguém. Fica no seu canto e ainda ter, saber que tem várias pessoas ao seu redor falando de você e tudo aquilo, então, foi bem difícil, bem difícil mesmo.

Entrevistado 3 (sexo masculino, 16 anos, aluno de 2º ano atualmente) - No meu caso começou na escola porque eu estudava numa sala com os grandes e os menores misturados. Aí os grandes batiam nos menores sempre e eu era um dos menores, sempre eu apanhava e eu acho também que eles cometiam bullying contra mim porque eles pediam pesca e eu não queria dar. Aí eles

iam me bater na saída. Eram vários me batendo porque era um grupo de irmãos. Um vinha me bater, aí vinham todos os outros. Eu tinha uns 6, 7 anos nessa época. Começou assim: me empurravam, derrubavam no chão, agressão mesmo! Me sentia muito mal e também eu não contava para meus pais porque eu pensava que ia causar alguma confusão, sei lá. Dos seis aos oito anos. Eu comecei nessa escola aos 4. Eu saí de lá aos 9 anos. Começou isso quando eu fui pra essa turma que eram os maiores. Eu fui pro meio deles querendo me enturmar aí, eles começaram a pegar no meu pé, me xingar, colocar apelidos. Eles não colocaram só em mim, era eu e nos menores, todos os menores. Xingar de gordo, xingando a mãe. Todo mundo morava um perto do outro, nessa época eu morava no interior, aí todo mundo se conhecia. Acontecia com mais frequência no pátio. Quando os professores não estavam presentes. Eu chorava, só chorava, ia pra algum canto e começava a chorar, ficava com raiva, revoltado. Depois que eu saí dessa escola eu fui estudar aqui numa escola de Parnaíba. Ainda morava no interior, passou normal aí, depois que eu vim pra cá aí teve o caso de um colega da sala que ele também cometia bullying comigo. Foi muito ruim porque às vezes ele me atrapalhava. Eu queria prestar atenção e ele não deixava, ficava jogando papel, ficava puxando conversa, botava apelido aí, eu achava ruim. Sentia uma dor por dentro, uma revolta, uma revolta grande contra aquela pessoa que comete e, tem vezes que a gente não consegue se livrar, porque eu era da mesma turma dele. Eu gostaria que soubessem que tem muita gente que sofre isso e que a sociedade tem que procurar ajudar essas pessoas, dar mais atenção porque tem gente que vê e não liga. No meu caso, eram os professores, às vezes os zeladores aí, falavam: - Ah isso é coisa de menino! Mas, não! Isso é coisa de covarde, era uma covardia! Se juntavam 6, 7 e atacavam apenas uma pessoa. Sentia rancor, não sei explicar, é tipo uma revolta que eu lembro e fico me perguntando por que que eu não falava pra ninguém. Não falava por medo porque a família desses meninos que cometiam essa violência contra mim era muito violenta e aí eu ficava com medo e me controlava, medo deles quererem fazerem algo contra minha família, contra mim. Acontecia quase todos os dias. Ir pra escola, eu ia disposto a estudar, mas, quando eles começavam a agressão eu ficava desanimado, abaixava a cabeça e ia chorar, na sala. Passei por isso dos 6 aos 9 aí, depois aos 14 anos quando eu vim pra o IFPI. Não tomavam nenhuma atitude. Gostaria que tivesse tido uma conversa, separado as turmas, algo do tipo. Eu acho que eles agiam assim por raiva, porque eles eram repetentes. Aí quando chegava alguém novo eles queriam descontar a raiva deles nos novatos, porque eles não se interessavam só queriam saber de jogar futebol. Aí quando viam alguém que estava estudando se revoltavam e atacavam a pessoa. Não sei como, mas, eu acho que interferiu, atrapalhou o meu desempenho escolar; atrapalhou no foco. Eles sentavam atrás de mim e eu com medo deles fazerem algo contra mim. Na hora da aula, eu ficava olhando pra trás, desconfiado, com medo deles fazerem algo contra mim e eu acho também que outro fato é porque eles tinham raiva de mim. Minha mãe falou com uma mulher pra dar aula pra mim, aula de reforço aí, eles também ficavam com raiva quando eu tirava nota boa nas provas, eles falavam que era porque ela me ensinava e tal. Eles não conseguiam passar de ano. Eles ficavam incomodados com a situação e aí: - Ah, quer saber, eu vou pelo menos bater nele! Mesmo eles reprovando ficávamos na mesma turma porque lá era até o quinto ano

aí, eram o primeiro com o segundo e o terceiro, quarto e quinto juntos aí, juntava tudo. Achei um alívio ter saído disso porque quando eu saí e vim estudar na cidade a maioria dos alunos tinham a mesma idade aí, os alunos se entrosavam melhor uns com os outros e lá não; lá eram os maiores com os menores aí, não dava certo. Eu reagi da mesma forma aos 14 anos porque na época que eu era menor eu não sabia reagir aí, quando eu cheguei aqui também, eu não ficava chorando no canto, mas, também eu não falava pra ninguém, ficava só no meu canto sem falar com ninguém. Eu pensava que o problema era em mim, por causa do meu jeito sei lá aí, eu tentava mudar o meu jeito. Eu pensei em ser mais como ele porque eu queria ver se ele parava de cometer bullying comigo. Ele não queria estudar e nada, pensei em não prestar atenção na aula aí, quando ele saiu eu vi que ele não ia passar, depois que ele saiu eu vi que não estava certo porque no primeiro bimestre eu fiquei com muita nota baixa. Eu sentava lá na frente e focava, fazia o máximo de esforço pra tirar notas boas nas provas e ele não, sentava lá atrás, ficava conversando. Nas duas primeiras semanas eu fui sentar lá atrás. Depois quando ele saiu eu fui sentar lá na frente de novo. Eu queria ver só se ele me deixava em paz. Ele, na minha opinião, queria me humilhar o máximo pras pessoas. Ficava me xingando no meio das pessoas, dos colegas de classe. Ficava me xingando com palavrões, dizia que eu era gordo, que iria repetir de ano, colocava apelidos em mim. Eu ficava na minha. Tinha vez que eu ficava extremamente revoltado e queria brigar com ele porque eu ficava ali na minha, mas, tinha vez que era demais. Eu cheguei pra ele uma vez e falei pra ele parar, pra ele agir comigo como agia com os outros; que ele tentava me humilhar a qualquer custo. Eu falei pra ele parar, mas, mesmo assim ele prosseguiu. Eu consegui realmente me livrar dele quando ele saiu daqui. Eu sinto tipo um trauma disso, disso tudo. É uma coisa que é muito difícil de esquecer. Me dói porque eu nunca tive reação de contar pra ninguém. Fico tipo com um peso em cima de mim porque eu nunca pedi ajuda. A minha escolha era aguentar ou sair da escola, mas, é difícil porque na época meus pais não tinham moto. Depois que compraram a moto a que eu vim estudar na cidade. Eu ficava aguentando aquilo tudo. Se eu fosse chegar pra alguém pra contar talvez alguém ligasse. Eu sofria, mas, não procurava mudar aquela situação de uma maneira certa. Pedir ajuda a alguém, comunicar meus pais, isso eu não fazia, não era fácil, sentia vergonha de dizerem: - Um menino desse tamanho deixa eles fazerem isso contigo! Ah, tu é desse tamanho, fica deixando os outros te humilharem! Eu ia me sentir incapaz com eles falando isso aí, eu ia e não contava. A vítima é capaz, mas, só se tiver alguma ajuda porque por si própria às vezes ela não consegue. Seria bom se as pessoas que sofrem bullying fossem mais visualizadas pela sociedade porque quem sofre bullying fica lá em baixo. Se as pessoas procurassem ajudar mais porque as pessoas que cometem bullying são aquelas que são mais vistas pelos outros, agora quem sofre fica lá em baixo, ninguém enxerga. O bullying é algo que atrapalha muito o desenvolvimento da pessoa. Qualquer pessoa que sofre bullying fica com trauma ou algo do tipo.

Entrevista 4 (sexo masculino, 15 anos, aluno do 1º ano atualmente) - Desde quando eu era criança comecei a sofrer bullying. Na escolinha aonde eu ia que era creche. Eu era assim

digamos, diferente. Eu ia para a escola, mas, eu não era daqueles meninos de falar palavrão, de não prestar atenção e os outros não gostavam disso. Teve um tempo que eu era até mais gordinho e eles começaram a falar, intimar daqueles apelidos, me chamar de baleia, não sei o quê aí, eu por mim mesmo, comecei a comer menos, como se eu estivesse fazendo uma dieta, me auto impondo, comendo menos aí, hoje eu quero engordar e não consigo. Na época eu era mais gordinho, mas, eu comecei a emagrecer por causa disso. Eles ficavam me chamando disso, de gordo aí, dentro de sala de aula eu ficava com medo de participar que eles não gostavam, entendeu? Não sei, eles ficavam incomodados e depois ficavam tirando onda comigo, entendeu? Isso foi na creche aí, depois eu fui para uma escola maior, ensino fundamental menor. Eu ia pra lá aí, eu não sabia jogar bola direito, eu tentava até me enturmar, se eles falavam palavrão eu falava também. Não era mais como era na outra, eu sabia agora como eles eram. Eu comecei a tentar me enturmar. Nessa escola estudava um menino na minha turma, eles nunca fizeram isso comigo, mas, eles pegavam os meninos que eles não gostavam e iam bater neles. Tinha um campo no colégio perto da rodoviária. Esse menino ia pra lá e ninguém ficava sabendo, batiam no menino lá, por isso, que eu tentava me enturmar, mas, mesmo assim eu tentava e eles não se importavam não. Eu tentava falar o que eles falavam, tentava. Eu ia pra escola e tinha uns amigos do meu irmão. Como eu não tinha amigos eu tentava me enturmar com os amigos do meu irmão. Os da minha sala eram daquele jeito e os amigos do meu irmão também não queriam nada. O meu irmão também mandava: - Sai daqui! Não sei se porque eu era gordo, mas, sempre foi assim. Quando eu estou na outra escola, já no ensino fundamental maior, tinha o “Mais Educação” aí, eu ficava lá à tarde também. Tinha os alunos maiores, mais velhos, ficavam me chamando de um monte de coisa e eu não gostava. Nessas vezes eu ia até pra briga mesmo. Ficavam me chamando de florzinha, uns apelidos pejorativos que eu não gostava, se eu contasse pra professora ou pra diretora aí a zombaria seria maior. É como se elas não tivessem autoridade na época. Se eu contasse eles ficavam me chamando de dedo duro, de um monte de coisa, de covarde. Eles queriam que eu enfrentasse mesmo, entendeu? Uma vez até um menino estava... Aí, eu peguei até uma vassoura lá... um negócio lá... joguei em cima dele... mas, não chegou a chegar aos ouvidos dos professores não. Todas as vezes que eu sofria algum tipo de bullying nunca chegava aos ouvidos dos professores. Sempre eles encontravam um jeito de ocultar o que eles faziam. Depois eu saí dessa escola e fui para outra escola. Essa escola era conhecida, diferente porque tinha muito mala, tinham os mesmos professores, mas, era muito criminalizado. Lá eu já não sofria mais tanto bullying, eles não mexiam comigo. Só que eu já sofria bullying da parte das outras pessoas por saber que eu estudava lá. Até os professores antigos meus perguntavam onde eu estudava e eu dizia, aí diziam: - Não! Porque você não foi pra uma escola melhor? Lá não presta! Me sentia mal porque eu acho que as pessoas não deviam discriminar outra pessoa por ser diferente não, ou porque ela convive com alguém, ou se ela vai em determinado lugar. A sociedade é muito preconceituosa. Até mesmo uma escola! Isso não quer dizer que só porque aquela escola lá tem má fama que eu não poderia aprender. Igual poderia aprender em outra escola mas, as pessoas não enxergam assim. Afetou mais quando eu estava no ensino fundamental menor porque às vezes eu não queria ir para a escola. Não

prestava atenção. Eu até chegava a prestar atenção na aula, só que não queria entender aí, prejudicou minhas notas. Eu ficava pensando naquilo, em sair da sala, eu não queria sair da sala. Digamos que essa situação até que ajudou algumas coisas porque como eu não tinha muito amigo e eu acho que a escola também não fazia essa interação, eu me peguei logo com outras coisas, tipo, tinha uns livros e eu comecei a ler, comecei a comprar livros. Na minha casa se for lá tem um monte de livros porque eu pedia para minha mãe comprar. Essa coisa é especificamente sobre bullying na escola? Porque, não foi só na escola, foi na família. Meu avô no começo quando eu não tinha... na verdade isso foi um incentivo. Porque eu tinha seis anos. Com cinco anos ele ficava dizendo que se eu não aprendesse a ler ele ficava bajulando meu irmão porque ele sabia ler e eu não sabia ler, aí eu estudei, estudei e com seis anos já sabia ler. Em casa também tinha o bullying da parte da família. Quando eu era pequeno eu também era diferente porque minha orelha era meio grande. Minha mãe ficava, minha tia, todo mundo ficava me chamando de orelhudo, orelha de abano, não sei o quê. Acho que afetou mesmo foi na escola porque eu ficava muito deprimido ainda tinha meu pai e minha mãe que se separaram, ainda tinha isso. Eu diria que o bullying existe pela ignorância. A pessoa pode até dizer, pode ter o estudo que for mas, se a pessoa trata outra pessoa mal por ela ser diferente, devido à ignorância dela porque o que é bonito na vida é o que é diferente. Se tudo fosse igual, o mundo não seria bonito se uma flor fosse igual à outra flor, só um tipo de flor, só um, as pessoas do mesmo jeito e, nenhuma fosse diferente. Tinha uma amiga que ela era do interior e entrou na terceira série. Ela tinha dificuldade de ler mas, eu lhe digo que nunca vi menina mais interessada do que ela. Ela prestava atenção na aula, ela conversava com os professores mesmo, se esforçava para tirar nota boa e tirava. Acontece é que as outras pessoas ficam com inveja, os outros alunos. Chamavam ela de analfabeta, falavam apelido com o nome dela, chamavam ela de caipira, um monte de coisa. Ela tinha um sotaque de pessoa do interior. Eu não gostava daquilo, acho que se eu ver uma pessoa sofrendo bullying. Até quando eu entrei aqui no IFPI teve uma sala de uma turma aí, tem uma menina que era meio gordinha e eles ficavam falando. Só que hoje eles não falam mais isso não mas, eles ficavam zombando da menina porque ela é gorda e também ela fica calada. Geralmente as pessoas se retraem ao invés de se rebelar com a situação, a pessoa se retrai. Eu não gostava. Eu não ficava, não me rebele contra aquilo. Às vezes eu ficava; busquei abrigo em algumas coisas: ler, desenhar, foi até um dos motivos pra eu entrar nesse curso mas, eu vi que meu desenho não tem nada haver com os desse curso. Os meus são mais artísticos, os daqui são mais técnicos. Me apeguei com diversos tipos de literatura infanto juvenil. Eu lia mesmo, eu acho que minha reação foi essa, encontrar alguma coisa pra mim mas, às vezes eu ficava com raiva mesmo. Uma coisa que eu não gosto é de falar palavrão mas, nessa situação eu falava mesmo. Hoje eu até me arrependo porque eu não gosto, eu acho muito tosco, muito brutal. O bullying não é só na escola, o bullying começa na escola porque a escola que educa o aluno e, os pais pensam que estão levando os filhos pra escola pra aprender, pra quando eles crescerem ter uma profissão mas, na escola eles aprendem outras coisas. Acho que a escola não deve só ensinar português, matemática, história, arte, deve educar também socialmente dando valores pros alunos porque depois quando cresce uma pessoa que

discrimina outra por causa da cor; que está num metrô e que olha pra outra com nojo, acontece muito nas cidades grandes e até mesmo aqui; que tem um grande preconceito. Isso começa mesmo na escola. Deve-se educar porque os alunos trazem de casa a forma como os pais tratam eles aí, devia ter um apoio, entendeu? Acho que se um menino bate em outro menino, acho que aquela criança não é má, sabe? Não tem maldade naquela criança mas, se ele vai buscar bater, xingar, difamar o colega dele é porque tem alguma coisa em casa e, na medida em que ele vai crescendo assim como ele vai aprendendo português, matemática, história, geografia, ele vai aprender também outras coisas: - Ah negro é feio! Até mesmo na minha família tem muito essa discriminação. Meu tio quando vê aquela jornalista que é negra diz: -Ah aquela é loira é mais bonita! O preconceito ele vai aprendendo em casa, na escola, assim como vai aprendendo as outras coisas ele vai aprender também o preconceito, vai aprender a discriminação. O bullying começa no preconceito, por a pessoa ser diferente, entendeu? Acho que não só educar os alunos mas, também os pais. É necessário. Acho que se na escola se perceber que um aluno está surrando, se está discriminando, se está chamando de gordo como já fizeram comigo, discriminando a cor, a forma de falar, tem algum motivo pra uma pessoa ter isso. É uma forma de maldade. Tem alguma coisa em casa que acontece e, a pessoa não nasceu pra aquilo então, tem que conversar com os pais porque esse bullying não está só no aluno, nessa criança, está em tudo o que ela vive, talvez ela também sofra algum tipo de preconceito e ela acha que é normal de falar com os outros, entendeu? Eu acho que é isso. Eu acho que deve ajudar essas pessoas a olhar o mundo de outra forma, a encarar melhor as diferenças, a entender que é aquilo que deixa o mundo bonito, entendeu? Eu não sei o que aconteceu comigo, eu não gosto de preconceito, eu não gosto de bullying. Algumas pessoas acham que é brincadeira mas, depende, depende do que a pessoa que está passando por isso acha, se a pessoa não gostar. deixar evidente que não gostou e, tem que ver se a brincadeira é maldosa ou não e se pode machucar a outra pessoa porque eu acho que o que eu passei de bullying foi mais maldoso do que hoje. Tem alguns apelidos, que as meninas aqui que botam só na brincadeira, que eu não vejo como ofensa não. Eu acho que me adaptei porque pra algumas pessoas já é normal tirar essas brincadeiras. Eu fico calado mas, aos meus olhos o que eu via quando eu estava passando não era coisa boa não, a pessoa que sofre o bullying não é uma situação boa de si viver porque se você tem uma auto estima baixa e, uma pessoa reforça o que você aparentemente tem de ruim em relação aos outros, o que você tem de diferente, que eles reforçam que aquilo em vez de ser bom, por ser diferente é algo ruim, é algo que deve ser banido. Essa questão de brincadeira depende da pessoa, do que ela está passando, da pessoa se importar do que a pessoa pode sentir diante do que você fala. Acho que é na bíblia que diz que a gente tem que pensar antes de falar. Se aplica exatamente a isso por que as palavras podem ferir outras pessoa, Isso acontece não só na escola, o bullying acontece em qualquer lugar. Tem muito haver com respeito. A gente ter na cabeça que a gente tem que respeitar as pessoas não importa como ela seja. O jeito dela de falar, o jeito dela de vestir. Atualmente há desrespeito comigo. Tem coisas que eu fico: - Deixa! Assim, eu acho que deixa de ser bullying, apesar de ser, quando reforça, apesar de ser um apelido, tá reforçando um lado que eu tenho. Se sou alegre, se falo com todo mundo. Tem certos apelidos

que reforçam isso e eu me sinto bem se a pessoa me chamar de “Garibaldi”. Eu acho bom porque geralmente é uma pessoa que fala muito e eu gosto de conversar, de questionar. Eu acho que deixa de ser bullying quando a pessoa passa a destacar na brincadeira, que eles chamam e, passam a destacar em vez de uma coisa ruim, alguma coisa que a sociedade vê como algo repugnante, algo feio; passa a ver uma coisa boa que a gente tem, da nossa personalidade, uma coisa que a gente goste. Tem uns apelidos que são meio pejorativos mas, eu não me importo porque eles já falam isso pelo costume. Vejo que não tem a intenção de me magoar, vejo que não tem a intenção de me botar para baixo, não tem intenção. Até as pessoas que falam esses apelidos, que eu não vou citar, acho que eles querem me ver bem, sabe. São meus amigos mesmo e eles falam isso não na maldade. Porque quando tem o objetivo de magoar, ferir a pessoa eu acho errado. Dá pra perceber a diferença. A pessoa quando sentir ela deve mostrar pra o outro. E o outro, sabendo que a pessoa não gosta, deve parar. Na escola é porque a pessoa se incomoda com o jeito do outro. Não sei se é inveja, não sei o que é. Se eu falo com muitas pessoas, se eu interajo na aula, se eu falo mesmo, as pessoas não gostam. Teve uma coisa que me deixou muito magoado. No primeiro conselho de classe o pessoal lá da sala ficou dizendo que eu atrapalho. Eu já senti que aquilo ali, eu gosto de interagir mas é com o professor sobre os assuntos, eu não atrapalho. O técnico em assuntos educacionais daqui ele até ia anotar meu nome e eu disse: - Eles estão zombando de mim! Fiquei muito magoado dessa visão. Acho que o bullying deixou pra mim foi a expectativa das pessoas me aceitarem ou não, entendeu? Quando eles fazem isso tentando me prejudicar é evidente que é bullying. Se ele tivesse levado pro conselho de classe dizendo que eu bagunço é claro que o professor saberia dizer que eu não bagunço e, isso se repetiu. Como eu fico na expectativa, uma vez a professora de matemática passou um envelope pedindo para botar os nomes dos alunos que bagunçam, só que no caso eles botaram os alunos que eles não gostam. Olhei meu nome e fiquei com raiva. A professora disse que poderia até ter tirado ponto meu mas, ela não tirou. Eu olhei o meu nome, eu fiquei com muita raiva sim porque, eu tento agradar todo mundo! Um amigo meu, ele tem uns 80 anos, da minha igreja, conversando com ele, ele diz que a gente nunca deve tentar mas, eu não consigo, eu sempre quero jogar faísca pra todo lado e quem atingir é meu amigo, entendeu? Que eu quero agradar a todo mundo e, quando eu não consigo atingir isso, já que o que eu tenho medo é justamente do bullying, eu fico realmente, fico deprimido porque se eu tento agradar todas as pessoas e não gostam de mim e, não sei por que motivo. Fico tentando entender mas, eu não sei qual é o motivo. Sempre, o bullying que eu sofri foi por causa disso, as pessoas, não sei se é alguma coisa que eu faço. Não é que eu seja responsável, eu quero evitar. Tento agradar as pessoas, tratar bem, parecer legal, justamente para evitar. Não quero que a pessoa tenha motivo pra não gostar de mim. Eu quero que todo mundo goste de mim. Não sei se eu falo meio rápido, se minha voz é enjoada, não sei. A maioria das pessoas, é algo realmente deles. Mas, é uma coisa que eu quero evitar que eles tenham.. Não sei como mas, eu tento. Eu penso que eu posso conseguir. Pelo menos pra mim, não pros outros. Pros outros eu já não sei. Eu não sei como fazer para uma pessoa deixar de ter preconceito como outro. Se eu ver que a pessoa está tendo preconceito e eu falo mesmo. Quando eu vejo uma situação, como eu já passei, eu acharia

injustiça se eu não tentasse defender a pessoa, entendeu? É realmente um ato de ignorância. Não sei por que motivo leva uma pessoa a tentar rebaixar a outra pessoa. Realmente por uma grande ignorância da pessoa não parar e pensar em tudo, sabe? Se o mundo, se lá na África eles são diferentes é por causa do clima de lá que é mais árido, mais quente suponho. Numa evolução a pessoa vai se adaptando lá, por isso ficaram diferentes dos europeus que tem a pele mais branca. É uma diferença, entendeu? Se a pessoa nasce com uma deficiência, a pessoa não tem culpa de ter nascido com uma deficiência. Eu noto isso nas pessoas, as pessoas tem um grande preconceito, um grande preconceito com tudo. O meu avô uma vez, a gente estava com um trabalho de ajudar pessoas cegas, de evangelização, a encontrar um consolo, por elas serem cegas, um consolo na bíblia, e, meu avô disse assim: - Não vá nisso não, meu filho, porque esses cegos, esses aleijados, eles não sabem de nada não, eles são revoltados com a vida. Eu não demonstrei pra ele, mas, eu fiquei assim... Noto na minha família um grande preconceito mesmo. Fico me perguntando: - Por que uma pessoa tem preconceito por outra, se a pessoa não tem culpa disso? Eu acho que o bullying, as pessoas podem até dizer que é brincadeira mas, não é brincadeira, é preconceito mesmo. Ontem mesmo estávamos fazendo um trabalho de matemática aí, eu estava procurando uma colega porque nós estamos fazendo uma maquete e, geralmente menina tem mais habilidade aí, um menino lá falou: - Ah chama ela mesmo porque é mulher, manda ela limpar isso aqui porque ela tem que fazer isso mesmo, mulher tem que fazer isso mesmo! Eu não entendo o preconceito das pessoas. A pessoa é um ser, é um ser vivo. A gente tem que respeitar. O meu potencial não é melhor ou menor que o dela não. A gente tem potenciais iguais. Se ela quiser ser uma coisa e ela lutar vai conseguir. Assim como se eu quiser eu também vou conseguir. Não é porque ela é mulher. Ela pode exercer a função de um homem. Hoje a gente vê mulher sendo engenheira, muito independente mas, ainda há muito preconceito e, o preconceito está muito ligado ao bullying porque se há preconceito em casa ele vem pra escola aí, esse preconceito vira o bullying, né? Vai prejudicar outra pessoa. Pode ter benefícios ou não, a pessoa pode se retrair ou se rebelar, a pessoa pode ficar tímido ou então surtar, ficar rebelde. Uma vez, na outra escola, eu estava brincando com outros colegas. Tinha outro amigo meu, só que ele era de outra turma, ele estava na frente, numa turma a minha frente. No caso eu estava no 6º ano e ele estava no 7º. O pessoal da minha sala andava correndo atrás desse menino e eu não entendia o porquê, sabe? Ele correndo com uma cartolina na mão. Eu pensava que era brincadeira aí, toda vez eu via isso. Uma vez eu fui atrás dele também. O menino ficou com raiva e foi me bater. A professora foi brigar com ele e eu falei: - Professora não! Eu já tinha esse conceito. Depois que o menino ia me bater eu percebi que o que eles estavam fazendo com ele era zombando dele, era querendo prejudicar ele. No outro dia eu ia conversar com ele, não ia correr, eu ia conversar com ele, ele pensava que eu ia pegar, igual aos outros estavam fazendo aí, ele queria me bater. Fiquei parado, a professora já ia me defender aí: -Não professora, não faça isso não, a senhora não sabe o que ele passa, o que ele passa em casa, o que ele sofre! Se ele quis me bater é porque realmente ele se rebelou, Eu era o frágil, ele estava numa série maior, os outros estavam correndo atrás dele, querendo prejudicar ele, ele podia se retrair, jogar a cartolina e eles rasgarem a cartolina e, ele ficar parado, ser prejudicado, tirar nota

baixa. Esse menino era muito esforçado mas, não, ele quis descontar em alguma coisa, só que a minha professora não deixou. Geralmente é assim. Esse preconceito que faziam com ele, ficava chamando ele de “veado”, um monte de coisa; corriam atrás dele, chamava a diretora mas, ela não fazia nada. Eu acho que tem certos pedagogos que eu não sei o que elas fizeram na faculdade porque quando uma pessoa faz pedagogia eu acho que ela deve saber como lidar nas situações. O bullying deveria ser o maior foco. Acho que o bullying é o maior problema da educação. Não importa seja nível inferior, ou nível menor ou maior, ou superior, que eu acho que até em universidade tem isso, se a pessoa é mais pobre, estuda no meio do rico eles não gostam, faz preconceito. É assim mesmo. Acho que o foco maior da instituição deveria ser isso: combater o preconceito e não o bullying, que o que faz o bullying é o preconceito, entendeu? E o preconceito é de ambas as partes. Que é imposta pelos outros ou o que ela realmente sofre.

Entrevista 5 (sexo masculino, 17 anos, aluno do 1º ano atualmente) - Foi quando eu tinha sete anos. Eu nunca tinha passado por isso. Foi quando eu entrei no PET. Foi dos sete aos onze anos que eu ainda estudava lá e ainda frequentava, depois parou mais. O pessoal lá começou a fazer, praticar, jogar apelido pra mim. Hoje eu num presto mais muito atenção não. Eu não sofro mais bullying mas, na época quando acontecia comigo é uma sensação tão estranha quando eu começo a falar. Eles começam a falar, a jogar apelido em você. Uma sensação meio de medo, de fraqueza. Você se sente fraco que é um bocado de gente contra você sozinho. Eu me sentia assim, me sentia fraco, acuado, com medo. Era frequente, acontecia todo dia quando eu ia pra lá. Quando fui pra escola começou a acontecer também. A mesma coisa, nunca mudava, virou rotina. Ia pra lá e faziam o bullying. Eu estudava mas, o que mais me chamava a atenção é porque os professores não evitavam isso. Nos colégios que eu estudava, nos dois colégios, no colégio e no PET isso não acontecia não. Era na frente dos professores. Ninguém dizia nada. Os professores, os diretores não diziam nada. Eu ia reclamar e diziam só pra não ligar pra aquilo, sendo que acontecia comigo todo dia. Depois eu me sentia mal, me sentia triste acontecendo aquilo comigo. Eu fui ficando mais velho e percebi que a pessoa que fazia aquilo, que pratica isso tá querendo atenção e se não quisesse atenção não ficava praticando bullying. Ela quer atenção de um jeito ou de outro e sempre são aqueles que querem ser os mais engraçados da sala, os palhaços, os que se acham, os melhores. Na verdade não são; aí, quando eu parei de ficar me acuando, quando eles faziam algum apelido, jogavam alguma piada pra mim, eu não olhava, fingia que não era comigo, porque assim poderia parar mas, não. Aconteceu duas vezes, ano passado aconteceu também; eu perdi a paciência. Eu estava desenhando lá no PET, chegou um e rasgou meu desenho; eu reclamei com o professor, o professor não fez nada; como ele continuou “frescando”, falando besteira; eu fui e bati nele; dei uma surra nele logo e passou uma semana que ele não falou mais nada. Como ele não falava mais, acho que a maioria das vezes parte de uma pessoa, uma pessoa quer chamar atenção aí os outros vão se juntam com ela pra te atingir; aí, parou; uma semana. Depois ele começou a falar, falar, falar; aí, eu parei de dar atenção, não liguei mais. Se eu passava eles vinham e me apelidavam e eu fingia que não

era comigo. Se eu tivesse passando com alguém continuava tudo natural. Fingia que não estava acontecendo mais eu me magoava que eu sabia que era comigo. Não era com outra pessoa, só tinha eu ali que eles estavam querendo atingir mas, eu consegui, estou aqui agora. Assim, não me afeta mais mas, ano passado, no oitavo ano, isso começou a acontecer de novo. Voltou a acontecer de novo. Era a mesma coisa, tinha aquele que se achava o palhaço da sala, que queria fazer todo mundo ri; se juntou com outros lá pra tentar me atingir, só que como eu já presenciei, como já tinha passado por aquilo, não me atingiu muito mas, a mesma sensação mal; acuado, triste. Quando eles falavam assim, me apelidavam, eu fingia que não era comigo.. Isso foi o ano todo e, eu fingindo que não era comigo. Como passou pouquíssimas pessoas pro nono, gente nova que eu nunca tinha visto... No sétimo eu era mais extrovertido, eu falava mais; por causa desse acontecimento e outros, eu fiquei tímido. Das piadas que eram de mau gosto, de tentar fazer amizade com a outra pessoa aí, chega e faz a piada e todo mundo fica fazendo piada também. Eu não queria ficar com um pessoal que ficava me zoando. Quando foi o ano passado era todo o dia, no nono ano era só dois que faziam o bullying comigo. O bullying começou com um cara que estudou comigo também no sexto ano. Todo mundo fazia bullying também com ele, porque ele era gordo, aí pra não fazerem bullying com ele, ele começou a atacar os outros e, foi me atacar. Falou, botou apelido em mim. Eu fingia que não era comigo. No nono ano, só dois passaram, ele ficou, aí os outros dois diziam: - Olha ali... aí, chama pelo apelido. Só que eu estava conversando com um amigo meu e nem dei atenção, continuei conversando. Passar que eu não estava ligando pra não me magoar porque geralmente pra mim nunca chegou de alguém fazer alguma coisa comigo, sempre foi verbal, não foi físico. Eu acho que a situação nunca é igual pra todos. Cada um tem uma situação, passa de um jeito e enfrenta do jeito que pode ou até concorda com aquilo em algum sentido pra parar de ser zoadado aí, aceita o apelido, fica como se nada estivesse acontecido mas, eu não escolhi apelido eu tenho nome. Eu parei, eu não dava atenção não aí, eles ficam chamando assim, pelo apelido, chamando direto, direto, chamou umas dez vezes, eu nem olhei; aí, o pessoal viu que ele estava falando sozinho e, foi assim que eu fiz; deixei ele falando sozinho; aí, ele se calou, parou de chamar; aí, quando foi o outro, quando foi no final do ano, começou; eu já não tinha muita afinidade com esse outro porque ele fazia as palhaçadas que eu não gostava, não tinha graça. Pessoal pra se achar lá melhor com ele ficava rindo das palhaçadas que ele fazia na sala de aula que não tinha nenhum sentido. Todo dia quando eu chegava ele jogava uma bolinha de papel em mim. Eu sabia que era ele. Quando eu olhava pra trás ele ficava disfarçando. Eu não contei pro professor, pra nenhum professor. Ele jogava a bolinha, eu olhava pra trás e ele fingia que não era com ele. Quando foi um dia quando tinha acordado tarde, eu estudava de manhã e tinha acordado tarde, meu pai tinha brigado comigo porque eu tinha acordado muito tarde e ele tinha que trabalhar, eu tinha chegado com sono e jogou uma bolinha de papel em mim aí, eu fui e joguei nele de novo aí, ele foi e jogou em mim de novo aí, eu fui na cadeira dele, o professor estava na sala, aposto que ele estava vendo mas, ele não fazia nada, não queria se intrometer aí, eu fui lá na cadeira dele e enfiei a bolinha na cara dele, esfregando ela, com isso ele tentou me dar um soco aí, eu peguei a cadeira, foi tanta raiva na hora, que já era acumulado, já era tanto tempo que eu

não gostava dele por causa disso aí, eu bati nele. Fomos pra diretoria, fui pra diretoria. Eu falei que ficavam intimidando comigo o dia todo, todo o dia. Ficavam intimidando aí, ele foi dizendo que era mentira e eu falei pra ela que se ele continuasse intimidando comigo eu ia fazer de novo. Ela fez a gente dizer que não ia fazer nada, que ele não ia mais fazer bullying comigo. Depois disso se resolveu, parou. Como era só ele que estava continuando com essa história parou o nono todinho e eu não sofri bullying. Quando cheguei no ensino médio, fiz o teste pra cá, cheguei aqui e até hoje, na frente de professor eu não vi ainda não mas, na minha sala tem um que é mais lento que o pessoal, ele fala coisas e geralmente o pessoal faz o bullying com ele. Com isso que aconteceu pra mim quando eu vejo alguém fazendo bullying que chegam perto de mim e começam a falar: - Olha aquele cara ali..., fica fazendo bullying com ele..., eu não participo porque eu sei que aquilo já aconteceu comigo e eu sei que aquilo não é legal. Não foi tão traumático pra mim. Aquilo me fez ser hoje e eu não vou negar que hoje eu sou uma pessoa que não tem medo de enfrentar as coisas porque se alguém for falar, fazer bullying comigo aqui, eu sei que o bullying pode levar uma suspensão, eu vou falar na coordenação, vou falar porque a pessoa não vai fazer isso. Como eu já sei, já presenciei, já vivi e já consegui lidar com isso de uma forma, não muito legal mas, eu consegui aí, hoje eu não sofro mais bullying. Não pratico e, quando vejo alguém praticar contra a pessoa que eu conheço eu falo: - Tu acha que isso aí é legal? E se fosse contigo tu ia gostar? Se ele ficasse te apelidando, te chamando de burro, de marmota! Não, não gostaria não! Então, que é que tu ganha com isso? Ganha nada! Tu só faz magoar uma pessoa que não sabe quando vai precisar dele. Ele pode ser ruim em alguma coisa mas, pode ser bom em outra. Hoje na sala de aula isso só acontece com ele, quando é fora da sala porque dentro da sala particularmente eu nunca vi alguém sofrendo bullying, nem apelido na hora de aula. Agora lá no CAIC os professores viam mas, eles não falavam nada com quem sofria isso. Hoje se alguém vier praticar bullying comigo não vai me afetar em nada, eu vou pensar: - Ah eu não disse nada porque o que ele quer é atenção. Ele não quer nada a mais do que isso. Quando eu era pequeno eu revidava muito. Alguém me apelidava eu revidava também, ficava falando, dando força aquilo aí que acontecia mesmo. Agora, quando alguém fala alguma coisa de mim eu penso assim: - Ele quer atenção, não vou dar atenção pra ele. Se ele quiser falar comigo ele vai ter que me chamar pelo nome. No primeiro mês que eu entrei aqui um cara começou a fazer bullying comigo, eu nem conhecia o cara direito, ele começou a fazer bullying comigo; quando ele me via: - Ah esse aí é... me chamava pelo apelido que eu não gosto nem de lembrar dos apelidos, são tantos! Ah esse aí é aquele... aí, chamava pelo apelido. Na hora meu amigo até dava uma força, mas assim, eu estava com meu amigo, eu não podia sair, eles riam sozinhos, eu não ria: - Tá achando engraçado, né? Um dia ele estava sozinho que eu vi assim no corredor e ele vinha, ele chamava pelo apelido, eu nem ligava, eu passava direto, fingia que não era comigo. Quando ele queria falar comigo e me chamava pelo apelido, chamava, chamava, chamava e eu não dava atenção até ele me chamar pelo meu nome. Acho que ele deve ter percebido que eu não ia ser o tipo de pessoa que revida. Acho que um passo importante pra você conseguir vencer o bullying são os amigos; quando você começa a fazer mais amigos do que você tem. Quando você tem pouco, quando você tem dois, três você é um alvo fácil porque

as pessoas não te conhecem, elas conhecem mais a pessoa que está fazendo o bullying, ela não conhece você. Quando você se enturma mais com o pessoal, você conversa com o pessoal, você interage, as pessoas passam a gostar de você. Se alguém faz bullying separado e você não revida, as pessoas deixam passar elas, agora se eu fosse reprimido lá na sala, não falasse com ninguém como eu era antes, eu era pequeno aí, eu acho que hoje eu sofreria bullying porque geralmente você se sente acuado, você pensa assim: -Ah, se eu for falar não vai acontecer nada! Se eu for falar vai acontecer mais. Vão fazer mais comigo por que eu vou falar. Aí você fica lá com medo “falo ou não falo?” O que acaba vencendo é não vou falar porque se eu falar eles vão fazer mais, vai ser pior pra mim porque não vai parar. Talvez não aconteça nada com eles. Hoje se isso acontecer eu levo na coordenação, não sinto mais medo mas, quando eu passo por alguém, por algum deles que eu estudei no ensino fundamental I e eles chamam o apelido, eu ainda me sinto mal como se fosse algo ruim dentro de mim. Você se sente mal assim. Carrego isso mas, hoje se eu passo e ele me chama pelo apelido eu não olho, finjo que não é comigo. O que eu entendia pela vivência do bullying que eu sofri foi que a pessoa que pratica ela está querendo atenção ou ela está querendo se enturmar com alguém usando aquela pessoa pra falar porque não vai ter assunto pra falar com o outro: -Vamos falar dele. Até o ano passado aconteceu comigo e com meu amigo também. Quando você é a vítima geralmente você não percebe mas, quando é com o outro, você vê acontecendo com o outro, você percebe a pessoa usando o outro pra falar com você. Chega e começa a conversar, a fazer bullying com o outro aí, quando a outra pessoa não começa a parar e vai incentivando. Pra poder ela até se enturmar quando não tem nada pra falar eles se juntam, se juntam que é pra conversar, lhe usa, pra eles poderem se enturmar mais. Hoje quando aconteceu alguma coisa eu vejo que eu falaria. Não vou falar isso porque vou magoar se eu chamar ele de alguma coisa; pode pegar e, o pessoal vai ficar falando também. Hoje geralmente eu deixo de falar o que eu penso até mesmo na hora que eu revidava os apelidos que alguém me chamava de alguma coisa; eu revidava, hoje eu não falo o que eu queria na hora, hoje eu já não falo mais, eu fico pra mim. Fico pensando: - Não vou falar porque não vai ser legal. Se eu falar isso vai magoar. Com isso também eu aprendi que eu não posso ficar fazendo piada dos outros porque eu passei por aquilo, eu senti como era. Pode ocorrer de a pessoa encarar de uma forma diferente da outra, foi assim que eu entendi, porque o bullying nunca é igual com a mesma pessoa, são pessoas diferentes, lugares diferentes, acontece diferente pra cada um. A gente que sofre pode falar porque a gente sentiu o que aconteceu. Eu vim pra cá justamente por isso, porque a gente não pode esperar que o outro fale o que a gente sente. Pouquíssimas pessoas gostam de falar porque ainda sofrem bullying, ainda passam por isso, ainda sofrem bullying e não gostam de falar porque acham que vai acontecer alguma coisa com ela. Hoje se eu falar alguma coisa com uma pessoa eu brinco mas, se eu perceber que deram continuidade eu começo a parar eu não falo mais. É uma sensação que eu não consigo explicar quando eu ouvia aquele apelido. Acontecia até o ano passado quando encontrava com o pessoal que eu estudei dos sete aos onze anos. Eu passava e ouvia aquele apelido; dava tipo um calafrio. Eu podia estar na rua, todo mundo desconhecido e eles falavam, eu sentia o calafrio mas, eu não demonstrava. Sentia o calafrio mas, continuava andando, não

dava atenção. O cara continuava chamando o apelido, eu sentia o calafrio mas, eu continuava andando. Hoje se eu vejo algum, se me chamar pelo apelido antigo; é como se tivesse sentido um trauma. Pode de me chamar de qualquer outro eu não sinto nada mas, quando chama o apelido que eu levei dos sete aos onze anos chega eu sinto um calafrio logo. Porque é sempre aquele apelido. Geralmente hoje lá na minha sala eu conheço muita gente que já passou pelo bullying mas, pra gente conseguir superar a gente tem que se colocar numa posição melhor. Eu não vou me afetar por isso porque é triste na hora mas, eu não vou me afetar porque se eu deixar mais pra frente pode ficar pior. A pessoa fica fraca, pode ser manipulada, se sente tão fraco na hora que acontece e você não pode fazer nada. Só aconteceu duas vezes que eu partir para a agressão. A única coisa que você pode fazer naquele momento é o silêncio porque você não pode dar a voz que ele quer. Isso deveria partir também dos professores. Eu já ouvi muitas palestras no jornal que isso é a realidade de todas as escolas. Era a realidade nas duas escolas que eu estudei. Pra mim ocorreu nesse período dos sete aos quinze anos. Com quinze anos foi diferente porque eu já tinha passado por aquilo e eu sabia como enfrentar aquilo de frente. Não ia me acuar mas, dos sete aos onze era muito pesado. Era apelido direto, direto, direto, direto, todo dia eu ouvia uns dez apelidos por dia. Era na sala apelido, no recreio apelido, no PET apelido, chegava em casa eu não falava pra minha mãe, chegava em casa eu ficava calado; eles nem sabem. Minha mãe sim, eu cheguei a falar pra minha mãe que eu estava sofrendo bullying porque: - Ah mãe, ficam me apelidando direto na escola, eu quero sair de lá. Porque geralmente o pessoal em uma escola é diferente de outra. Você quer recomeçar, noutra escola do zero mas, eu fiquei lá, né. Fiz a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série. Aí eu fui pro CAIC. Eu comecei muito tímido porque já também já tinha passado pelo bullying antes no meu ensino fundamental todinho e eu ficava assim: - Eu vou ficar, não vou deixar, vou ficar na minha, não vou falar com eles porque, se eu falar com eles pode ser que eles venham a descobrir o apelido que eu recebi aí, eles vão ficar tirando onda comigo. Nesse sentido eu fiquei na minha, não falava com ninguém por causa disso mas, sempre quando eu ouvia alguma coisa, alguma risada aí, eu já imaginava: - Só pode ser comigo mas, vamos deixar passar. Vou falar nada não. Talvez seja outra coisa mas, quando eu ouvia uma risada lá dentro ou lá fora eu já achava que era comigo porque lá no PET eu era a piada. Eu estudava à tarde e meu irmão estudava de manhã. À tarde eu era a piada lá. Mas, passou. Quando eu falo eu até rio mas, na época eu ficava lá no chão. Eles estão falando de mim direto, só tem eu de assunto aqui. Quando eles jogavam algum apelido, falavam alguma coisa, ficava com a autoestima lá embaixo. Hoje, quando isso passou, eu acho que eu consegui dar a volta por cima porque, muita gente comete suicídio mas, pra mim isso nunca passou pela minha cabeça. Passou pela minha cabeça mudar de escola, várias vezes. Pra começar de novo porque a escola já estava pesada. Quando acontece o bullying contigo, quando a pessoa fala dentro da sala fica lá. Agora quando a pessoa fala no pátio parece que é contagioso, começam a praticar também, todo mundo começa a fazer aí, você vira piada, você é a piada da primeira até a quarta série. No PET eu era a piada total. Quando eu mudei pro CAIC, tinha mudado o pessoal mas, eu continuava no PET até os onze anos, eu ficava lá no CAIC na minha, eu não sofri bullying do sexto ao sétimo ano porque eu não falava com

ninguém. Se a pessoa estava rindo eu já pensava logo que era comigo mas, eu não falava com ninguém não pra evitar que a pessoa ficasse “frescando”, jogando piada. Lá naquele PET foi muito. Era de manhã, à tarde. Todo mundo sabia o apelido. Todo mundo sabia. Parecia que tinha passado na televisão. Eu andava lá no PET à tarde e todo mundo sabia do apelido. Quase ninguém sabia do meu nome, só chamava do apelido. De manhã era a mesma coisa. Eu ainda estava lá no CAIC aí, minha mãe me colocou no CRAS do João XXIII e acontecia também. Ela fazia eu ir. No CAIC quase não aconteceu. Foi só no oitavo e nono ano. Eu sofria bullying lá no CRAS. Aí eu ficava: - Ah, eu não vou mais não! Eu não falei pra minha mãe não, só falei quando era pequeno que a escola era do lado lá de casa. Geralmente, sempre quem começa a fazer bullying são os mais bagunceiros, os que não querem nada. Queriam me afetar, baixar sua autoestima. Sei que eu tanto pedi, tanto pedi que consegui sair lá do CRAS. No CAIC acontecia do oitavo ao nono ano. Acontecia sempre. Você se sente mal quando colocam apelido, sente um calafrio como se tivesse te destruindo porque você sabe: - Ah eu não estou fazendo nada com ele porque ele está fazendo isso comigo! Porque que ele vem me atingir! Foi que eu parti pra agressão. Que eu já tinha feito no PET antes aí, eu fiz no nono ano. Hoje eu aqui, no início do ano, o cara começou a fazer comigo e eu não dei atenção. Na época eu não gostava mas, hoje parte da minha personalidade que eu tenho hoje, eu adquiri com isso. Certas situações que eu passei antes não sabia lidar na época, agora eu consigo. Eu consigo lidar com ela mas, quando eu escuto o apelido com certeza é inevitável a sensação. Eu não verbalizo ele. É muito chato eu ouvi ele a minha infância quase toda. Desde que eu entrei lá no PET mas, quando eu entrei no CAIC eu peguei outro. O do CAIC era diferente e esse ano mais um. Só que o desse ano como a pessoa que estava começando a fazer estava querendo colocar como se fosse pros outros fazerem e eu não dei atenção aí, ficou só nessa pessoa mesmo. O bullying pode ser até físico. A pessoa pode ser agredida. As pessoas tentam ridicularizar. Pras pessoas rirem de você, pra todo mundo rir. Hoje eu penso: - Não acredito que eu dava tanta atenção pra aquilo! Algo tão insignificante. Eu não vou dizer que eu não tenho raiva. Tenho raiva do pessoal sim mas, também eu tenho pena porque eu percebi que são pessoas que usam artifícios baixos para poder se aproximar dos outros, realmente eu não sei o que é que a pessoa faz que ela coloca apelido em você, ela nem liga, ela nem te conhece, coloca um apelido em você com qual sentido? O que que ela quer com isso? O que ela está querendo expressar? Eu não sei o que é que passa na cabeça de uma pessoa que está todos os seus amigos lá e vai te chamar pelo apelido. Hoje quando eu estou com alguns amigos meus eu saio e deixo a pessoa falando sozinho. Me sentia usado pra formar diálogo pra pessoa. Hoje eu entendi assim. Hoje quando eu vejo isso, eu até colaboro em alguns casos eu falo. Eu estou falando com um menino lá na sala que tem uma capacidade mais lenta; fazem bullying com ele, fazem perguntas absurdas, eu não ria. Pra mim quando isso acontece é automático, eu não consigo rir da pessoa. Em relação ao meu desempenho a interferência foi porque fiquei muito tímido. Eu não queria formar atividades em grupo porque eu era muito tímido aí, eu sempre ficava de fora e tinha que fazer recuperação. Fora isso nunca me afetou não. Por exemplo, eu deixar de fazer algo que eu podia fazer só ou por exemplo, um exercício ou prestar atenção na aula, isso nunca me afetou. Logo eu sentava

na segunda fileira da sala aí, é claro que na hora que jogavam apelido me desconcentrava mas, eu tentava não olhar pra trás. Eu tentava voltar a me concentrar logo. Só a questão da timidez mesmo e, quando eu parti pra agressão eu corri o risco de ter sido expulso da escola aí, o diretor ficou dizendo que se isso tinha acontecido eu tinha que ter procurado a coordenação pra denunciar. Como se não acontecesse na frente dos professores, dentro de sala. Eu sofri bullying. O que as pessoas tem que fazer, eu sei que é difícil, eu sei porque eu passei por isso; o que você tem que fazer é procurar uma forma de que aquilo não aconteça, que aquilo fique parado ali não aconteça. Você não pode dar a bateria pro bullying continuar acontecendo. É difícil não ser afetado; falar é fácil, difícil é fazer. É difícil negar, é comigo. Se juntam muitas pessoas pra falar de mim! Eles apontam, eles deixam claro pra você que eles estão falando pra você; estão falando de mim e se eu procurar ajuda o que iria acontecer? Eles podiam passar de agressão verbal pra agressão física! Tinha medo de falar pros meus pais, pros responsáveis da escola porque se eu falasse o que iria acontecer comigo e, se nada acontecer? Como é que iria ficar? Iria ficar pior! Não consegui lidar à sangue frio com isso; é algo provocante e irrita também mas, acima de tudo te magoa, te enfraquece, te deixa com a autoestima baixa, me feria. Mas, se não tivesse conseguido lidar com essas feridas, não conseguiria ser pessoa que sou hoje, iria ser uma pessoa fraca que iria continuar dando atenção pro que acontecia e na verdade ia até atrapalhar porque ele não ia conseguir lidar com certas situações que eu lido hoje porque hoje, quando eu passo por uma situação muito vergonhosa eu consigo até rir. Não me afeta tanto. No momento que acontece só dói e, você fica acuado demais como você estivesse no canto da parede e os outros lá em volta. O bullying é uma coisa horrível! Ele magoa muito, ele fere. Quando você passa muito tempo com aquilo você até se acostuma mas, é algo que não deve acontecer porque, influencia muito na personalidade da pessoa, nas suas características, a forma como ela vê a vida. O que não aconteceu que deveria acontecer era que os professores percebessem porque geralmente o meu perfil de aluno na época era retraído, eu não falava muito. Essas pessoas que ficam mais retraídas na sala de aula são as que mais sofrem. As vítimas geralmente não procuram ajuda. Os professores ao invés aos poucos tem que falar na sala. Devia ser bolada uma estratégia pra fazer com que aquilo pare e responsabilizar um pouco mais o que começa porque geralmente uma pessoa começa a prática e espalha pros outros. A pessoa que faz isso ela tem uma vida triste, ela é uma pessoa infeliz que não tem felicidade. Ela não consegue extravasar, expressar a infelicidade dela e, ela não quer sentir. Pra mim o que ela sente ela joga pra outra pessoa, pra outra pessoa passar pelo que ela está passando, de maneira até pior que é o que deve acontecer em outros casos. O bullying não é nenhum ideal, é real! Pode acontecer com qualquer um, qualquer período da vida. Ele deve ser combatido. Tem que ter mais palestras, mais incentivos, mais orientação. Porque o bullying é um crime. Mais orientação com as pessoas que fazem isso. As pessoas tendo orientação, tendo base do que ela pode fazer, qual o direito dela, qual o dever dela em função disso, ela pode gritar, ela pode ajudar as pessoas que não sabem ainda e que passam por aquilo e, incentivar que a pessoa respeite o outro porque se ela não respeita a outra pessoa ela não vai ser respeitável. A partir do momento que eu desrespeito outra pessoa eu dou todo o direito de ela vir me desrespeitar também. Eu não vou

poder dizer nada porque eu fiz algo com ela, algo triste, que magoa muito. O bullying na hora é algo tão, tão chato, que na hora que acontece com você, você não consegue lidar com aquilo de uma forma a resolver, você consegue lidar com ele depois do que acontece. No momento a única coisa que você sente ou consegue é ficar em silêncio. Quando eu não dava atenção, mesmo acontecendo tudo aquilo eu me sentia fraco. Em alguns casos pode até levar a pessoa a cometer suicídio. Marca. Você não vai esquecer nunca porque é algo que aconteceu com você e você não tem como mudar isso. E que tivesse mais também conversa com os pais dos alunos porque isso acontece. Eu não falei pro meu pai e nem pra minha mãe. Eles só sabiam porque eles viam, a escola era perto. O CAIC era perto de casa e eles viam porque particularmente eu não contei pra nenhum dos dois. Sempre ficou mais pra mim mesmo. Nunca falei pra ninguém. Uma forma de combater o bullying é com os amigos também. Você não tem amigo, você é mais fraco ainda, você fica mais vulnerável, não tem pra onde recorrer. Muitas vezes meus pais não perguntam como foi o dia na escola porque eu acho que se perguntassem na época eu não ia conseguir mentir, eu não ia dizer: - Ah, meu dia foi ótimo! Ah, gostei muito da escola! Eu não ia conseguir dizer porque era mentira. Se eu passava por aquilo o dia inteiro e eu chegar em casa e ainda conseguir bolar uma mentira, isso eu não conseguiria. Se os pais não perguntam pelo seu dia, você vai lá falar pra que? Se ninguém quer saber, como foi seu dia? Eu não falava e como nunca me perguntaram. Agora o que eu quero falar para encerrar o depoimento é que tem que oferecer um suporte pra pessoa que sofre bullying porque ela tem que sentir, ela tem que se sentir segura, ela tem que saber que aquilo pode acontecer, que aquilo não é certo acontecer com ela, que ela pode reagir àquilo de uma forma melhor e, que muitas vezes pras pessoas que praticam aquilo não faz ele melhor do que ninguém, ele não vai passar de uma pessoa infeliz porque ela vai estar magoando outra, ele vai estar sendo cruel com outra pessoa; não vai ser legal. Se mostrar pra amigos pra conseguir ficar enturmado na sala. Isso pra mim não é certo que a pessoa use de outra para alcançar o que muitas vezes nem mesmo alcança e, quando alcança não é verdadeiro porque ela não fez da forma correta. As pessoas que já sofreram bullying só elas sabem o que elas passam e, que elas tem que falar porque se elas não falarem outra pessoa não pode falar por ela. Outra pessoa não vai saber o que ela passa. Cada pessoa interpreta de uma forma diferente. Ela vê de uma forma diferente, ela sente de uma forma diferente.

Entrevista 6 – (sexo feminino, 16 anos, aluna do 1º ano atualmente) - Bom desde muito pequena, eu sempre fui assim mais gordinha. Eu até tinha alguns amigos só que as crianças são um pouco maldosas. Com o passar do tempo, eu estava já no primeiro ano do ensino fundamental, começaram aquelas piadinhas e eu até relevava. Eu não contava pra minha mãe. Eu continuei e isso foi por um bom tempo, eu estudei no mesmo colégio por um bom tempo e isso foi ficando cada vez mais frequente. Teve um dia que minha mãe disse pra mim que ia me mudar de colégio. Tudo bem mudar de colégio talvez melhore. Quando eu cheguei no outro colégio foi até um pouco pior porque lá eram crianças maiores, mais velhas falavam coisas bem

piores do que as outras e isso me deixava muito, muito mal. Tinha dias que eu nem queria ir para o colégio e minha mãe achava estranho, perguntava porque que eu não queria ir pro colégio e eu dizia que estava doente, inventava muita coisa. Ela achou aquilo muito errado e teve um dia que ela foi lá no colégio. Foi perguntar pros professores se eu estava bem ou coisa assim. Eles disseram que até notavam que eu não estava muito bem porque eu não falava com ninguém, nem saía da sala. Só saía quando os meus pais iam me buscar. Na hora do recreio eles subiam porque lá no colégio tinha uma escada, minha sala era a última, eles subiam e começavam a falar muita coisa, eu chorava. Tinha dia que eu ia pra casa chorando. Depois disso eu fui pra outro colégio, já na quinta série. No Edson Cunha. Lá foi bem pior mesmo porque lá as pessoas são terríveis, elas fazem coisas horríveis com a gente. Eu estando lá comecei a andar com uma meninazinha que ela era muito legal e as pessoas xingavam muito ela. Aí começaram a me xingar também, diziam coisas horríveis, falavam que eu parecia um monstro. Falavam muita coisa, muita coisa mesmo e a cada dia que passava eu me sentia mais triste, mais triste e minha mãe dizia que eu estava muito errada e ela perguntava toda vez, todo dia, o que é que eu tinha e eu falava que nada. Passou uns três ou quatro meses. Eu estava lá no colégio, um menino chegou e falou assim pra mim, perguntou se eu não tinha medo de apanhar. Eu não entendi porque eu sempre fui grande e as pessoas diziam que eu podia bater nos outros mas, aí ele perguntou e eu falei “não”. Fui embora aí, ele continuou a ir atrás de mim e começou a me xingar. Vinha muita gente fazer a mesma coisa aí, eu fui embora. Isso era a hora da saída. Isso começou a se repetir todo dia. Todo dia ele chegava, vários meninos ficavam me xingando, botando apelido e tudo. Até que um dia eu decidi contar pra minha mãe. Eu contei pra minha mãe que eu não suportava mais ficar lá. Minha mãe foi lá na sala porque todo dia alguém me xingava, todo dia. Minha mãe foi lá. No dia que ela chegou eu estava na sala e um menino estava me chamando de “rolha de poço” aí, minha mãe chegou lá e ouviu e, ela perguntou porque que ele estava me chamando assim. Pegou e levou nós dois lá na direção. Aí foi que ela conversou, chamou a mãe dele, a diretora nem queria chamar porque os pais deles eram gente que mexia com coisas assim, com parte ruim das coisas. Mesmo assim tiveram que chamar a mãe dele e a mãe dele arrumou uma confusão muito grande. Brigou com a minha mãe e aí, minha mãe decidiu me tirar de lá. Minha mãe disse que não dava certo eu ficar lá. Minha mãe decidiu me colocar em outro colégio e nesse colégio por mais incrível que pareça, mesmo que ele tenha um renome muito sujo, o colégio é uma maravilha! Lá as pessoas eram ótimas. Elas nunca me trataram mal, muito pelo contrário elas gostavam de mim, gostavam de ficar comigo, nunca me xingaram de nada, me tratavam sempre pelo meu nome. Depois disso faz três anos que eu não sofro bullying assim dentro da escola, de outros lugares eu vejo mas, não dou muita importância. No colégio é muito ruim porque você tem que ir todo o dia. Você tem que aguentar muita coisa e aí, desde então eu estou assim mas, as pessoas dentro da escola elas passaram a me tratar bem coisa que não acontecia antes. Eu era uma pessoa que estudava muito, sempre fui uma criança que gostava de estudar e as outras sempre vinham pra cima de mim. “Ah! Faz isso, faz aquilo pra gente senão eu vou te bater” Depois disso nunca mais ninguém fez isso. Agora, a partir daquele dia, que eu entrei naquele colégio, que eu conheci pessoas novas, eu

senti que não devia ligar pra aquilo e é o que eu faço até hoje, eu não ligo pra o que as pessoas dentro do ambiente escolar dizem pra mim porque não vai fazer diferença e eu vou ter que esbarrar com elas todos os dias então, eu não preciso estar dando ouvidos ao que elas dizem, entendeu? Acho que acontecia isso pelo fato de eu ser muito calada. Eu sempre aceitava tudo o que eles diziam, sempre fui uma pessoa que se você disser pra mim que é assim é desse jeito que vai ser, entendeu? E isso piora mais se eu gostar muito de você. Por exemplo, meus tios eles sempre brigaram comigo, eles disseram vai ser desse jeito, eu sempre fui muito paciente, muito boba em relação a isso, eu aceitava muito o que eles diziam e eles continuavam lógico. Se você fala alguma coisa com uma pessoa e ela aceita você vai repetir de novo porque ela não vai falar nada. Eu só chorava, não tinha reação. Eram muitas pessoas. Uma vez, eu estava na segunda escola e lá as crianças gostam de correr, lá todo mundo corria; eu fui descer a escada aí, a professora me chamou pra ir brincar com eles; aí, um menino falou assim: - Mas como que ela vai brincar se ela não pode correr? Aí a professora disse: - Porque que ela não pode correr? - Porque ela é muito gorda! Eu fiquei mal, porque ele falou isso na frente de um monte de gente; eu simplesmente voltei, disse pra professora que ia no banheiro aí, voltei pra sala e fiquei chorando e isso se repetia várias vezes; toda vez que eu descia, pra passar pelo pátio pra ir beber água eles me xingavam de baleia, de muita coisa. Aí eu não descia mais. Eu passei a não descer mais. Só descia quando meus pais chegavam pra ir me buscar. Monstro, eles me chamavam de monstro e é engraçado porque eles me chamavam de monstro e depois disso quando eu ia contar pra diretora eles ficavam se fazendo de vítima, eles se juntavam todos pra dizer que era mentira e, eu acho que ela acreditava ou não. A diretora era amiga dos meus pais, ela gostava muito de mim então ela repreendia eles e eu ficava lá na sala da direção. Eu ficava lá brincando com os brinquedos que tinha mas, eu nunca saía pra brincar. A ação da escola era a de não deixarem eles fazerem mais coisas, sabe? Porque é horrível eles sabem. Eu tenho certeza que eles tem plena consciência que é ruim e como eu não queria está perto de ninguém, como eles não queriam que eu ficasse sozinha, eles me deixavam lá e, eu preferia mil vezes está lá brincando perto da diretora do que está lá na sala sozinha ou está no meio de um monte de gente que me fazia mal. Eu me responsabilizo com o que aconteceu comigo porque se eu tivesse tido uma reação de não de xingar nem nada mas, de ter saído daquele lugar, de falar com o diretor, óbvio só naquele segundo colégio a diretora realmente cuidava de mim, os professores tudo mas, nos outros não, pra eles eu era só mais uma aluna não tinha muito o que fazer. Quando eu fui pra rede pública, foi no terceiro colégio, é que piorava mesmo porque o diretor não estava nem aí pra aluno, nem professor, nem nada. Pra quem que eu ia falar? Eu me culpo por isso. Se eu tivesse feito alguma coisa, se eu tivesse saído de lá talvez não tivesse ouvido muita coisa. Eu me sentia uma pessoa horrível porque a gente vive no meio de outras pessoas e se elas te apontam um defeito, que no caso são mais de uma pessoa que te apontam um defeito, é óbvio que você vai procurar esse defeito, vai ficar se remoendo por dentro, vai dizer: -Eu realmente tenho isso! Então eu me sentia uma pessoa horrível, eu falava pra minha mãe que era muito feia e ela dizia pra mim pra eu parar de falar aquelas coisas porque ela gostava de mim do jeito que eu era mas, eu falava sempre pra ela: Ninguém gosta de mim só a senhora! Ela dizia que eu não

devia me importar com essas coisas; óbvio, evidente que eu ia me importar, até porque isso acontecia todo o dia. O melhor a se fazer não é revidar. A pessoa falou, te xingou e você revidar é você procurar um meio mais tranquilo possível de contornar a situação, se a pessoa tá aqui te xingando bem aqui você sai, se não conseguir controlar aquilo ali você sai e, vai pedir ajuda a quem realmente pode intervir ou não mas, simplesmente não fica ouvindo porque quanto mais você ouve mais isso gruda na sua cabeça e você: - Eu sou realmente isso! Eu sou realmente isso! Então é bom você não dar ouvidos, sair de perto, se afastar; quando eu fiz isso minha vida melhorou bastante em relação ao bullying. Os agressores, embora tenham tentado conseguir me fazer algum mal, eles fizeram parte do meu desenvolvimento, fizeram com que; se eu não tivesse sofrido tudo aquilo, conseqüentemente eu teria continuado uma pessoa calada e, eu não ia aprender a não me importar muito com que os outros falam sobre mim. Nesse sentido então, eu até agradeceria a eles. De um modo indireto. Não que tenha sido bom mas, foi algo que aconteceu; que acontece todo dia e comigo deu pra aprender; me ajudou a aprender alguma coisa então, não que tenha sido bom, uma maravilha porque isso é horrível. Pra os adultos eu diria que quando uma criança dá um sinal, por menor que seja, que eles procurem saber. Pode ser algo que está atormentando essa criança então, sempre que você vir uma coisa de errado com uma criança você tem que procurar saber o que é. Talvez ela se torne alguém como eu; talvez ela não consiga sair daquilo e se torne futuramente um adulto perturbado. Antes de qualquer coisa procurar ver o que está errado e tentar concertar antes que dê errado. Se uma criança ficar muito calada e chora bastante tem que insistir até ela responder por mais que ela não queira falar. Toda minha família sempre me impôs que se uma pessoa mais velha, maior, diz alguma coisa tenho que aceitar. Me sentia presa à isso. Não é tão fácil assim sair disso. As pessoas se aproveitam da situação quando te veem sentada, chorando, quieta, vão tentar te destruir mais e mais. Deveria procurar outras pessoas. Sair daquilo ali mas, não é fácil. Eu queria que aquilo ali acabasse, só queria que elas me vissem como eu era, uma criança boa que só queria ter amigo, só isso. Só que ninguém entendia, muito pelo contrário, aquelas pessoas massacravam aquela pobre criança que já sofria tanto. Eu penso que o bullying é como se fosse uma arma na mão de uma pessoa desequilibrada. Existem várias pessoas ao redor e ela está bem no meio. Ela pode atirar em qualquer pessoa, matar. Mal sabe ela que essa pessoa tem uma família, tem parentes, tudo, e, que essas mesmas pessoas vão sofrer. Então, quando você tem algo a dizer, embora seja alguma coisa muito ruim, você tem que pensar duas vezes, três, quatro vezes antes de falar pra uma pessoa. Qualquer coisa e, principalmente fazer brincadeira assim. Esse tipo de brincadeira destroem uma pessoa, é terrível então, antes de fazer gracinha; de fazer qualquer besteira que traumatize uma pessoa, você devia pensar antes de falar, antes de agir, entende? As pessoas deviam tentar se por no lugar do outro antes de fazer esse tipo de brincadeira, porque as conseqüências são terríveis, impossibilita a gente de ter coisas, de ter um convívio social melhor. Minhas notas eram até boas mas, em compensação, eu não conseguia prestar muita atenção. Eu fazia uns desenhos, na escola, que as professoras achavam meio estranho. Elas chamavam minha mãe por diversas vezes. Desenhavam umas coisas que não lembro muito bem mas, elas eram bem feias e a minha mãe perguntava porque que eu desenhava

aquilo e eu não sabia dizer pra ela e, a cada dia que passava a gente tinha aula de arte e eu sempre desenhava coisas feias. Fazia monstrinhos. Sabe aquele filme monstros do armário, eu desenhava eles só que escrevia umas coisas, desenhava um monte de coisas; eu sempre me desenhava lembro; eu sempre me desenhava como as pessoas me descreviam. Me desenhava uma bola e botava meu nome em cima; e, a professora perguntava porque isso e, chamava meus pais mas, em casa eu também fazia muito essas coisas. Quando a coisa ficou mais séria. Quando eu entrei na quinta série, eu comecei a tirar notas muito ruins. Minhas notas ficaram uma porcaria e, cada vez que passava eu tirava uma nota ruim. Depois recuperava. Ficou sempre nisso. Isso afetou, me afetou bastante; toda minha vida acadêmica e tudo mais. Dava pra mediar as coisas, dava pra ter uma boa nota; sempre passava de ano, embora ficava sempre de recuperação. Interfere! Interfere em tudo na nossa vida, até porque é na escola. Então, se é na escola isso agrava muito mais seu desempenho, entende? Porque você não consegue prestar atenção; fica remoendo na sua cabeça o tempo todo aquilo que as pessoas falam. As pessoas te olham de um jeito estranho. Você fica constrangido. Você não tem tempo pra pensar em estudar então, isso afeta e muito. Acho que as pessoas deviam pensar no mal que uma palavra faz pra uma pessoa. Tentar se por no lugar do outro antes de fazer qualquer coisa.